UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

PATRICIO DE ALBUQUERQUE VIEIRA

EPITÁFIO PARA LUÍSA E IRENE: PROSTITUIÇÃO, SOLIDÃO E MORTE NO ROMANCE BRASILEIRO

CAMPINA GRANDE - PB
2016

PATRICIO DE ALBUQUERQUE VIEIRA

EPITÁFIO PARA LUÍSA E IRENE: PROSTITUIÇÃO, SOLIDÃO E MORTE NO ROMANCE BRASILEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profª. Drª. Francisca Zuleide Duarte de Souza.

CAMPINA GRANDE - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Vieira, Patricio de Albuquerque
Epitáfio para Luísa e Irene [manuscrito] : prostituição, solidão e morte no romance brasileiro / Patricio de Albuquerque Vieira. - 2016.
198 p. : il. color.

Digitado.
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza, Departamento de Letras e Artes".

1.Estudos culturais. 2.Prostituição. 3.Representação. 4. Solidão. 5.Morte. I. Título.

21. ed. CDD 929.5

PATRICIO DE ALBUQUERQUE VIEIRA

EPITÁFIO PARA LUÍSA E IRENE: PROSTITUIÇÃO, SOLIDÃO E MORTE NO ROMANCE BRASILEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Sousa – UEPB
(Orientadora)

Prof. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz - UEPB
(Examinadora)

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel – UEPB
(Examinador)

Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz – UFCG
(Examinadora)

Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias – UFRN
(Examinadora)

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva – UEPB
(Suplente)

Às prostitutas de papel e de carne,

por amor e justiça.

AGRADECIMENTOS

A felicidade aparece para aqueles que
reconhecem a importância das pessoas que
passam em nossa vida.

Clarice Lispector

A *Deus Pai, Filho e Espírito Santo*, a Ele toda Honra e toda Glória, pois é Dele a vitória alcançada em minha vida.

À *Prof.ª Dr.ª Francisca Zuleide Duarte de Souza*, grande mestra, por ter "abraçado" a minha causa, acreditado na minha pesquisa e por me fortalecer nos momentos de desânimo. Agradeço, também, o carinho, os sorrisos, a generosidade intelectual, os livros emprestados e, acima de tudo, o respeito e o olhar humano direcionados aos sujeitos marginalizados, especialmente, às prostitutas. Sua alegria contagiou os nossos encontros, tornando-os mais prazerosos e frutíferos.

À *Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Soares de Queiroz*, pela disponibilidade, gentileza, atenção e colaboração no exame de qualificação e por compor a banca de defesa deste trabalho.

Ao *Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel*, por ter aceito o convite para compor a banca de minha defesa mas, sobretudo, pela disponibilidade e gentileza.

À *Prof.ª Dr.ª Josilene Pinheiro-Mariz*, por dizer sim, com um largo sorriso, ao convite para compor a banca de minha defesa e pela humildade e delicadeza demonstradas no processo de formação continuada de professores.

À *Prof.ª Dr.ª Valdenides Cabral de Araújo Dias*, por ter aceito o convite para compor a banca de minha defesa mas, sobretudo, pela disponibilidade, gentileza e respeito à pesquisa acadêmica.

Ao *Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva*, pela leitura zelosa do meu texto de qualificação e pelas arguições pertinentes que iluminaram o rumo desta pesquisa. Agradeço ainda pelo empréstimo de livros e pelas conversas sobre a indústria do sexo, a "putaria" e os detalhes que compõem a vida. Do profano ao religioso, do banal ao científico, guardarei sempre os seus ensinamentos.

Ao *Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues,* pela disponibilidade, amabilidade e leitura atenciosa da primeira versão desta pesquisa na qualificação.

Ao *Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI)* da Universidade Estadual da Paraíba e seu *corpo docente*, pela competência e honestidade intelectual. Agradeço também aos colegas do doutorado, pela partilha de saberes.

À S*ecretaria do PPGLI*, representada por *Aldaíza de Brito* e *Roberto dos Santos*, pela atenção e disponibilidade.

À *Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* -, pela concessão da bolsa de estudos nos últimos anos do curso de Doutorado, fato que possibilitou a compra de livros e a minha participação em eventos acadêmicos e científicos, além da realização de parte da pesquisa de que resultou esta tese.

Ao escritor *José Condé* (*in memorian*) e à romancista *Maria Valéria Rezende*, pela escritura dos romances *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, respectivamente, e pela maneira deslumbrante de registrar o mundo e as suas criaturas/personagens, em especial, a prostituta.

Aos meus pais, *Pedro Albino e Francisca Maria*, às minhas irmãs, *Patrícia Albuquerque* e *Poliana Albuquerque*, e ao meu sobrinho, *Pablo Miguel*, por toda manifestação de amor e afetos.

A *Gelson Nascimento, Jacó Moreira Maciel e Marizabel Toscano*, pela amizade e sensibilidade à formação continuada de professores.

A *Maria do Socorro Pinheiro*, pela amizade, humildade e parceria na jornada da pós-graduação.

Aos/às meus/minhas querid@s *alun@s* concluintes 2015 *e* à diretora *Socorro Miranda*, por compreenderem a minha ausência no colégio "O Ernestão".

Aos/às amig@s *Cláudia Lima, Jackelaine Almeida, Jorge Luiz Gomes (Dudé), Lidiany Nasário, Manassés Xavier* e *Patrícia Rosas*, pela energia positiva transmitida e pela cumplicidade.

Às amigas *Ana Alfrida* e *Geovânia Marinho*, pela elaboração das traduções do resumo desta tese.

A gratidão é o coração da memória.

Ditado francês

Balada de Santa Maria Egipcíaca

Santa Maria Egipcíaca seguia
Em peregrinação à terra do Senhor.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

Santa Maria Egipcíaca chegou
À beira de um grande rio.
Era tão longe a outra margem!
E estava junto à ribanceira,
Num barco,
Um homem de olhar duro.

Santa Maria Egipcíaca rogou:
- Leva-me ao outro lado.
Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.

O homem duro fitou-a sem dó.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

- Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.
Leva-me ao outro lado.
O homem duro escarneceu: - Não tens dinheiro,
Mulher, mas tens teu corpo. Dá-me teu corpo e vou levar-te.

E fêz um gesto. E a santa sorriu,
Na graça divina, ao gesto que ele fez.

Santa Maria Egipcíaca despiu
O manto, e entregou ao barqueiro
a santidade da sua nudez.

Manuel Bandeira

RESUMO

Esta tese é um estudo dos romances *Um ramo para Luísa*, de José Condé (1959), e *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005). O objetivo é refletir sobre a representação da prostituição feminina no universo literário, evidenciando a relevância do olhar estético ao inscrever o corpo prostituído numa sociedade que, efetivamente, traça regras/normas por vezes tirânicas para controlar o comportamento da mulher. Partindo da concepção de que prostituição é a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos parceiros e de experiências sexuais diversas, procuramos discutir por que à prostituta é negada a integração social, evidenciando o modo como a sociedade condena a meretriz à solidão e à morte. Fundamentamos nosso trabalho na compreensão de morte defendida por Chevalier e Gheerbrant (2009) e Schopenhauer (2013). Para análise do conceito de representação, tal como entendemos na nossa leitura, utilizamos os postulados de Chartier (1990) e Hall (1997). Já para discutir a solidão, valemo-nos dos estudos de Dolto (1998), Freud (1973) e Gikovate (2006). Outros trabalhos de temas pertinentes ao nosso estudo também foram utilizados com o intuito de ancorar análises e reflexões que desenvolvemos ao longo desta pesquisa. Reiteramos, outrossim, a importância de pensar sobre a temática da prostituição, haja vista que tal ofício exige uma (re)descoberta e uma inserção nas discussões acadêmicas e científicas.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Prostituição. Representação. Solidão. Morte.

ABSTRACT

This thesis is about the novels *Um ramo para Luísa*, by José Condé (1959), and *O voo da guará vermelha*, by Maria Valéria Rezende (2005). The objective of it is to reflect on the representation of female prostitution in the literary world, demonstrating the relevance of the aesthetic look to enter the body prostituted in a society that describes effectively rules that sometimes controls, in a tyrannical way, the women behavior. Starting from the idea that prostitution is a conscious practice of business which the body is used for money or another financial compensation and / or material, with the possibility of infinite partners and several sexual experiences, we try to discuss why the prostitute integration is denied socially, thus reflecting on the way how the society condemns the harlot to loneliness and death. This study was based on understanding death advocated by Chevalier and Gheerbrant (2009) and Schopenhauer (2013). To analyze the concept of representation, as we understand in our reading, we use the postulates of Chartier (1990) and Hall (1997). To discuss loneliness, we based our ideas according to Dolto (1998), Freud (1973) and Gikovate (2006) studies. Other papers of relevant issues to our study were also used in order to emphasize the analyzes and reflections that have developed along this research. The importance of thinking about the prostitution issue is reiterated, by considering that such a job requires a (re) discovery and an insertion in the academic and scientific discussions.

Keywords: Cultural Studies. Prostitution. Representation. Loneliness. Death.

RESUMEN

Esta tesis es un estudio de los romances *Um ramo para Luísa*, de José Condé (1959) y *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005). El objetivo es reflexionar acerca de la representación de la prostitución femenina en el universo literario, poniendo en evidencia la relevancia del mirar estético al insertar el cuerpo prostituido en una sociedad que, efectivamente, exponereglas/normas por veces de tiranía para tener el control del comportamiento de la mujer. Empezando por la concepción de que prostitución es la práctica consciente de negociación/cambio del cuerpo por dinero o por otra compensación financiera y/o material, con la posibilidad de infinitas parejas y de experiencias sexuales diversas, discutimos por que la prostituta es negada a la integración social, evidenciando el modo cómo la sociedad condena a la ramera a la soledad y a la muerte. Embazamos nuestro trabajo en la comprensión de la muerte defendida por Chevalier e Gheerbrant (2009) y Shopenhuer (2013). Para análisis del concepto de representación, tal cual entendemos en nuestra lectura, utilizamos los postulados de Chartier (1990) y Hall (1997). Entretanto para discutir la soledad, recurrimos a los estudios de Dolto (1998), Freud (1973) y Gikovate (2006). Otras obras de temas pertinentes al nuestro estudio también fueron utilizados con el intuito de embazar análisis y reflexiones que desenvolvemos a lo largo de esta pesquisa. Reiteramos, por otra parte, la importancia de pensar acerca de la temática de la prostitución, en vista que dicho cargo requiere un (re)descubrimiento y una inserción en las discusiones académicas y científicas.

Palabras claves: Estudios Culturales. Prostitución. Representación. Soledad. Muerte.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Cartaz de divulgação da Associação de Prostitutas da Paraíba em 2011... 22

FIGURA 2: Deusa Inana-Istar, a deusa do amor 35

FIGURA 3: Astarte, a deusa do amor para os povos sumérios 36

FIGURA 4: Caricatura da prostituta francesa Madame Pommery 84

FIGURA 5: Capa do romance *Um ramo para Luísa*, de José Condé 127

FIGURA 6: Capa do romance *O voo da guará vermelha*, de Maria V. Rezende 141

FIGURA 7: Carta de Luísa direcionada ao jornalista 166

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Ordem cronológica dos romances brasileiros que inscreveram a figura da prostituta..... 121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA: O DESAFIO 15

CAPÍTULO I - PROSTITUIÇÃO FEMININA: A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS 29

1.1. Da prostituta: a constituição de um tipo social 29

CAPÍTULO II - A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NOS ROMANCES BRASILEIROS..... 70

2.1. A presença da prostituta nos romances nacionais: o alinhamento 72

CAPÍTULO III - SOLIDÃO E MORTE: DESTINO DA PROSTITUTA? 124

3.1. A representação da prostituição em *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*..... 126

3.2. De solidão e morte das prostitutas: um ramo para duas guarás 158

CONSIDERAÇÕES FINAIS – SENDO PROSTITUTA E MÃE, SENDO MÃE E PROSTITUTA: UM SER NO GERÚNDIO..... 178

REFERÊNCIAS 190

INTRODUÇÃO

A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA: O DESAFIO

Quem usa a prostituição é a sociedade, quem tem dinheiro para pagar por ela ou quem tem algo para trocar. A prostituição, na verdade, é uma troca; se quero usar meu corpo para um serviço sexual, uma fantasia sua, o que tem para me dar em troca?

Indianara Siqueira, prostituta.

A literatura tem o poder de representar os comportamentos e as condições das personagens de ficção, no espaço social de sua existência. Geralmente, para a análise de uma personagem, existe, não raro, uma explicação ao tratar de eventos determinados. Sob a ótica criadora do autor, situações, conflitos, atitudes e valores humanos podem ser representados na ficção, pela transcendência do real e consequente mergulho no mundo da imaginação.

No universo literário, percebemos ainda a inquietude do autor em relação aos conflitos individuais vivenciados no cotidiano. Nele, é possível criar uma supra-realidade em que o humano é retratado pelo filtro da criatividade do autor, o qual projeta nas suas personagens situações e condutas aceitas ou não, na sociedade, como "boas", "imorais", "corretas", "vulgares", entre outros julgamentos, pois "a interpretação que se faz do ser humano depende do tempo e das situações, e do espaço também" (FERRO, 1997, p. 11).

Dores e amores, sabores e dissabores, paixões, encontros e desencontros... Inúmeros são os sentimentos e as experiências que podem ser expressos/explorados pela literatura. Amores ilícitos, assassinatos, traição, vingança, prazer, jogos sexuais, enfim, todas as ações podem e passam a ser retratadas no campo da ficção, possibilitando ao leitor compreender melhor as relações humanas que, muitas vezes, não são inteligíveis na realidade, mas no tecido literário assumem uma nova conotação, um novo entendimento. Assim sendo,

> A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (COSSON, 2006, p. 17).

Como diz Antonio Candido (1999, p. 82), a produção e a fruição da literatura estão baseadas "numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia". A literatura aparece como força humanizadora e possibilita ao autor revelar o homem para depois atuar na formação dele, registrando as experiências humanas. Assim sendo, Candido conclui que:

> Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 1999, p. 83).

A literatura permite ao homem registrar suas vivências e interpretações da realidade e, nesse processo, demonstra o próprio homem e, em seguida, forma-o. Ou seja: a literatura satisfaz a necessidade universal de fantasia e contribui para a formação da personalidade. Isto fica evidente nos romances que lemos, os quais ilustram o pensamento humano e suas ações culturais. Antonio Candido (1999, p. 83) ressalta ainda que "a fantasia quase nunca é *pura*[1]. Ela se refere constantemente a alguma realidade: evento natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc." Desse modo, fatos cotidianos que mantêm vínculo entre a realidade e a ficção podem ser representados pela literatura.

Práticas silenciadas na história, como a prostituição – temática deste trabalho -, emergem e tornam-se objetos de investigação, graças à literatura, capazes de derrubar fronteiras, denunciar injustiças, retratar o homem em diversos contextos. Ao longo dos tempos, escritores imortalizaram personagens femininas que se prostituíram, como a Lucíola, de José de Alencar, e a Tereza Batista, de Jorge Amado, protagonistas de romances nacionais, refletindo e problematizando a violência e a corrupção do corpo, vítimas de uma sociedade preconceituosa e excludente. Visto por esse ângulo, "pode ser que a história da personagem seja a história de suas condições materiais de vida. A prostituição pode engolfar uma vítima de exigências e desigualdades sociais, ocorrendo o devastamento de certa área da personalidade feminina" (FERRO, 1997, p. 17). Tomada como um dado externo, a prostituição passa a ser objeto de investigação dos romancistas, cabendo à construção literária representar as condições da prostituta[2], embora isto possa se apresentar como um tema doloroso, haja vista o sofrimento de meretrizes que, encaradas como objeto, são reduzidas ao estado de "coisa", instrumento de sua própria carne, ou como ameaça real à manutenção da família, e por isto são lançadas à margem da sociedade, que as discrimina e as rejeita por "disseminar" uma chaga social que afeta o casamento, instituição privilegiada pela cultura patriarcal. Desse modo, a prostituição poderia também ser uma maneira de desestruturar o matrimônio ou com ele acabar (CARMO, 2011, p. 82).

---

[1]Grifo do autor.

[2] Neste trabalho, as expressões *prostituta*, *puta*, *meretriz* e *mulher da vida* são utilizadas com um único sentido, qual seja, mulher que comercializa o próprio corpo/sexo.

Historicamente, aos olhos da Igreja, qualquer prática sexual que objetivasse o prazer seria pecado. Assim, proibia-se o erotismo e o homem que procurasse prazer, dentro ou fora do casamento, estaria agindo contra os preceitos religiosos. Coube à Igreja alertar as prostitutas em relação ao pecado que estavam cometendo e os cristãos que procuravam a comercialização do sexo, na condição de clientes, deveriam ser condenados por participarem de um ato moralmente ilícito (CARMO, 2011, p. 71).

De acordo com Paulo Sérgio do Carmo (2011, p. 71), o tema da prostituição foi inicialmente discutido pelo apóstolo São Paulo, para o qual "o corpo, considerado como templo cristão, precisava ser protegido da luxúria proporcionada pelas prostitutas". Na sua prática evangelizadora, esse apóstolo se deparou com inúmeros ambientes públicos onde a prostituição vicejava, e ao condenar a devassidão, alertou a todos que "profanavam" o corpo sagrado com relações ditas pecaminosas. Segundo o apóstolo, a mulher era responsável pela introdução do pecado no mundo e, somente com a gravidez, ela teria a oportunidade de salvação, de remissão dos seus pecados. Este preconceito injusto e absurdo respondeu pela subalternização e desprezo da mulher durante séculos e, contemporaneamente, algumas culturas ainda segregam a mulher, para ela não induzir o homem em pecado com a exposição do seu corpo.

O autor salienta ainda que a prostituição foi considerada pela Igreja como pecado menor que o adultério e a homoafetividade e que somente a partir do século XIII, com os escritos de Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, haveria, na sociedade, justificativa para uma atividade contrária aos rígidos padrões morais da época e que se desenvolvia incontrolavelmente entre as pessoas que divulgavam e estabeleciam tais padrões. Vários religiosos comungaram com o pensamento de Santo Agostinho, um dos maiores pensadores cristãos do século V, responsável pela seguinte afirmação:

> Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim as prostitutas e seus similares, por mercenárias, vis e imundas que pareçam, são também necessárias e indispensáveis na ordem social. Retirai as prostitutas da vida humana e chegareis ao mundo da luxúria (De Ordine, Livro II, cap. IV, *apud* GASPAR, 1988, p. 68).

Ao considerar a prostituição como um “mal necessário”, Santo Agostinho foi interpretado, por muitos membros do clero, como tolerante à prática. Ao entender de maneira equivocada a ideia desse pensador, parte da representação do clero justificou a prostituição como um mal menor, capaz de proteger as mulheres castas e honestas. Conforme Paulo Sérgio do Carmo:

> [...] a Igreja contava com a prostituta, não apenas no sentido puramente carnal, uma vez que atuava como anteparo da virgindade das donzelas, mas também no sentido espiritual, na medida em que a meretriz concentrava a carga negativa da moral católica, pretendendo-se que as donzelas jamais se espelhassem nela. A valorização da mulher virgem e honrada tinha sua contrapartida na condenação da prostituição (CARMO, 2011, p. 72).

José Rivair Macedo (2002, p. 62) afirma que, em uma instância, “a prostituição, imoral, colaborava para a sanidade da sociedade, atenuando as tensões e servindo de válvula de escape para as limitações sexuais impostas pela igreja”. Ainda em relação à prostituição feminina, o estudioso ressalta que esta prática também era vista como uma possível solução para a violência juvenil desordenada, pelo menos era o que se comprovava na França. Já na Itália, o ato prostitucional resolvia o problema da homoafetividade masculina, uma vez que as meretrizes concorriam com os homoafetivos para conquistar a preferência dos homens. Por fim, a prostituição foi vista como “um remédio às fraquezas dos clérigos diante dos prazeres da carne. As restrições ao casamento de religiosos, impostos pela Igreja desde o século XII, levaram a muitos padres a viver com concubinas ou a se servir do trabalho das ‘mulheres alegres’” (MACEDO, 2002, p. 62).

Nos séculos XVI e XVII, a Igreja “fechava os olhos” diante do ofício da meretriz e agia de forma complacente e compreensiva com os clientes. Contudo, reafirmava que a troca de dinheiro por favores sexuais era pecado grave cometido por todos que estivessem envolvidos na prostituição. Quanto às autoridades, estas mantinham uma postura que oscilava entre a permissividade e a condenação das prostitutas, comprovando a compaixão e a reprovação da sociedade que fazia uso dos serviços sexuais delas (MACEDO, 2002, p. 63).

Na realidade, a prostituição foi sempre uma atividade ambígua. De um lado, era proibida pela Igreja por ferir os padrões morais da época e abalar o matrimônio e, por outro lado, era considerada um ofício que deveria ser realizado sem prazer, como forma de sobrevivência diante da miséria e da pobreza. O exercício da prostituição dividia a opinião dos teólogos, pois estes consideravam o casamento a solução para que os homens se livrarem da impudência, já que manter relação carnal fora do matrimônio era pecado grave, adultério. Como não podia sentir prazer com a esposa, o homem buscaria o deleite "na cama" da prostituta. Nesse sentido, o que diferenciaria o papel da meretriz e o da esposa é justamente o espaço no qual ambas estão inseridas: a primeira foi construída histórica e culturalmente como aquela figura pública que mercantiliza o corpo no domínio público, enquanto a segunda nasceu para cuidar do lar, para "encenar" a condição doméstica (LEGARDE, 1997). À prostituta é dado o direito da expressão do erotismo, enquanto para a esposa aquela seria uma prática pecaminosa.

Muitos estudiosos discutiram a relação antagônica entre a prostituição e o casamento. Sobre isto, Gey Espinheira (1984) observa:

> A sociedade através de seu sistema normativo padronizado estabelece gradações com relação à conduta sexual, tomando como referência o tipo ideal representado pelo casamento, exemplo de conduta sexual legitimada e prestigiada, enquanto que, no outro extremo, estão as relações extraconjugais, especialmente em se tratando de prostitutas, onde se verifica a compra do desempenho da pessoa na prestação de serviços sexuais (ESPINHEIRA, 1984, p. 34).

Na verdade, toda discussão da autora gira em torno da defesa moral da prostituição. Para ela é necessária uma desconstrução do discurso moral dominante e do questionamento de valores, pois estamos "presos" ao modo de valoração judaico-cristão que não permite o sexo efêmero, fora do casamento. Cinara Nahra (2000, p. 21) conclui que a concepção jesuítica de prostituição "considera que a prostituição resulta unicamente de condições adversas de vida e que os profissionais do sexo devem ser salvos, entendendo-se que salvá-los é afastá-los da profissão". Esta autora defende a ideia de que prostituir-se não é um ato imoral, visto que as pessoas têm o direito de escolha e poderem trabalhar na prostituição dignamente como outras trabalham nas mais diversas profissões. Para ela, imoral é obrigar alguém a se prostituir. Entretanto, a

partir do momento em que a mulher ou o homem decide comercializar o corpo por vontade própria não está cometendo um ato imoral, haja vista que a construção da cidadania dá-se no respeito às diferenças e ao direito de escolha de autodeterminação. Assim, conceber a prostituição como uma ação imoral é assumir uma postura preconceituosa e uma concepção moralista.

Ana Isabel Fábregas-Martínez (2000, p. 17) salienta que "a sociedade em geral analisa a prostituição a partir da perspectiva moralista da dominação masculina, que justifica sua existência considerando-a um 'mal necessário'". A prostituição assume, nesse caso, a função social de satisfazer a "necessidade biológica" do homem libidinoso, para que este não ameace as famílias de bons costumes. Seguindo esse raciocínio, a prostituta é vista como vilã, rechaçada pela censura, estigma que se configura como mecanismo de controle sobre sua vida. Gabriel Omar Alvarez e Marlene Teixeira enfatizam:

> Estigmatizam-se as prostitutas como vilãs que atentam contra a família estruturada; são acusadas de colocar em risco a honra e os "valores" da sociedade. Há ocasiões em que aparecem como "um mal necessário", que protege e ao mesmo tempo ameaça o casamento, contudo devem ser marginalizadas em um espaço construído por certos limites, que elas não podem extrapolar sem risco de serem perseguidas, punidas ou encarceradas (ALVAREZ; RODRIGUES 2009, p. 188).

Concebida como um "mal necessário", a prostituição encontra na expressão "a profissão mais antiga do mundo" uma forma de naturalizar esse ofício e reafirmar o domínio do homem sobre a mulher, enfatizando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos seus consumidores – os homens. Sob a ótica moralista e excludente, a prostituição passa a ser considerada como *desvio* de pessoas doentes que não se adequam ao padrão e às normas vigentes. Compreendido dessa maneira, o exercício do meretrício parece apagar outros papéis sociais executados pelas prostitutas noutras esferas, como por exemplo, a maternidade e o casamento. Sabemos que a mulher que se prostitui não se reduz ao sexo; ela tem direito à cidadania e ao respeito tanto quanto as demais mulheres da sociedade, independentemente da profissão que exerçam. Todavia, a puta foi compelida ao purgatório do esquecimento.

O nosso interesse em pesquisar sobre a prostituição e a prostituta teve início quando nos deparamos com o seguinte cartaz divulgado pela Associação de Prostitutas da Paraíba (APROS-PB)[3], situada em João Pessoa/PB, no ano de 2011:

Figura 1: Cartaz de divulgação da Associação de Prostitutas da Paraíba em 2011.

Com uma diversidade de cores e imagens, o cartaz despertou a nossa atenção não somente pela informação "Dia internacional da prostituta" (2 de junho) em destaque na parte superior, mas, sobretudo, pela real intenção de fazer este texto circular na

[3]A APROS-PB foi fundada em julho de 2001, com sede na capital paraibana, e tem como principais campos de atuação a prevenção da saúde e a promoção dos direitos das mulheres que se prostituem. A organização dessa associação realiza ações com mulheres, clientes e caminhoneiros, entre outros trabalhadores, em vários municípios da Paraíba, além de integrar a Rede Brasileira de Prostitutas. Mais informações sobre a APROS-PB podem ser encontradas no site <http://aprospb1.blogspot.com.br>.

sociedade: lutar pelo reconhecimento da profissão e pela melhoria da qualidade de vida das prostitutas. Cada detalhe presente no cartaz nos fez perceber quão ignorantes somos quando o assunto se trata da comercialização do sexo. Diante do cartaz, uma inquietação particular veio à tona: como a prostituição e a prostituta são representadas pela literatura? Logo surgiu a curiosidade de buscar na literatura a compreensão para a prática da prostituição e, de cara, uma constatação: as pesquisas realizadas no âmbito acadêmico e, em específico, no campo da literatura sobre o tema em questão ainda são escassas. Pensamos, então, que poderíamos contribuir para os estudos da prostituição na literatura tomando como objeto de análise romances brasileiros, por entendermos que esse gênero literário – o romance - constitui uma excelente porta de entrada para o conhecimento da leitura da prostituição feita por intelectuais de diferentes épocas. Como salienta a pesquisadora Margareth Rago (2008), é necessário perceber que a literatura pode revelar aspectos essenciais das formas de pensar e sentir de uma determinada sociedade:

> Os romances traduzem os anseios, captam as angústias, desejos de uma determinada época, e não apenas de uma classe social a que pertenceria o autor. Além do mais, a literatura constrói a sua representação do fenômeno, que tanto pode atuar como ponto de referência para o leitor, como responder às suas aspirações (RAGO, 2008, p. 31).

Rago destaca que Shoshana Felman (1998), em *La folie et La chose littérarie*, ao discutir a loucura, assegura ser a literatura o "único canal" pelo qual a loucura, na História, falou em seu próprio nome, ou pode ao menos abordar uma dada temática com relativa liberdade. Aqui nos apropriamos do pensamento de Felman para salientar que a literatura é uma via para falar da prostituição feminina com propriedade e relativa liberdade, problematizando-a e documentando-a na história.

Escolhemos dois romances nacionais a fim de investigar a representação da prostituta na literatura enquanto objeto estético: *Um ramo para Luísa*, de José Condé (1959), e *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005). A escolha não foi aleatória, pois se justifica primeiro pela excelência dos textos. Depois, pela relevância do tema enfocado (a prostituição feminina) e pela exiguidade da fortuna crítica dos escritores. Além disso, também se justifica pelo diálogo travado entre as duas

obras, sobretudo no que tange à temática e à atuação das protagonistas, mulheres solitárias e miseráveis que buscam no amor a fuga do mundo da prostituição. A isto também se soma o fato de que a comparação entre autores distintos, de épocas diferentes, proporciona aos leitores interessados na temática da prostituição uma curiosa reflexão sobre a visão acerca da prostituta no âmbito literário, possibilitando uma visualização dos possíveis aspectos semelhantes e divergentes entre a produção artística de ambos. Esta tese, portanto, possibilitará aos/às pesquisadores/as outras perspectivas de encarar e compreender as razões para a instrumentalização do corpo feminino.

No tocante ao *corpus* da pesquisa, salientamos a escassez das informações sobre os romances selecionados, principalmente a respeito da produção literária de Maria Valéria Rezende. Embora esta autora tenha vencido o Prêmio *Jabuti*– categoria romance - do ano de 2015 com a publicação do seu último romance *Quarenta dias*, há ainda necessidade de divulgação da sua escrita. A produção literária de Condé exige uma (re)descoberta e uma inserção do seu nome no lugar que lhe é direito pela relevância da literatura criada.

Traçamos alguns questionamentos norteadores da pesquisa: como a temática da prostituição vem sendo abordada nos romances brasileiros? De que forma a mulher adentra no mundo da prostituição? Qual o lugar da mulher prostituída? Uma vez prostituta, teria a mulher oportunidade de abandonar o ofício caso esse fosse o seu desejo? Para responder a essas questões, é preciso considerar, antes de mais nada, quais são as possíveis interpretações ditadas pelos romances em contento.

Acrescentamos que, para além desses questionamentos, outros ainda despertam a nosso interesse em relação ao tema, sobretudo porque a prostituta se encontra no imaginário social ora como artista, ora como mulher demoníaca, ora como vítima do sistema capitalista, ora como “dona” de suas próprias vontades, quando se prostituir é uma escolha da mulher e não uma imposição devido ao insucesso na vida, conforme vemos na obra *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond (1991). A prostituição é projetada em diversos gêneros literários, como o poema, a crônica, o conto, a peça teatral e o cordel. Manifestações artísticas outras como o cinema, o teatro, a novela televisiva, a pintura, a escultura e a música também tematizam a prostituição. Isto faz pensar quão relevante é a figura da prostituta para compreensão da história e da cultura

dos povos, visto que o exercício da prostituição se configura como uma prática milenar, à qual no decorrer do tempo as pessoas atribuíram sentidos diferenciados, ora manifestando seus aspectos positivos, ora ressaltando os negativos, conforme vemos figurados nos romances em análise.

As obras analisadas aqui tratam de um tema social, uma vez que problematizam o lugar da prostituta numa sociedade nitidamente preconceituosa e machista, que silencia as vozes de uma minoria, como a mulher que não se restringe aos serviços domésticos e à educação dos filhos e, que por isto, é atirada ao esquecimento, empurrando-a à vala comum dos marginalizados. Nosso objetivo principal é refletir sobre a representação da prostituição feminina no universo literário, evidenciando a relevância do olhar estético ao inscrever o corpo prostituído numa sociedade que, efetivamente, traça regras/normas por vezes tirânicas para controlar o comportamento da mulher. Inserido na linha de pesquisa Literatura e Estudos Culturais, adotamos para este trabalho o conceito de representação estabelecido pelo Stuart Hall (1997), para quem:

> Representação é uma prática, um tipo de "trabalho", que usa objetos materiais e efeitos. Mas o sentido depende não da qualidade material do signo, mas da sua função *simbólica*. É porque um som particular ou uma palavra toma o lugar de, *simboliza* ou representa que ele/ela pode funcionar, na linguagem, como um signo e proporcionar sentido – ou, como dizem os construcionistas, significar (signi-i-fy) (HALL, 1997, p. 26). (Grifos do autor).

De acordo com o autor, representação é uma prática que produz sentidos construídos histórica e culturalmente. Logo, os sentidos podem ser reconstruídos e, por conseguinte, as representações estão em contínua mudança, sendo impossível produzir um instante final de verdade absoluta. Nesse viés, entendemos as diversas interpretações para a prostituição no decorrer do tempo. Nosso olhar sobre a forma como este ofício encontra-se representado nos romances selecionados constitui um exercício de leitura e uma compreensão de como o objeto estético organizou os elementos discursivos para inscrever a condição da mulher prostituída.

Percebendo a prostituição como uma negociação do corpo feminino, haja vista que as protagonistas dos romances selecionados - Luísa e Irene - praticam o sexo em

troca de alguma compensação, geralmente por dinheiro, traçamos alguns outros objetivos de natureza mais específica, a fim de entender como a prostituta se projeta na tradição literária. O primeiro é fazer uma leitura dos romances *Um ramo para Luísa* (1959), de José Condé, e *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende, evidenciando o conceito de prostituição que emana dessas obras enquanto objeto estético que problematiza um evento social discriminado pela sociedade heteronormativa. Uma vez reconhecida a concepção de prostituição adotada por essas obras, o segundo objetivo pretende analisar o lugar da prostituta no tecido literário quando essa personagem assume o papel de protagonista. Por fim, o terceiro objetivo reflete sobre o diálogo entre os romances, produzidos em épocas e por autores distantes temporalmente e distintos, com duas dicções marcadamente diversas.

Ao analisar a condição da prostituta nos livros *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, de José Condé e Maria Valéria Rezende, respectivamente, guiamos o nosso trabalho pela frase de Simone Beauvoir (1980), para a qual "não se nasce mulher, torna-se mulher", acreditando que não se nasce puta: torna-se puta[4]. E ao se tornar, sob que condições isto acontece? Para responder a tal indagação, ancoramos esta tese nos estudos de gênero pelo fato de englobarem todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. Além disso, o conceito de gênero, despontado na produção historiográfica brasileira, a partir de 1990, com a tradução de *Gênero: uma categoria de análise histórica*, de Joan Scott, e da iniciativa de pesquisas de historiadoras brasileiras, auxilia no questionamento da noção de cultura, ciência, arte, cultura, ética, educação, literatura que usufrui, de um modo praticamente inabalável, de uma posição privilegiada.

Ademais, o vocábulo *gênero* é uma categoria de análise utilizada para pensar a distinção entre atributos culturais conferidos a um e outro sexo. Sob essa perspectiva, a diferença biológica é a marca elementar e universal da alteridade, e o conteúdo dessa diferença transcende o biológico e se inscreve no cultural e no histórico (CAMPOS,

[4]De acordo com José Carlos Sebe B. Meihy (2015, p. 25), a palavra "puta" é uma variação do costume dos banhos nas termas, onde homens e mulheres se lavavam diariamente, "conforme prática assimilada da medicina de Hipócrates, que apregoava a vulgarização da higiene diária como dádiva da deusa Higeia, protetora da saúde e da limpeza".

1992). O termo *gênero* veio sinalizar para o fato de que, ao longo da vida, homens e mulheres se constituem homens e mulheres através das mais diversas instituições, dentro de um processo não linear, progressivo e, portanto, nunca finalizado. Pensando assim, acreditamos que a prostituta faz parte de uma instituição – a prostituição – que a constrói a seus moldes, ditando regras de conduta, habilidades e papel definido para quem é desta instituição voluntariamente ou não.

Diante desse quadro, defendemos a tese de que por força dos rígidos códigos comportamentais prescritos por uma sociedade patriarcal e, em boa parte, calcados na moral cristã, a prostituta ocupa um lugar sempre à margem, não podendo vir ao centro. Para que a meretriz ocupasse uma posição de centralidade seria necessário que fizesse parte da família socialmente "abençoada" pela Igreja, constituída com votos de amor e respeito. Como lhe é negada a condição respeitável de esposa e mãe de família, resta-lhe o desprezo, a marginalidade e a solidão. Nessas condições de sobrevivência, sem a proteção e o amparo de parceiro constante, a prostituta torna-se vítima do desamparo e da solidão, assaltada por doenças (Irene) ou por clientes violentos pelas mãos dos quais encontra a morte (Luísa).

No que tange à organização deste trabalho, elaboramos três capítulos. O primeiro, intitulado *Prostituição feminina: a construção dos discursos*, é dedicado à discussão da origem, conceituação e história da prostituição na cultura Ocidental. Além de apresentarmos conceitos de prostituição, evidenciamos os vários discursos construídos em torno desse ofício, principalmente o que dizem os estudos das Ciências Sociais, da História e do Movimento Feminista acerca do escopo desta tese: a prostituta e a prostituição. Discutimos ainda as causas originais da prostituição, evidenciando posicionamentos daqueles que se debruçaram sobre o assunto, considerando que o exercício do meretrício é um evento social de relações complexas, ora religioso – em tempos remotos, claro - ora profano, que resistiu às adversidades do tempo e atravessou gerações.

No segundo capítulo, *A representação da prostituta nos romances brasileiros*, traçamos um alinhamento dos romances nacionais que destacam a figura da prostituta, independentemente dela assumir ou não, na narrativa, a posição de protagonista. Tecemos, embora que de forma breve, alguns comentários a respeito da condição da meretriz nas obras elencadas, que vão desde 1860, quando da publicação de *Lucíola*, de

José de Alencar, ao ano de 2005, quando Maria Valéria Rezende lança *O voo da guará vermelha*, haja vista que o nosso intuito foi observar como a prostituta está representada no universo literário e como os romances publicados dialogam com o *corpus* de análise desta tese. Estamos conscientes de que algumas narrativas ficaram de fora do nosso alinhamento, mas a proposta foi observar década por década a publicação dos romances que poetizam a prostituta. Uma vez fazendo isto, pensamos ser suficiente o número de obras destacado para comprovar que a partir da segunda metade do século XIX – ainda no auge do movimento artístico denominado Romantismo – à contemporaneidade, a prostituta povoa o tecido literário, revelando dramas da vida real nas folhas de ficção.

O terceiro capítulo, intitulado *Solidão e morte: destino da prostituta?*, é destinado à análise do *corpus* e está dividido em duas partes. Na primeira, analisamos como os romances escolhidos representam a prostituta e a prostituição. Na segunda parte, considerando-se as discussões realizadas na primeira secção, procuramos, observando as categorias temáticas solidão e morte, demonstrar as intersecções entre *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, apontando o lugar destinado à prostituta nesses romances.

CAPÍTULO I

PROSTITUIÇÃO FEMININA: A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS

A prostituta que só entrega o corpo é talvez menos escrava
do que a mulher que tem por profissão agradar.

Simone de Beauvoir (1980)

1.1 Da prostituta: a constituição de um tipo social

> - Quem é esta senhora? Perguntei a Sá.
>
> A resposta foi um sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e de fatuidade, que desperta nos elegantes da Corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.
>
> - Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...
>
> Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade (ALENCAR, 2004, p. 19-20).

A cena acima é de José de Alencar, extraída de seu romance *Lucíola*, publicado em 1862. A ação acontece no adro de uma igreja, local onde Paulo, recém-chegado à Corte, é apresentado a Lúcia, personagem central, por um amigo em comum, o Sá. Essa passagem revela uma das possibilidades do modo como as cortesãs poderiam ser identificadas na segunda metade do século XIX. A protagonista recebe um tratamento diferenciado por parte de Paulo e Sá, haja visto seu papel social, prostituta, e por isto, não merecedor do título "senhora", sendo excluída do espaço social, considerada mulher indecente.

O fato de Sá afirmar que Lúcia não era uma senhora desqualifica-a moral e socialmente, e deixa transparecer que beleza, erotismo e prazer são atributos das prostitutas. Soma-se a isto a ausência de uma companhia masculina, o que gera o preconceito e a suspeita de que "mulher sozinha" não é "mulher de respeito", pois esta não desfila em público sem estar ao lado de um homem. Sob a rígida moral do século XIX, a mulher desacompanhada era considerada desonrada.

Nesse período, a beleza da mulher dita "perdida" era a das mulheres dos salões, o que mostra com nitidez o preconceito e o cinismo dos jovens aristocratas e burgueses, os quais procuravam as prostitutas para diversão e canalização dos seus desejos sexuais e, em contrapartida, buscavam as moças de salões para ouvirem versos de amor cortês, aspirando um bom casamento. Deduz-se da cena que prazer e instituição não podem ser conjugados "nesse universo de convenções e repressões que se chama a 'boa sociedade'" (DEL PRIORE, 2011, p. 84).

A prática da prostituição nem sempre foi interpretada como chaga social. Tempos houve em que a troca de sexo por dinheiro era um ato devocional em tributo à Grande Deusa. Jovens devotas praticavam o sexo recebendo recompensas que ficam no templo para manutenção do culto. Diferentemente da passagem transcrita, a prostituta – a sacerdotisa consagrada - já foi respeitada e reverenciada pela sua doação à Deusa nos templos sagrados que, em troca, lhe oferecia prosperidade e fertilidade. No decorrer do tempo, a prostituição foi considerada pecado e as mulheres que se submetiam a esse ofício ficaram à margem da sociedade e caíram nas malhas do preconceito, da discriminação.

Considerando a comercialização do corpo como um exercício milenar, neste capítulo apresentamos uma revisão da literatura acerca dessa prática, sobretudo o que dizem os estudos das Ciências Sociais, da História e do Movimento Feminista acerca do escopo desta tese: a prostituta e a prostituição. Discutimos as causas originais da prostituição, evidenciando posicionamentos daqueles que se debruçaram sobre o assunto, considerando que o exercício do meretrício é encarado como um dado externo, tomado como objeto de preocupação de pesquisadores de várias áreas, constituindo-se como tema relevante para o discurso literário, médico, psicanalítico, religioso, social, mercadológico, entre outros.

Recorrente na literatura universal, a prostituição é uma temática complexa e abrangente, com nuanças e explicações que variam no tempo e no espaço. Sempre atual, o tema desperta a curiosidade e o fascínio por parte de estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Discutir sobre a prostituição é adentrar nas malhas da economia sexual presente em todas as civilizações, no seu espaço simbólico e no imaginário cotidiano, o que demanda não apenas uma reflexão acerca do fenômeno multifacetado como dado histórico e construção social, mas uma abordagem literária sobre a conduta humana que se faz revelar através da literatura feita pelo e para o homem. A prostituição é, nesse sentido, um tema crucial para revelar a vida cotidiana e demonstrar como mulheres foram silenciadas na sociedade ao longo do tempo.

Muitos autores discordam desse clichê e destacam os pastores ou as parteiras como trabalhos mais remotos[5]. Além disso, asseguram que este pensamento do senso comum "serve para defender o fatalismo e evitar que qualquer questionamento sobre o assunto que provoca mal-estar" (LEGARDINIER, 2009, p. 198). A interpretação dessa prática social deve estar engajada no período histórico em que se pretende analisar a prática prostituinte, pois para cada tempo assume uma conotação diferente. Quanto à significação, a etimologia da palavra prostituição foi emprestada do latim *prostituere*,

[5]A título de informação, destacamos que Paulo Francis, nas orelhas do livro *A prostituição é necessária?*, de Otávio de Freitas Júnior e et. al., publicado em 1966, pela Editora Civilização Brasileira S.A., explicita que a prostituição é tão velha quanto a humanidade, mas não é a profissão mais antiga do mundo. Para ele, a mais antiga das profissões é a de assassinato, que continua popular, sobretudo se praticada nas guerras (foi nas tribos primitivas que surgiu o assassinato antes mesmo da prostituição). Paulo Francis destaca ainda que há uma grande diferença entre os assassinos e as prostitutas, qual seja, diferentemente dos primeiros, as segundas nunca tiveram prestígio social, talvez pelo fato de o homem ainda não ter bom entendimento das relações com o sexo.

que significa expor publicamente, dedicar-se à vida de pecado, desonrar. Prostituir-se representa a troca de sexo por dinheiro ou por alguma compensação financeira ou material, possibilitando uma infinidade de parceiros e de experiências sexuais, sendo esta a definição mais difundida.

A história registra que a prostituição já foi uma prática respeitada e relacionada a poderes sagrados, mas, com o surgimento da sociedade patriarcal, a independência econômica e sexual das mulheres sofreu muitas restrições e, consequentemente, as prostitutas começaram a ser depreciadas, desvalorizadas. Todavia, reforçamos que nem sempre a prostituição se configurou como um exercício estigmatizado pelas sociedades. Expliquemos.

Fato não reconhecido pelas sociedades patriarcais da contemporaneidade, no princípio era o matriarcado, época em que a mulher era considerada criadora da força da vida. Além disso, passou a ser adorada como a Grande Deusa e, nessa posição, ficava no centro de toda a atividade social (ROBERTS, 1998, p. 19). Uma das ações mais apreciada e realizada pela mulher no período da Idade da Pedra era a produção de crianças, de seus próprios corpos. Este fato associado às atividades essenciais desenvolvidas pelas mulheres para organizar o mundo trouxe para esta classe a valorização e o controle da própria sexualidade. Nesse contexto, a organização da vida social era centralizada nas mães e nos cuidados dos seus filhos – a atividade matrifocal.

Em sociedades matriarcais da Antiguidade, as pessoas viviam associadas à natureza e cultuavam deuses que ofertavam a abundância da terra e a fertilidade dos animais e das mulheres. Inspirados pelos deuses, esses povos praticavam rituais religiosos dentro e fora dos templos para agradá-los, oferecendo à Deusa da fertilidade o que tinham de melhor, como objetos valiosos, animais, alimentos e a própria vida.

Nickie Roberts (1998, p. 21-22) explicita que a partir do estabelecimento das primeiras comunidades agrícolas por volta de 10.000 a.C., a religião da deusa se difundiu em templos intencionalmente construídos. Logo mais, os povos matriarcais constroem as primeiras cidades em torno de seus templos. Tudo parecia tranquilo até que, por volta de 3000 a.C, tribos de guerreiros, comandadas por homens nômades, invadiram as terras matriarcais, fazendo-as obedecer ao poder do sexo masculino. A autora enfatiza que as primeiras civilizações da história – Mesopotâmia e Egito –

conviviam com uma forma híbrida de poder, mas já com sinais de um equilíbrio tendencioso ao patriarcado. Disto resultou a subversão do *status* das mulheres, formulando novas e restritivas leis. Foi exatamente nesse momento da história - segundo milênio a.C. - que a prostituição sagrada passou a ser visível na esfera social e, consequentemente, registrada pela primeira vez na escrita: "A prostituição sagrada foi na verdade a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações do mundo" (ROBERTS, 1998, p. 22).

O quadro da prostituição nas grandes civilizações da Mesopotâmia e do Egito começa a mudar quando os novos governantes – homens – tomam consciência de que era necessário derrubar a forte influência da religião da deusa. E, para tanto, decidem colocar nos templos sacerdotes masculinos para controlar e explorar as mulheres nesses espaços. Não demorou muito tempo para as sacerdotisas serem vencidas e depostas do poder. Para Nickie Roberts (1998), a história da prostituição tem início com as sacerdotisas do templo que, concomitantemente, eram mulheres sagradas e prostitutas, ou seja, as primeiras prostitutas da história. A pesquisadora destaca que a Grande Deusa[6], conhecida a princípio como Inanna e mais a frente como Ishtar, deteve o poder durante todo o nascimento e o berço da civilização do antigo Oriente Médio, do começo da história até por volta de 3000 a.C., sendo adorada e reverenciada como uma prostituta nos rituais religiosos.

Segundo Nancy Qualls-Cobertt (1990), a Prostituição Sagrada (*Hierà Porneía*) era um costume muito antigo presente em quase todas as comunidades do Oriente Médio (Ásia Menor, Babilônia, Fenícia e Síria), em algumas partes do território grego (Corinto, Pafos e em Ámato, no Chipre) e há registros históricos dessa prática na África e na Índia. O ato de algumas mulheres - as *hieródouloi* ("servas sagradas") - atuarem como prostitutas nos templos da Deusa do amor era um hábito comum, não mal visto, por essas civilizações. Ao manter relações sexuais, visando ao pagamento, em honra à divindade, tais mulheres recebiam em troca fertilidade e prosperidade, não obstante o dinheiro permanecesse no tesouro do templo. Assim sendo, "a prostituta sagrada é a

[6] Conforme Nancy Qualls-Corbett (1990, p. 73), a deusa do amor, da paixão e da fertilidade era conhecida por nomes diferentes em épocas e locais diferentes: na Suméria, ela chamava-se Inana; na Babilônia, Istar; na Pérsia, Anaíta; na Fenícia, Anat; no Egito, Ísis; na Lídia, Cibele; na Grécia, Afrodite; e em Roma, Vênus.

mulher humana que através de ritual formal ou de desenvolvimento psicológico, conseguiu conscientemente conhecer o lado espiritual do seu erotismo, e vive-o na prática, de acordo com suas circunstâncias individuais" (QUALLS-CORBETT, 2002, p.95).

Com o intuito de agradar ao divino e ao humano, muitas jovens ofereciam o ato sexual, numa *performance* de louvor e devoção à Deusa do amor e da paixão, em nome da qual imolavam a virgindade antes do casamento. Na prostituição sagrada, havia fortes relações entre a sexualidade e a espiritualidade, pois a Sacerdotisa - a Prostituta Sagrada - era vista como uma perfeição da Deusa que acendia no homem desconhecido os sentimentos de desejo e respeito, e representava o *hieros gamos*, ou seja, casamento sagrado, unindo-se de forma carnal ao seu parceiro, conhecido como o hierofante.

Nancy Qualls-Cobertt (1990) sublinha ainda que, em crônicas antigas, a prostituta sagrada, em sua encarnação da deusa, era responsável pela felicidade sexual, e transformação dos gestos rudes e animalescos dos homens em sinais/atos de amor. A autora sustenta tal ideia reproduzindo o pensamento de Hesíodo:

> a mágica sensual das prostitutas sagradas, ou Horae "suaviza o comportamento dos homens". Em civilizações posteriores, elas eram frequentemente conhecidas por Amáveis ou Graças, uma vez que se referem à combinação única de beleza e bondade chamada *charis* (latim, caritas), mais tarde traduzido por 'caridade'. Na verdade, era como a *karuna* hindu, combinação de amor-de-mãe, ternura, conforto, percepção mística e sexo (*apud* QUALLS-CORBETT, 1990. p. 43). (Grifos da autora).

Nesse sentido, "a prostituta sagrada é a mulher humana que através de ritual formal ou de desenvolvimento psicológico, conseguiu conscientemente conhecer o lado espiritual do seu erotismo, e vive-o na prática, de acordo com suas circunstâncias individuais" (QUALLS-CORBETT, 2002, p.95).Quando encarnava a deusa do amor, a prostituta sagrada representava a sexualidade feminina reverenciada e unia espiritualidade e sexualidade. A mulher que aceitava a deusa interior se perfumava, se embelezava e se valorizava, para reverenciar o feminino em si. Originária do sistema religioso matriarcal, a prostituição sacra era despida de qualquer forma de discriminação e estigmatização. Somente com a preponderância do sistema patriarcal sobre o

matriarcal o caráter sacro do feminino foi abolido, relacionado ao pecado e ao demoníaco. A igreja católica, por sua vez, encarregou-se de realizar a cisão entre o corpo e a espiritualidade, daí o que diz respeito ao corpo poderia ser considerado pecado e, por isto, deveria ser afastado da religiosidade.

A deusa do amor, da paixão, da guerra e da morte – deusa multifacetada, doce e sonora – era chamada pelos povos babilônicos de Istar, a Grande Deusa Har, Mãe das Prostitutas, que se apresenta, na imagem a seguir, como "KililiMushriti" ou "Kilili que se inclina para fora"[7]:

Figura 2: Deusa Inana-Istar, a deusa do amor[8].

Outra deusa que garantia a fecundidade da terra e das esposas nas civilizações antigas, como a de Urbaal, era Astarte, deusa cujos poderes permitiam-lhe deitar com a

[7]Expressões que indicam a pose da prostituta Istar sentada à beira de uma janela, retratada em um antigo entalhe na parede de mármore.
[8]Imagem retirada do livro *A prostituta sagrada:* a face eterna do feminino, de Nancy Qualls-Coubett (1990, p. 25).

bela sacerdotisa dos ritos, no seu templo sagrado, por sete dias e sete noites durante as festas religiosas de ação de graças:

Figura 3: Astarte, a deusa do amor para os povos sumérios[9].

Entretanto, a imagem da prostituta sagrada não permaneceu por muitos anos, pois a deusa deixou de ser venerada e seus aspectos físicos e femininos foram

[9]Imagem retirada do livro *A prostituta sagrada:* a face eterna do feminino, de Nancy Qualls-Coubett (1990, p. 12).

declarados demoníacos. Com a ascensão do sistema patriarcal e patrilinear, em detrimento do sistema matriarcal e matrilinear, o comércio, a guerra e a expansão passaram a ser o alvo dos homens, ocorrendo, assim, a fragmentação dos padrões predominantes, surgindo novas estruturas. A igreja, por sua vez, já não reconhecia os atributos da deusa, fato responsável pelo abismo entre corpo e espiritualidade ensinado pelos preceitos religiosos, tornando-se inviável a imagem da prostituta sagrada (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 62).

Convém ressaltar que, nesse período, também existia a prostituição profana que, durante milênios, predominou em bordéis e tavernas, entre outros ambientes de diversão. As prostitutas profanas, embora gozassem em sua maioria de privilégios que não faziam parte da vida das mulheres comuns, tinham uma vida difícil e sofriam algumas restrições. Por exemplo: em Roma, elas não podiam andar em nenhum tipo de veículo e deveriam vestir roupas que as distinguissem de outras mulheres, enquanto na Grécia os cabelos das prostitutas profanas eram pintados de amarelo, vermelho ou azul, perdendo o direito de cidadania e de participação nas cerimônias religiosas. Nesse sentido, a prostituta profana era a oposição da prostituta sagrada, "representa o lado negro da sexualidade feminina", numa degradação profunda, conforme Qualls-Cobertt (1990, p. 49). Sobre a prostituição profana, a autora ressalta as proibições sofridas pelas mulheres que se prostituíam fora dos templos sagrados, de maneira brutal e cruel, ou seja, elas tinham uma vida difícil e de exclusão do meio social.

Ademais, a prostituição sagrada hoje se encontra perdida para a história do ponto de vista da nossa realidade externa, mas "pode ser um aspecto vital e atuante no processo psíquico individual" (QUALLS-COBERTT, 1990, p. 24). Conhecer a sua história e origem pode gerar um estudo de natureza erótica e estimulante para novas concepções de entender as relações sociais no período matriarcal.

Se a prostituição surgiu no período matriarcal, na sua essência, já havia uma relação de troca: as sacerdotisas entregavam seus corpos aos homens que lhes ofertavam dinheiro e valiosos objetos e tais mulheres deixavam o ganho nos templos sagrados para que a Deusa, em contra mão, retribuísse com dias de prosperidade e fertilidade.

Em seu livro *A prostituição na Idade Média*, Jacques Rossiaud (1991) registra que, na sociedade francesa do século XV, as mulheres ingressavam muito cedo no mundo da prostituição, especificamente por volta dos 17 anos, sendo que 1/3 das meninas começava a comercializar seus corpos aos 15 anos de idade. As causas da prostituição variavam quase num sentido igualitário: algumas mulheres encontravam-se sem saída após alguma violação pública, enquanto outras acabavam sendo prostituídas por integrantes da própria família ou eram conduzidas à prostituição pela miséria e pelo caráter agressivo do espaço familiar. Para esse antropólogo e historiador francês, existem certos fatos ligados ao comércio amoroso do período medieval que continuam valendo para o século XIX, período em que se passa o romance *Lucíola*, de José de Alencar, e para o século XX, época em que a figura da prostituta tem uma significativa abordagem no universo literário.

Na Idade Média, a prostituição não se limitou ao espaço urbano, pois o amor venal florescia também para a zona rural, embora tenha sido nas cidades que esse ofício adquiriu formas complexas e se institucionalizou. Como bem lembra Jacques Rossiaud (1991), a prostituição parece não ter sido objeto de interesse dos medievalistas. Nesse período, esse exercício era controlado pelas autoridades públicas, principescas ou municipais. A pobreza era tamanha e contribuía para o aumento avassalador de mulheres pobres que, de cidade em cidade, se prostituíam organizando seu tempo de trabalho aos dias de feiras livres, das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas. Em todas as cidades importantes existiam bordéis públicos e casas de tolerância, os chamados banhos públicos. Nessa direção, como entender a multiplicação do número de mulheres que se ofereciam por todos os caminhos? Não devemos esquecer de que:

> Tentar compreendera amplitude e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos que a toleram ou a reprimem. Tarefa ambiciosa, mas a única que permite explorar a vasta zona escura que separa os dois níveis até então privilegiado pelos historiadores da sexualidade: o das ideologias e da moral, o dos comportamentos demográficos (ROSSIAUD, 1991, p. 19).

Na visão do autor, a prostituição constitui uma rede complexa de significados. Compreendê-la exige análise cuidadosa não só dos comportamentos dos atores sociais

envolvidos, mas também dos motivos que levam as pessoas a aceitarem ou não diante de uma sociedade que tanto valoriza o casamento. Digno de nota é o seu pensamento ao afirmar que "a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades" (ROSSIAUD, 1991, p. 13). Isto quer dizer que são as sociedades que promovem a prostituição para retirar desse ofício o que lhes convém de melhor. Dessa forma, temos prostituições que são coexitentes a fim de atender às "demandas de prostituição" com natureza, cultura e sociabilidade construídas desigualmente, em que o valor social ou moral atribuído à prostituição pública e acantonada só pode ser definido por tudo que a rodeia.

No que se refere à prostituição, não demora muito para lembrarmo-nos da Babilônia - a grande cidade corrompida – onde o exercício da prostituição cresceu em grandes proporções espaciais, como um flagelo, pela Ásia e pela África, até o fundo do Egito e da Pérsia: "Em cada país onde a semente corruptora germinava, a prostituição ia tomando novos aspectos e o culto impuro revestia novas formas" (PESSOA, 2006, p. 17). Nos estabelecimentos fenícios da Península, a prostituição teve o mesmo caráter de mercantilismo dado a todas as suas manifestações. A prostituta, antes de casar-se, entregava-se a um estranho para ganhar o dote e, consequentemente, escolher o marido, o qual tinha que recebê-la como esposa legítima, já que a quantia que ganhara prostituindo-se era bastante considerável. Além disso, a prostituição também marcou a história da escravatura, pois os fenícios compravam ou raptavam donzelas, levavam-nas para seu país comercializavam essas mulheres nas paragens ao longo do Mediterrâneo (PESSOA, 2006, p. 19).

Presente também no universo bíblico, Jonathan Kirsch (1998, p. 145) explicita que os autores desse discurso – o religioso - tinham obsessão pela figura da meretriz, a qual era considerada por eles, ao mesmo tempo, como sedutora e proibida, personagem que povoa a esfera bíblica de forma literal e metafórica. O autor apresenta ainda o caso do profeta Oséias, a quem Deus fez a convocação para casar-se como uma prostituta, "o que ele aparentemente faz de boa vontade e talvez até com certo entusiasmo, embora insista que o objetivo de sua união ilícita era censurar seus companheiros israelitas por sua infidelidade espiritual" ao adorar deuses estrangeiros. Para o autor, a Bíblia permite entender que a prostituição era uma prática muito comum no antigo Israel, sobretudo

quando se observa a condenação à devassidão entre as mulheres desse país. Com o intuito de demonstrar seu pensamento – o de que há muitas referências à prostituição liberal e metafórica -, Kirsch (1998, p. 145) traz à tona a história de Tamar, a qual confirma a existência, na antiga Canaã, de pelo menos dois tipos de prostituição, a saber: a meretriz comum (*zonah*, conforme o original hebraico) e a prostituta do templo ou "cultista" (*qedeshah*), que tinham suas práticas sexuais santificadas entre os cananeus como forma de adoração às deusas da fertilidade. Vale informar que, em hebraico, a expressão *qedeshah*, tido como prostituta "sagrada", "de culto" ou "de templo", significa "uma mulher consagrada", disposta a receber os frequentadores de um local de adoração pagã, como o templo de Ishtar, a deusa babilônica do amor ou de Astartéia, a deusa Cananéia da fertilidade.

O estudioso ressalta ainda que Tamar, jovem atriz de uma encenação sexual, atuou uma única vez como prostituta comum para seduzir o sogro – Judá -, destaca-se na história ao realizar um ato de amor físico proibido. Tal história "trata-se do mais antigo e secular tipo de negócio, sexo por dinheiro, e o diálogo entre Tamar e Judá mostra-nos uma prostituta discutindo astutamente as condições de pagamento" (KIRSCH, 1998, p. 146). Essa passagem ilustra que, desde há muito tempo, a prostituição é uma prática de negociação, de troca do serviço sexual por dinheiro ou mercadorias. Outra prostituta protagonista na Bíblia é Raabe, mulher prostituída que salvou os israelitas das garras dos soldados de Jericó, quando estes foram mandados por Josué para espiarem essa cidade, fazerem relatórios de sua organização, para em seguida o rei montar estratégias de conquista da cidade desejada – Jericó. A prostituta em questão não delatou os espiões, pois "pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias" (Hebreus 11:31).

A sociedade de outrora e a contemporânea condenam o ofício da meretriz, chegando a menosprezá-la agressivamente. Não seria contraditório condenar a prostituta com base em padrões religiosos se a própria Bíblia demonstra que Jesus perdoa-a? As escrituras sagradas revelam que as prostitutas que acreditam em Deus obtiveram a salvação: "Então Jesus lhe disse: 'Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus. Pois João veio até vós, caminhando na justiça e não acreditastes nele. Mas os publicanos e as prostitutas creram nele'" (Mateus

21:31-32). Se Deus aceita a prostituta por que os homens da terra têm que julgá-la? O julgamento leva a intolerância que, por sua vez, leva à violência, ao repúdio.

Sexo, dinheiro e poder mantêm uma relação intrínseca. De acordo com Armando Pereira (1976, p. 1-2), ao mesmo tempo em que o homem inventou o dinheiro, ele criou a prostituta, levando a mulher ao *status* de mercadoria negociável, "resultante da ausência do amor e da presença do dinheiro". Desse modo, criou-se a relação homem-dinheiro-prostituta. O autor assegura que a prostituição no mundo passou por cinco períodos, sendo encarada de diversas formas ao longo da história, a saber: no primeiro período, a prostituição assume um caráter *sacro e hospitalar*, tem sua origem à margem e paralelamente à família, sendo a prostituta revestida de aspecto místico e tutelar; no segundo, chamado de *epicuriano*, a meretriz assume um papel estético e político, sua função se sobrepõe à religiosa; no terceiro, denominado *cristão*, a prostituta é chamada de "leprosa", em nome da moral e dos bons costumes, é alvo dos chicotes, a ponto de Santo Agostinho interceder e dar-lhe um pequeno espaço e chamando-a de "ignominiosa cloaca" que defende a donzela; no quarto, período da *tolerância*, a prostituição é considerada um "mal necessário" e, sob o olhar da ciência, é submetida ao regulamento e ao controle sanitário, momento em que o número de meretrizes tem um aumento significativo; no quinto período, por fim, o *contemporâneo*, a prostituta é vista como mulher livre de se comercializar, isto é, uma escrava e vítima, após a abolição dos regulamentos e ausência da fiscalização médico-policial.

Os estudos sobre prostituição cresceram com a chegada da segunda metade do século XIX, época em que poucas foram as alternativas de trabalho para as mulheres. Os preconceitos reduziam ainda mais as ocupações que as mulheres podiam exercer, restando para elas os serviços domésticos, a venda de quitutes e de artesanatos, costuras e lavagem de roupas. As mulheres que não ocupavam essas atividades sobreviviam como dançarinas, atrizes, cartomantes, feiticeiras, cantoras, coristas e prostitutas, outras ocupações depreciadas na época, não somente pelo salário baixo, mas também pelo preconceito social. Nesse cenário, a prostituição aparecia como a alternativa mais importante para sobrevivência da mulher. Segundo Magali Engel (2004, p. 26), "escravas, libertas, livres – brasileiras e imigrantes – as prostitutas compunham um conjunto, cujo perfil econômico-social e cultural era bastante diversificado,

compreendendo desde o chamado baixo meretrício até a chamada prostituição de luxo". Para a autora, as condições de sobrevivência eram a "chave" para a compreensão do ato de prostituir-se na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, embora outros elementos também explicassem tal prática (a monogamia, o patriarcalismo e a valorização da virgindade).

Mary Del Priore (2011) assegura que, no início do século XIX, o número de mulheres públicas aumentaria, no entender dos estudiosos da época. Tal número seria engrossado com a presença significativa das imigrantes açorianas. A autora comenta que, em 1845, o médico dr. Lassance Cunha assegurava em um estudo intitulado *A prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro,* havia três classes de meretrizes na capital do Império: as aristocráticas ou de sobrado, as de "sobradinho" ou de rótula e as da escória. As primeiras se hospedavam em casas bonitas, forradas de reposteiros e cortinas, espelhos e o piano, objeto que simboliza o negócio burguês. Essas mulheres eram mantidas por fazendeiros ou políticos e sendo elas famosas atribuíram poder aos homens que as sustentavam. Na ficção, a personagem Lúcia representa bem essa classe que mantinha um grande número de mulheres estrangeiras no espaço carioca. As francesas, sucedidas pelas polacas, têm destaque e lançam ao domínio público a palavra "trottoir". Além das francesas, outras prostitutas se instalaram no Rio de Janeiro, são mulheres advindas "das margens Vístula', das ruas de Budapeste ou de Viena, dos montes da Geórgia, dos desfiladeiros da Albânia, dos portos de Trieste e dos plainos da Itália" (DEL PRIORE, 2011, p. 84). Fato curioso da época é a distinção que se fazia entre as francesas e as demais mulheres públicas: "ser francesa", independentemente de ter nascido na França, significa frequentar lugares ricos e atender clientes de posse, era as chamadas *cocottes*, que representavam o luxo e a ostentação, enquanto "ser polaca" era representar a miséria e estar na condição de produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais de destaque e pobres; essas mulheres ocupariam o lugar das mulatas e portuguesas.

As segundas, as meretrizes de sobradinho, formadas por estrangeiras, mucamas e mulatas, atendiam aos roceiros ricos, filhos de deputado e homens de fortuna em hotéis situados em Botafogo ou no Jardim Botânico. E quando a noite chegava, essas mulheres

jovens esperavam clientes nas calçadas das avenidas mais importantes, nos mercados e nas praças públicas.

As terceiras, por sua vez, eram compostas por mulheres de casebres ou mucambos, conhecidas como “casas de passe” e os zungus, habitações alugadas a preço baixo. Del Priore (2011, p. 87) assegura que “graças aos prostíbulos, começa a surgir certa remota noção de prazer sexual”. Novamente as francesas se destacaram por ensinarem aos adolescentes e aos homens maduros a linguagem do amor, enquanto os mais velhos aprendiam as delicadezas eróticas. A autora comenta que nas capitais onde a burguesia era tomada pelo luxo e prazer e pela preguiça se opunha aos valores familiares de felicidade, trabalho e poupança. A prostituição passa a ser uma ameaça às “famílias puras” e trabalhadoras que tinham a mulher como a rainha do lar, preocupada com a saúde dos filhos e a integridade da família. Por conseguinte, a prostituta é vista como detentora de todos os vícios, pecados e excessos que se encontra numa profissão exercida e muitas vezes explorada por alguns chefes de família.

Em terras brasileiras, a pesquisadora Mary Del Priore (2011) salienta que na tradição cristã que se alargava desde os tempos da Colônia, a prostituta foi associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato, inserindo-a num quadro de miséria e morte precoce:

> O retrato colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre. Ou de orgíaco. A mulher que se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e a miséria profunda. Ameaça para os homens e mau exemplo para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E por dinheiro, colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras (DEL PRIORE, 2011, p. 89-90).

Magali Engel (2004), por sua vez, explicita que, em relação ao meretrício, o ato de “*prostituir-se* pode representar uma escolha, na medida em que, em termos econômicos, sexuais e emocionais, o exercício da prostituição poderia viabilizar para a mulher a vivência de uma condição mais autônoma e independente”. A autora nos lembra que as prostitutas seriam uma grande interlocutora dos clientes de bordéis de luxo nas cidades e participavam das discussões sobre arte, políticas, economia, entre outros assuntos do universo masculino, e, desse modo, a prostituição deve ser encarada

como um “espaço efetivo de resistência ao ideal da mulher frágil e também submissa. Entretanto, por outro lado, a prostituição revela-se como produto dos valores morais que presidem a sociedade brasileira” (ENGEL, 2004, p. 26) da época, ou seja, um espaço de reação e manutenção de tais valores.

Com base nas suas leituras sobre a prostituição, Armando Pereira (1976, p. 33-34) descreve os elementos que compõem o conceito de prostituta, a saber: a entrega do corpo e realização de atos sexuais para satisfazer a libido de um parceiro, a fim de receber remuneração (dinheiro, presentes ou outros benefícios), sob os aspectos comercial ou profissional, de forma pública ou secreta, com pessoas de outro ou do mesmo sexo, sem conhecer os/as clientes, aceitando um número ilimitado e sucessivo de parceiros/as eventuais, ausente de sentimentos como o amor, a afeição e a sensação sexual e, por fim, sem intenção de procriar. Pensando assim, a habitualidade, a retribuição (o pagamento) e número ilimitado de parceiros aparecem como os elementos indispensáveis ao conceito de prostituição.

Na sociedade brasileira do século XIX, a prostituição configurava-se como uma realidade complexa, múltipla e contraditória e que compreendê-la tornava-se uma atividade difícil em razão dos preconceitos morais construídos historicamente, os quais levaram a sociedade a associar a figura da prostituta à vadiagem, mendicância e alcoolismo, atirando-a, conforme Engel (2004), ao se basear nos textos legais da época, num âmbito da desordem moral e social. Reprimidas, as prostitutas, por não fazerem parte do mundo do trabalho, sofrearam a crítica e o desprezo da sociedade, mas não deixaram de ser visitadas pelos homens, pois estes foram os grandes agenciadores da prostituição de mulheres.

Salientamos que, nesse período, a prostituição feminina foi analisada sob duas perspectivas: a primeira diz respeito ao discurso médico, marcada como um espaço de sexualidade pervertida, degeneração física e doença, “pois o sexo era concebido como uma atividade orgânica vinculada à reprodução, ou seja, uma necessidade fisiológica” (NASCIMENTO, 2008, p. 24), enquanto a segunda a inscreve na ordem jurídica, associando-a ao crime, por corromper os bons costumes e a moral burguesa e impedir o progresso e a civilização. Como a prostituição era uma prática difícil de extinguir da sociedade, esta sentiu a necessidade de regulamentá-la. Nesse período, médicos,

cientistas e criminologistas defenderam a aplicabilidade controlada da prostituição, porque, mesmo sendo um “mal”, servia de proteção às moças solteiras e às senhoras casadas, evitando que estas fossem submetidas à realização de desejos sexuais masculinos, mantendo, assim, a “honra da família” (NASCIMENTO, 2008, p. 39). A prostituição, assim, começa a fazer parte dos textos médicos e surgem as primeiras teses sobre a temática no campo, principalmente por esconder o perigo desconhecido, “imundo” e “miserável”, que por ameaçar a sociedade, devia ser objeto de estudo dos médicos, momento em que o prostituir-se deixa de ser concebido apenas como *pecado* e passa a ser visto como *doença*, inserida no campo de estudos de higiene médica e saúde pública.

No esforço de “civilizar” e “fazer o progresso acontecer” na cidade, as mulheres prostituídas são consideradas pelos discursos médico-jurídicos como “desordeiras” e “perigosas”, a ponto de destruir as famílias e a sociedade em geral. Sobre isto, Engel explicita que os médicos do século XIX definiram a prostituição como um espaço de sexualidade pervertida e doente, uma vez que o sexo era concebido como uma atividade orgânica associada à reprodução da espécie humana. Assim, o sexo desvinculado da atividade reprodutora expressava a degeneração do organismo devido ao prazer demasiado, o qual ficava vulnerável à sífilis e às doenças venéreas. Do ponto de vista médico, a prostituição é vista como um desvio e adquire um caráter de perversão, distorção da sexualidade doente. Nesse sentido, Engel (2004, p. 72) assegura que a prostituição é concebida como uma categoria capaz de expressar o conjunto das práticas localizadas no plano da sexualidade pervertida, fato que levou os médicos a formularem duas temáticas centrais contrapostas sobre o sexo: 1. a prostituição como espaço da sexualidade doente e lugar de perversões e 2. o casamento como instituição higiênica e único lugar da sexualidade saudável. Seguindo este raciocínio, o sexo sadio acontece por meio do prazer comedido que assegura a reprodução da espécie e não adoece o corpo. Surge, daí, a necessidade de controlar os desejos e manter um organismo sadio.

Engel ressalta que a prostituição foi associada às imagens do *cancro*, da *chaga*, da *úlcera*, da *gangrena*, do vírus da *sífilis*, isto é, como um perigo alastrado pelas ruas e casas. “A prostituição é uma enfermidade do corpo, um foco infeccioso que ameaça a saúde e a vida (...) a prostituição ostensiva, espalhada pelas ruas da cidade, é apontada

como fator de disseminação da sexualidade pervertida" (ENGEL, 2004, p. 74). Vemos que não foi à toa que a prostituição passou a ser vista como "carreira da devassidão", "desarranjo das faculdades mentais", "fraqueza do espírito", "ignorância" e mais: fator responsável pela degeneração das raças e das patologias dos corpos.

O corpo da prostituta passa a ser o foco do olhar médico. Os hábitos cotidianos da mulher prostituída (a atividade sexual em demasiado e desvinculada da função reprodutora, o sono insuficiente, a má alimentação, a falta ou precariedade de asseio, anormalidade do ciclo menstrual, etc.) são levados em consideração quando a questão era formular um diagnóstico da vida desregrada da prostituta. Engel (2004) aponta que o organismo feminino era mais propenso à perversão sexual do que o masculino, pois o próprio corpo da mulher, por possuir a capacidade de reproduzir, apresenta uma sexualidade ambígua. Desse pensamento surge a ideia de que a mulher teria apenas duas únicas alternativas para a concretização de seus instintivos sexuais, quais sejam, esposa/mulher, com uma sexualidade *sadia*, ou prostituta, com uma sexualidade *doente*. Nesse quadro, a concepção de prostituta é construída na oposição do papel esposa/mãe, sendo a depravação e/ou perversão, o motivo que compromete a capacidade moral da mulher gerar filhos.

Após os médicos fixarem as características fisiológicas da mulher prostituída, apontam a escravidão e a miséria enquanto fruto da ociosidade como causas externas que levam a mulher ao exercício da prostituição. Os médicos sanitaristas passam a rotular a mulher prostituída, como "mulher perdida", "mulher dissoluta", "mulher decaída", "mulher estéril", "víbora", "serpente", "doente", "ociosa", "desonesta", "perigosa", etc. Sentindo-se reprimida e alvo de preconceito, a prostituta continua a realizar o seu trabalho de maneira clandestina, ocultamente, passando-se por pintora, enfermeira, costureira, entre outras atividades, a fim de prostituir-se disfarçadamente e complementar a renda familiar. Nessa época, a prostituição assume a conotação de espaço da sexualidade moralmente doente, uma doença moral associada à devassidão, à sujeira, à obscuridade e ao declínio:

> a prostituição é ainda definida como fonte da doença social em dois sentidos básicos: seja enquanto *espaço de reprodução da miséria*, seja enquanto *lugar de produção do luxo ilícito*. Ambos constituem, no

> discurso, os eixos fundamentais em torno dos quais o médico constrói a imagem da *ameaça* social que marcaria os contornos da prostituição (ENGEL, 2004, p. 98). (Grifos da autora).

Considerando a situação econômica, revelada pelas condições de moradia, de vestimentas e de comportamento, como elemento da hierarquia as prostitutas foram classificadas em três categorias, a saber: as "ricas", que residiam em casas de sobrado, afastadas do centro da cidade; as "remediadas", que moravam em casas térreas, pequenos sobrados ou estalagens; e as "pobres", que residiam em baixos casebres e eram tidas como as prostitutas mais perigosas (ENGEL, 2004, p. 98). A nosso ver, esta classificação revela a visão preconceituosa da sociedade patriarcal em relação às prostitutas, que não tendo atividades "dignas" proporcionadas pelo governo, sobrevivem mercantilizando o próprio corpo. Tanto as prostitutas luxuosas quanto as miseráveis submetiam-se à exploração do homem em troca da sobrevivência, o que lhes rendiam muitos olhares preconceituosos e posturas discriminatórias, mas nunca uma oportunidade de mudar de vida.

No tocante à relação prostituição de mulheres escravas, Magali Engel (2004) destaca que a escravidão associada à prostituição clandestina retratava as escravas de ganho como servos duplos: uma para a força braçal, outra para a realização sexual. A prostituição clandestina passa a ser concebida como espaço potencial para o adultério, as uniões ilícitas e o perigo a que se expõem as moças de família e as esposas virtuosas. Já a miséria, vista nos países europeus como uma das razões determinantes da prostituição, consequência do desequilíbrio entre a oferta e procura de mão-de-obra, aparece no Brasil como causa da prostituição apenas do ponto de vista da ociosidade, como resultado dela. Nessa direção, a mulher sem trabalho é considerada uma forte candidata à prostituição, sobretudo porque seria conduzida à degradação moral e social, já que as melhores oportunidades de emprego eram dadas aos homens.

Em síntese, a prostituição é concebida como uma doença social, um atentado ao trabalho, uma ameaça à riqueza do país e, por isso, devia ser controlada. Pensando assim, os médicos sanitaristas idealizaram a regulamentação da prostituição, haja vista que tal prática, longe de ser extinta, apresentava-se como um *mal necessário*. Obviamente, nem todos os médicos concordaram com esta ideia e, portanto,

posicionaram-se desfavoráveis à ação de regulamentar esse ofício. Assim, duas tendências marcavam o discurso médico sobre a prostituição: uma de defesa e outra de oposição à regulamentação da prostituição pública.

Os médicos que defendiam a regulamentação da prostituição percebiam nessa prática um comércio, no qual o produto que se vende deve estar em perfeitas condições de uso. Assim, estabeleceram medidas "correcionais" com o intuito de converter a prostituição em espaço útil, transformando-o em um lugar higienizado, visto que a prostituição é indispensável para saciar o desejo dos homens, conforme destaca Engel (2004, p. 109). A regulamentação, que visava combater o alastramento da sífilis, a imoralidade pública e a desordem social e civilizar a cidade, deu-se por meio de medidas de caráter policial e higiênico orientadas para identificar e isolar as prostitutas públicas, inserindo-as em um severo controle médico, a fim de diferenciá-las das prostitutas que atuavam clandestinamente. Em suma, o objetivo da regulamentação era controlar o corpo da prostituta, demarcando e reduzindo o espaço da prostituição pública para ser facilmente reconhecível e vigiado.

Quanto à postura dos médicos antirregulamentistas, estes classificavam a prostituição como um *mal* que poderia e deveria ser combatido, pois era fruto de elementos definidos e solucionáveis, como por exemplo, a miséria, a ignorância e a falta de orientação religiosa, os quais ameaçavam a saúde da sociedade. Na visão desses médicos, regulamentara prostituição seria legalizar o mal, incentivando sua prática e pondo em risco o bem estar da população. Entendia-se que a regulamentação seria um atentado à liberdade individual, além de favorecer a contaminação e a ampliação do número de prostitutas públicas. Para eles, a falta de educação moral é uma das causas fundamentais da prostituição. Por isso, a família, os estabelecimentos de ensino e a igreja deveriam combater a prática prostituinte por meio da formação moral do indivíduo. As crianças, principalmente as do sexo feminino, deveriam ter bons exemplos dos pais, a fim de preservar o sentimento de pudor. Vemos que o discurso médico baseia-se nos princípios cristãos e que a orientação moral recai sobretudo na mulher pobre, a qual teria no trabalho a saída para o afastamento da prostituição, podendo ser reabilitada. A prostituição dividia a opinião desses médicos: para alguns, a prostituta necessitava de orientações da doutrina cristã, enquanto para outros a meretriz

deveria ser recolhida em asilos, como os mendigos, os loucos e os meninos, pois no isolamento seria mais fácil regenerá-la.

Diante do quadro exposto, a prostituição, inserida na esfera médica, é compreendida como uma *doença*, não unicamente como a ação de comercializar o corpo. Nesse sentido, a prostituição é concebida como

> Foco de *contaminação sifilítica*, núcleo de disseminação da *imoralidade*, espaço da *ociosidade*, enfim, atentado "à persistência monetária que constitui o patrimônio das famílias e da sociedade", a prostituição é classifica como *ameaça* à saúde *física*, *moral* e *social* do conjunto da população urbana e, enquanto tal, deve ser controlada (ENGEL, 2004, p. 138).

Situada em uma época em que a sociedade concebia a prostituta como uma disseminadora dos maus costumes e de doenças sexualmente transmissíveis, a mulher prostituída deveria ser examinada e sua prática controlada, a fim de não contaminar ou destruir a saúde das famílias:

> Em finais do século XIX havia os que defendiam como solução mais eficiente para o problema venéreo a introdução no Brasil de regulamento sanitário para a prostituição, considerada a grande disseminadora da sífilis. A ideia não era nova, nem original. Conhecido como 'sistema francês', o meretrício regulamentado existia em Paris desde o começo do século XIX, e outras cidades europeias haviam copiado. Em sua primeira versão, o sistema não visava prioritariamente o combate às doenças venéreas; antes, buscava combater a libertinagem, proteger a moral das famílias, moralizar e disciplinar o espaço público. (...) O que se pretendia era, principalmente, a expulsão das prostitutas da cena pública e a vigilância continua de suas atividades e do meio social que as circundava. (...) Na passagem do século, a inquietação no médico era notável e crescia, acompanhando as novas 'descobertas' cientificas que revelavam, progressivamente, o terrível impacto da sífilis e das doenças venéreas sobre a saúde individual e coletiva (CARRARA, 1996, p. 17-18).

Como vemos, a sífilis, assim como outras doenças venéreas, assustava a população, deixando-a em pânico e em estado de alerta, uma vez que "a baixa prostituição se degradou até a animalidade" e, consequentemente, suscitaria "um nojo, semelhante ao que inspiram os porcos à maior parte das civilizações" (BATAILLE, 1998, p. 117).

A literatura acerca da prostituição continuaria a se desenvolver em pleno século XX. Nesse período, a prostituição é concebida como:

> uma derivação (deturpação do sentido) do ato sexual legitimado pelos costumes ou pelo casamento, transformando-o em fonte de renda. Para que haja prostituição há a necessidade de participação da mulher - a que vende a sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual – e do homem, que compra o direito de usá-la por determinado momento (ESPINHEIRA, 1984, p. 40).

Da citação acima, depreendemos que a prostituição feminina surge de fatores de ordem social e econômica, resultando da compra e da venda do desempenho sexual da mulher, a qual se torna um objeto de venda. A prostituição, nesse caso, caracteriza–se como uma forma de sobrevivência de mulheres que se encontram sem outras opções de trabalho. Como diz Carole Pateman (1993), é antigo o argumento de que as prostitutas são obrigadas a adentrarem na prostituição por razões econômicas e como o empreendimento capitalista, a prostituição é encarada como empreendimento privado realizado por meio de um acordo particular entre a vendedora (prostituta) e o comprador (cliente). A autora faz críticas à noção de contrato social fundada pelos contratualistas, principalmente pelo fato de, dentro do contrato sexual entre homens, contraentes e contratados já se encontram em relações assimétricas de poder; e quando se trata de um contrato realizado entre homens e mulheres tal assimetria se acentua. De acordo com a estudiosa,

> O contrato de prostituição é um contrato feito com uma mulher e, portanto, não pode ser igual ao contrato de trabalho, um contrato entre homens. Apesar de o contrato de prostituição ser selado no mercado capitalista, ele ainda difere em alguns aspectos significativos do contrato de trabalho. Por exemplo: o trabalhador sempre entra em um contrato de trabalho com o capitalista (PATEMAN, 1993, 296).

Elisiane Pasini (2009, p. 239), por sua vez, compreende a prostituição feminina como “uma atividade praticada por mulheres que estabelecem práticas sexuais com diferentes homens em troca de um bem (o que não exclui outras formas de pagamento, como, por exemplo, refeições e/ou presentes)”. Na visão da autora, o exercício da prostituição de mulheres dá-se através de uma negociação entre o homem e a mulher sem, necessariamente, o dinheiro ser a única forma de pagamento, ou seja, diante da

condição precária da prostituta, o “macho” pode comprar o sexo com alimentos e objetos, desconsiderando trocas de afeto e fidelidade. A prostituição é, nessa perspectiva, um sistema de relações, haja visto que é realizado entre duas ou mais pessoas, definidas como vendedor (prostituta) e comprador (cliente) que negociam um produto (sexo).

Entendemos, então, que a prostituição é a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos parceiros e de experiências sexuais diversas. Do ponto de vista econômico, “o ato prostitucional não passa de uma prestação de serviços, moldada na fórmula usual de compra e venda” (PEREIRA, 1976, p. 37); é uma negociação entre o vendedor (a prostituta) e o comprador (o ciente) que comerciam o produto (o sexo).

Um dos estudos importantes para a compreensão do submundo da prostituição foram as pesquisas documentais realizadas pela historiadora Margareth Rago (2008). Em se tratando da organização do espaço social, a autora acentua o caráter “civilizador” da prostituição na sociedade, “porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes, rito de passagem para sua abertura à alteridade”. Sob esse ângulo, a prostituição apresenta-se como uma opção para proteção da virgindade das jovens garotas e da castidade das esposas, enquanto os jovens poderiam desfrutar dos prazeres oriundos dos prostíbulos para quando casar dedicar-se totalmente ao lar e aos negócios.

Sem dúvida, as prostitutas convivem com o outro na sociedade, construindo a sua história de dor e sofrimento, enfrentando preconceitos relacionados a uma antiga profissão inserida numa cultura em que poucos respeitam a diversidade e a liberdade. No tocante à prostituição, Geralda Nóbrega (2007, p. 182) salienta que, inserida no âmbito da cultura, a prostituição está relacionada “a aspectos outros, vivificados no trânsito com o social, que serve de esteio para o plano da história, o que destaca continuamente uma profissão em sintonia com a história dos povos”.

Caracterizada como um fenômeno tipicamente urbano, ela atrai homens que buscam o prazer, tornando-se “um efeito, produto de um meio que beneficia a muitos setores sociais envolvidos, especialmente os homens, que, aliás, jamais foram objetos de problematização ou de ataques quando se tratou dessa experiência” (RAGO, 2008, p.

14). Pensando assim, a prostituição serve para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é desonra para o homem. Um aspecto positivo da prostituição é o fato de as meretrizes serem transmissoras de hábitos mais civilizados, especialmente as de origem estrangeira, além de se comportarem como introdutoras dos jovens nas "artes de amar".

Quanto ao lado positivo da prostituição, negligenciado pela literatura acerca dessa temática, a historiadora Margareth Rago (2008) explicita que:

> Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão (RAGO, 2008, p. 168).

Na verdade, tal positividade era representada, na perspectiva da pesquisadora, pelas "práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e 'pensões alegres' da cidade que conformavam um espaço importante de interações sociais" (RAGO, 2008, p. 168). De acordo com a autora, a prostituta é vista como símbolo da modernidade não somente pela libertação dos costumes, mas, sobretudo, pela multiplicação das práticas eróticas e sexuais e pela desconexão com os vínculos sociais tradicionais. Sabemos que a prostituta foi construída como um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina. Os tempos mudaram! As mulheres da atualidade demonstram através de suas práticas que nem toda mulher nasceu para casar e ser submissa a um homem. Prostituta ou não, o casamento passou a ser escolha – e não obrigação - no Ocidente.

Cinara Nahra (2000, p. 13) ao comparar o casamento com a prostituição explicita que ambos se diferencem na sua essência. No casamento, a essência é a permanência, fica pressuposta uma relação de "para sempre", enquanto a essência da prostituição é a efemeridade, pressupõe-se uma troca momentânea, um envolvimento passageiro, um tempo determinado e permitido geralmente pelo prazer por dinheiro. A

autora explicita que as relações de prostituição possibilitam diversas parceiras sexuais e seu desregramento, dependendo da aceitação da prostituta ou do cliente. Para ela, há três traços que constituem a essência da prostituição, quais sejam, a efemeridade, a verdade e a afirmação da sexualidade e animalidade, visto que as pessoas são seres desejantes e sensíveis que, por ter um instinto animal, buscam o prazer e para tê-lo são capazes de pagar por ele.

Na verdade, toda discussão da autora gira em torno da defesa moral da prostituição. Seguindo esta linha de raciocínio, é preciso uma desconstrução do discurso moral dominante e do questionamento de valores, pois estamos "presos" ao modo de valoração judaico-cristão que não permite o sexo efêmero, fora do casamento. Nahra (2000, p. 21) conclui que a concepção jesuítica sobre prostituição "é aquela que considera que a prostituição resulta unicamente de condições adversas de vida e que os profissionais do sexo devem ser salvos, entendendo-se que salvá-los é afastá-los da profissão". A autora defende que prostituir-se não é um ato imoral, pois as pessoas têm o direito de escolha e podem trabalhar na prostituição dignamente como outras trabalham nas mais diversas profissões. Para ela, imoral é obrigar alguém a prostituir-se, mas a partir do momento em que a mulher ou o homem decide comercializar o corpo por vontade própria não está cometendo um ato imoral, haja vista que a construção da cidadania dá-se no respeito às diferenças e ao direito de escolha de autodeterminação. Assim, conceber a prostituição como uma ação imoral é assumir uma postura preconceituosa e uma concepção moralista.

A oposição mulher "honesta" *versus* prostituta pode ser observada nos versos da canção "Umas e outras", de Chico Buarque de Holanda (2012): "mas toda santa madrugada quando uma já sonhou com Deus / E a outra, triste namorada, coitada, já deitou com os seus / O acaso faz com que essas duas, que a sorte sempre separou / Se cruzem pela mesma rua olhando-se com a mesma dor". Nessa passagem, vemos que a mulher "honesta" é a esposa que se encontra no seio familiar (*mas toda santa madrugada quando uma já sonhou com Deus*), cuidando da casa, do marido e dos filhos, realizando os seus serviços domésticos, resguardando às ordens divinas (*já sonhou com Deus*), cumprindo seu papel de mulher religiosa e obediente aos preceitos religiosos, enquanto a prostituta caracteriza-se como uma mulher triste, que entrega seu

corpo a vários homens, despertando a compaixão da sociedade (*E a outra, triste namorada, coitada, já deitou com os seus*). Ambas têm caminhos diferentes, ou seja, a esposa dirige-se ao lar, enquanto a prostituta à rua ou bordel, mas que em determinados momentos se cruzam, passam uma pela outra ao ponto de despertar uma recíproca compaixão: a mulher-esposa sente piedade da prostituta por ela não ter um lar, uma família, e a prostituta sente dó da esposa por esta ser "escrava" sexual e doméstica do marido.

Nesse contexto, Ana Isabel Fábregas-Martínez (2000, p. 17) salienta que "a sociedade em geral analisa a prostituição a partir da perspectiva moralista da dominação masculina, que justifica sua existência considerando-a um "mal necessário". A prostituição assume, nesse caso, a função social de satisfazer a "necessidade biológica" do homem libidinoso, para que este não ameace as famílias de bons costumes. Seguindo esse raciocínio, a prostituta é vista como vilã, rechaçada pela censura do estigma que se configura como mecanismo de controle sobre sua vida:

> Estigmatizam-se as prostitutas como vilãs que atentam contra a família estruturada; são acusadas de colocar em risco a honra e os "valores" da sociedade. Há ocasiões em que aparecem como "um mal necessário", que protege e ao mesmo tempo ameaça o casamento, contudo devem ser marginalizadas em um espaço construído por certos limites, que elas não podem extrapolar sem risco de serem perseguidas, punidas ou encarceradas (ALVAREZ; RODRIGUES, 2009, p. 188).

Concebida como um "mal necessário", a prostituição encontra na propagação "a profissão mais antiga do mundo" uma forma de naturalizar esse exercício e reafirmar o domínio do homem sobre a mulher, enfatizando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos seus consumidores – os homens. Na perspectiva moralista, a prostituição passa a ser considerada como *desvio*, de pessoas doentes que não se adequam ao padrão e normas vigentes. Nesse caso, pertinente é a observação feita por Gey Espinheira que assegura:

> A sociedade através de seu sistema normativo padronizado estabelece gradações com relação à conduta sexual, tomando como referência o tipo ideal representado pelo casamento, exemplo de conduta sexual legitimada e prestigiada, enquanto que, no outro extremo, estão as

> relações extraconjugais, especialmente em se tratando de prostitutas, onde se verifica a compra do desempenho da pessoa na prestação de serviços sexuais (ESPINHEIRA, 1984, p. 34).

A concepção de prostituição como *desvio* fundamenta-se nas reflexões médicas de higienização, desenvolvida no final do século XIX. Como vimos, a prostituta foi, nesse período, rotulada como degenerada, decaída, mulher sexualmente doente e que por esta razão deveria ser afastada da convivência das "boas famílias", pagando um alto preço por sua condição social.

Outro discurso presente na literatura sobre prostituição tem relação com a teoria feminista. Claudine Legardinier (2009, p. 198) afirma que é comum a tentativa de explicar a prostituição com base nas pessoas prostituídas. Para ela, o ato de prostituir-se não se limita à pessoa que troca serviços sexuais por remuneração, pois "a prostituição é, antes de tudo, uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro". É interessante perceber que no mundo da prostituição existem muitos agentes envolvidos (clientes, cáftens, Estados, homens e mulheres), uma vez que esse ofício mantém estreitas relações com o pensamento coletivo e as estruturas econômicas, mas somente sobre a prostituta recai "o peso do pecado" que acarreta no seu desprezo e enclausuramento.

Claudine Legardinier (2009) destaca também que na intimidade a prostituição continua tabu. Entre as feministas, muitas combatem essa prática por entenderem que prostituir-se é uma violação dos direitos humanos, um crime contra as mulheres. O sexo como mercadoria é controlado e monitorado pelo mercado liberal que, ao assimilar os prazeres consumidos, adentra em todos os domínios da vida. Do ponto de vista mercadológico, o "direito de se prostituir" é relacionado à expressão de liberdade, isto é, o direito de dispor do corpo torna-se o direito de vendê-lo. Segundo a autora, a indústria do sexo manipula a sexualidade alheia e normalizar a prostituição é esconder cada vez mais os males sofridos pelas prostitutas, é cometer uma violência disfarçada contra essas mulheres:

> O silêncio recobre a lenta e profunda degradação da vida sexual e afetiva das prostitutas. A prostituição constitui uma violência despercebida, como foram durante muito tempo outras violências (estupro, incesto, violência conjugal), todas expressões do direito de

> propriedade dos homens sobre as mulheres (LEGARDINIER, 2009, p. 2001).

Gail Pheterson (1996), por sua vez, lembra que a prostituição como compensação financeira ou material também ocorre em relações de namoros e casamentos. Há, assim, um *continuum* nos intercâmbios econômicos e sexuais entre homens e mulheres que se configura como um traço recorrente da organização social em distintas culturas assistido no decorrer da história. Compreendida como uma instituição que regula as relações sociais de sexo, a prostituição é tema de controverso e de controle, dividindo as opiniões das feministas e das autoridades.

Michelle Perrot (2013) evidencia que no século XVII as feministas já se posicionavam contra a prostituição, considerando-a símbolo da exploração das mulheres. A pesquisadora comenta que Josephine Butler e as anglo-americanas preconizavam o abolicionismo radical, enquanto que na França, Émilie de Morsier, de origem suíça, criou a associação das "Libérées de Saint-Lazare" – Libertas de São Lázaro -, local de apoio à antiprostituição. Além disso, surgiram obras de proteção às mulheres para prevenir a prática da prostituição nos lugares de aliciamento, sobretudo nas estações de trem onde desembarcavam jovens migrantes advindas do interior. Posicionamento divergente tinham as feministas do século XVIII. Em 1975, elas apoiaram os movimentos de prostitutas, reivindicando o reconhecimento da prostituição como uma profissão e, consequentemente, as garantias do seguro social, fato que é visto pelos abolicionistas como um incentivo à comercialização do corpo.

Desse modo, as feministas que reconhecem a prostituição como trabalho lutam ao lado das prostitutas contra as condições de exploração e de violência no mercado do sexo. Já as que encaram a prostituição como violência contra as mulheres lutam para que o Estado intervenha rigorosamente para proibir a mercantilização do sexo. Diante das relações sociais de sexo, Gail Pheterson (1996) enfatiza que todo comportamento transgressivo por parte das mulheres num dado contexto pode provocar sua estigmatização como "prostituída" ou "puta" e levar a punições que daí decorrem (agressão, detenção, difamação, perseguição). Vale lembrar que nesse sistema os clientes ficam protegidos pelos mitos que, ao longo da história, pregam a prostituição como uma forma de evitar estupros e assédios das mulheres casadas.

Michelle Perrot (2013) afirma que hoje as feministas continuam divididas na forma de encarar a prostituição: de um lado, estão aquelas que enxergam a prostituição como a suprema alienação do corpo feminino, rejeitando-a como profissão; do outro lado, estão aquelas que defendem o direito da mulher utilizar o corpo com fins lucrativos, ou seja, vendê-lo quando desejar.

Outra feminista que abordou o assunto foi a filósofa existencialista Simone de Beauvoir (1908-1986). Ao tratar da relação entre prostituição e casamento, a escritora francesa assegura que, do ponto de vista econômico, a situação da prostituta é simétrica à da mulher casada, pois ambas se vendem, uma pela prostituição, outra pelo casamento, e o que difere é o preço e a duração do contrato. Nas palavras da autora, ambas têm o ato sexual como um serviço: a esposa é contratada pela vida inteira por um só homem, enquanto a prostituta tem diversos clientes que pagam a cada encontro. Nessa situação, a mulher esposa é protegida por um contra os demais e a meretriz é protegida por todos os homens da tirania de um só.

> Na prostituição, o desejo masculino, sendo específico e não singular, pode satisfazer-se com qualquer corpo. Esposa ou hetaira só conseguem explorar o homem se assumem uma ascendência singular sobre ele. A grande diferença existente entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina (BEAUVOIR, 1980, p. 324).

Entendemos que o respeito é concebido à mulher caso ela tenha o papel de esposa, de dona do lar, “chefe” de família. Do contrário, sofrerá a opressão do homem e da sociedade, sendo negada a ela a condição de ser humano. Isto nos possibilita levar o seguinte questionamento: se a mulher é digna de tanto respeito, por que o homem deixa o seu lar em busca de outra mulher?

Seguindo o pensamento de Simone de Beauvoir, a mulher não nasce puta, pelo contrário, torna-se puta. Ou seja, são as condições sociais e os aspectos culturais que levam a mulher a assumir a condição de prostituta. Ao refletir sobre tal condição, a feminista considera a prostituta como “o bode expiatório; o homem liberta-se nela de sua torpeza e a renega. Quer um estatuto legal que a coloque sob a fiscalização policial,

quer trabalhe na clandestinidade, é ela sempre tratada como pária" (BEAUVOIR, 1980, p. 323). A autora atenta para a inversão que institui e classifica a prostituição no mais baixo nível social, que persegue e penaliza a prostituta e não o seu cliente. Na visão da autora, é justamente na prostituição que "a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, à uma humilhante vigilância médica, aos caprichos dos clientes, destinado aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa" (BEAUVOIR, 1980, p. 389). Nessa perspectiva, a mulher prostituída anula-se e está para servir sexualmente ao homem e aos seus desejos libidinosos. O cliente, por sua vez, não sofre as consequências de uma prática discriminada pela sociedade, ao contrário, ele reafirma sua masculinidade e "alivia" sua pressão sexual.

E no que tange às causas da prostituição, Beauvoir (1980) assegura que é uma atitude ingênua indagar acercas dos motivos que levam a mulher a prostituir-se, considerando-a uma degenerada; é compreensível que mulheres possuidoras de faculdades mentais retardadas escolhem uma atividade que não lhe exija muito esforço ou nenhuma especialização, embora, na maioria das vezes, sejam normais e inteligentes. "Na verdade, em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem a siga; enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas" (BEAUVOIR, 1980, p. 324). Nessa direção, parece que o desemprego e a miséria ocasionada pelos baixos salários configuram-se como as causas ativas da prostituição. Por um lado, é preciso considerar que é ingênuo pensar que a falta de oportunidade é a causa maior da permanência na prostituição, pois há outras questões que asseguram tal permanência, como por exemplo, a garantia de trabalho (sempre vai haver prostituição e quem procura pela realização do prazer) e as possibilidades de ampliação do consumo (roupas de *griffes*, boa gastronomia, acesso a bens culturais, etc.), além das gentilezas e dos carinhos dados pelos clientes que, possivelmente, não seriam oferecidos pelo marido. A miséria também é apontada pela francesa Michelle de Perrot (2013) como uma das causas que levam a mulher a se prostituir, enquanto outras exercem o oficio devido à solidão. De acordo com essa pesquisadora,

> A prostituição é um sistema antigo e quase universal, mas organizado de maneira diferente e diversamente considerado, com *status* diferentes e diferentes hierarquia internas. A reprovação da sociedade é bastante diversa. Depende do valor dado à virgindade e da importância atribuída à sexualidade. As civilizações antigas ou orientais não têm a mesma atitude que a civilização cristã, para a qual a carne é a sede da infelicidade e a fornicação é o maior pecado (PERROT, 2013, p. 77).

A interpretação que se dá ao fenômeno da prostituição é, de fato, cultural. Cada povo tem a sua maneira de compreender e de organizar a comercialização do objeto corpo e atribuir a ele um determinado valor. No Ocidente cristão, por exemplo, a prostituição era mais estigmatizada, mas nem por isto deixou de se expandir e acompanhar o desenvolvimento das cidades, principalmente no século XVIII. Michelle Perrot (2013) destaca que Londres e Paris eram capitais da prostituição e que a divulgação de números exorbitantes de prostitutas chegava a ser fantasioso – mais de 50mil prostitutas em Paris. A autora explicita um fato curioso na história das meretrizes francesas: em 1789, as prostitutas realizaram um desfile na capital reivindicando não somente a liberdade de circulação, mas também o reconhecimento de seus direitos de cidadãs. Elas não obtiveram êxito nas suas ações e o que mais temiam aconteceu: o medo da sífilis levou o médico Parent-Duchatelet a realizar uma completa reorganização da regulamentação da prostituição:

> Parent-Duchatelet tenta isolar as prostitutas em “casas de tolerância”, facilmente identificáveis por um numero de tamanho grande e por uma lanterna vermelha, como ainda existem atualmente em Stuttgart, bordéis patenteados, proibidos pela Lei Marthe Richard, de 1946. Essas casas são gerenciadas por “madames”, antigas prostitutas, em conluio com as autoridades policiais, e garantidoras da ordem (PERROT, 2013, p. 78).

Começava nesse período uma perseguição às prostitutas, as quais foram divididas em duas categorias: as “de carteira”, que estavam autorizadas a trabalhar por terem sido submetidas ao controle médico, e as “da clandestinidade”, mulheres perseguidas constantemente pela polícia local e, sendo pegas, eram submetidas a exame médico, tornando-se prisioneiras em abrigos para mulheres. Seria caça às putas ou combate da sífilis? A sífilis se prolifera significativamente com a implantação do bordel. Sendo sinônimo de “rendez-vous”, “maison-close”, lupanar, o bordel abrigava o

prazer efêmero e pago. Este ambiente "encenava o simulacro do eterno desejo, o espetáculo de uma transgressão protegida e controlada. Considerado por uns uma fábrica de fantasias eróticas e por outros uma cloaca onde se despejavam imundícies" (DEL PRIORE, 2011, p. 84-85). O bordel era o lugar dos prazeres sigilosos, das fantasias eróticas inconfessáveis, onde os desejos libidinosos mais ocultos poderiam ser realizados secretamente, pois prazer e instituição não podem dialogar nesse espaço de convenções e repressões chamado de "boa sociedade".

O tão sonhado estado de liberdade estava distante da prostituta na França, onde a prostituição era um comércio em expansão, assim como todo o mundo, oferecendo a quem faz uso dos seus serviços uma diversidade de oferta: nas casas de *rendez-vous*, os clientes encontram mulheres mais refinadas, enquanto nos prostíbulos sórdidos as mulheres instrumentalizam o corpo em pouquíssimos minutos. Por ter uma reprovação moderada do ofício, o número de mulheres prostituídas nas últimas três décadas do século XIX é engrossado com o "tráfico de escravas brancas", polonesas e mulheres de guetos judeus, oriundas das zonas pobre da Europa central (PERROT, 2013, p. 79).

Se na França do terço final do século XIX a escravidão e a miséria eram vistas como as causas da prostituição, Armando Pereira (1976, p. 25) vai apontar que no Brasil do século XX, a conduta do homem almejando o maior número possível de mulheres de fácil acesso sexual, a necessidade de sobrevivência da mulher economicamente fraca e a ambição de conforto e de luxo desejada pelo sexo feminino e os fatores psíquicos, endocrinológicos e mesológicos vão se caracterizar as razões da prostituição. Na visão do autor, as condições econômicas adversas, acompanhadas pela falta de qualificação para o trabalho e pelo desejo da riqueza fácil e melhores condições de vida conduzem a mulher ao aliciamento torpe. O autor defende ainda a ideia de que todos que procuram despertar a libido masculina são prostituídores (agentes fornecedores de bordéis, lenões, rufiões, clientes, entre outros que exercem profissões no mundo da prostituição). Assim, o homem é um prostituidor em potencial, uma vez que sua conduta é predatória.

Concordamos com o autor quando afirma que a prostituição tem origem nas precárias condições econômicas, porém, vale informar que esse "mal" faz parte apenas do universo da mulher pobre, pois há mulheres que se prostituem por escolha, não por necessidade financeira ou por falta de trabalho dito honesto. Defendendo que "a

prostituição, a pior forma de promiscuidade sexual, seria uma 'vingança' da mulher, submetida pela moral utilitária à monogamia que a sociedade lhe impõe como única solução sexual válida" (PEREIRA, 1976, p. 24-25), o estudioso defende que o homem deseja criar prostitutas, mas necessita das promíscuas para satisfazer seus instintos sexuais. Nesse contexto, pertinentes são seguintes questionamentos: como a prostituta pode ser promíscua se faz parte do seu trabalho oferecer o corpo a diversos parceiros? Prostituição e promiscuidade são as equivalentes ou esta está contida naquela? Não seria um prostituto o homem que se diverte com várias prostitutas, já que ele também faz parte da negociação e "ganha" algo nesse jogo? Quem "usa" quem, afinal, se há uma relação de troca? Ambos são promíscuos? Vale refletir acerca da relação entre a prostituição e a promiscuidade, pois nem toda mulher promíscua é prostituta e vice-versa, se pensarmos que a meretriz está fazendo o trabalho – atender sexualmente diversos homens. O que a prostituta recebe por realizar o sexo, seja dinheiro, joias ou mantimentos, é o que ela recebe em troca que difere a prostituição da promiscuidade. A prostituição acontece "como um pão que é vendido ao sujeito faminto. A relação comercial fica bem estabelecida: um necessita e o outro vende" (CALLIGARIS, 2005, p. 29).

No mundo moderno, há quatro modelos de encarar a prostituição[10]: regulamentarista; trabalhista, laboral ou de "despenalização"; proibicionismo e abolicionista. Tais modelos dividem as opiniões de pesquisadores e de grupos feministas, sobretudo por misturarem aspectos de uns e outros e, com exceção do modelo trabalhista, pregarem a condenação moral da prostituição (PISCITELLI, 2013).

[10] Veronica Munk (2014, p. 60) destaca que a prostituição é reconhecida na Alemanha, Áustria, Grécia, Hungria, Holanda e Suíca, enquanto na Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Espanha, Estônia, Eslováquia, Filândia, França, Irlanda, Itália, Letônia, Luxemburgo, Malta, Polônia, Portugal, Suécia, Reino Unido, República Checa e Noruega. A autora salienta ainda que a prostituição é proibida na Lituânia e Romênia e que na Suécia, na Finlândia, na Noruega, na Islândia e em algumas partes do Reino Unido (Escócia e Irlanda do Norte) os clientes são criminalizados por fazer uso dos serviços sexuais de prostitutas. No Brasil, a primeira ação pública de prostitutas em defesa de seus direitos ocorreu no ano de 1979, manifestação denominada de "Boca do lixo", na cidade de São Paulo. Em terras brasileiras, o exercício da prostituição não é proibido, mas há punições para seus agenciadores. Com as lutas das associações de prostitutas de vários estados brasileiros em busca da regulamentação da prostituição como profissão obteve-se como avanço, no ano de 2002, a inclusão do descritor "profissional do sexo" na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, caracterizando a prestação voluntária de serviços sexuais como uma ocupação registrada sob o número 5198-05.

O modelo regulamentarista evolui lentamente passando por diversos períodos da história, pregando a intervenção estatal atenuada, da inscrição e orientação do problema – prostituição -, considerando-o perigoso e antissocial. Nele, a prostituição é aceita, porém é encarada como ameaça à saúde e à ordem pública, por isso deve ser controlada pelo Estado que estabelece regras que visam garantir a ordem, a saúde e o pagamento de impostos, negligenciando os direitos legais das meretrizes.

Armando Pereira (1976, p. 8-9) aponta os principais argumentos para defender o controle da prostituição: a) somente a regulamentação possibilita a defesa sanitária, reduzindo significativamente as doenças venéreas; b) as prostitutas podem ser vigiadas facilmente, quando reunidas em lugares discretos, afastadas das famílias; c) a prostituição, por ser uma chaga social inevitável, deve ser localizada e impedida de se propagar; d) o fechamento das casas suspeitas pode espalhar a prostituição pela cidade; e e) sem as casas de recuperação e profissionais competentes para tal, as prostitutas serão atiradas nos braços dos delinquentes que convivem com elas.

O modelo trabalhista tem relação com a articulação entre correntes que questionam o direito de os estados regulamentarem aspectos vinculados à moral sexual e à ação dos grupos trabalhadores/as do sexo organizado, tendo como alvo os direitos laborais e as condições de trabalho. Nesse modelo, é reivindicado o reconhecimento do sexo como ocupação trabalhista legítima e a despenalização dos diversos aspectos relacionados à prática da prostituição, “exigindo-se que ela seja regulada por leis civis e laborais, e não por leis penais. O modelo trabalhista, para ser operacionalizado, requer algum grau de regulação, por exemplo, da relação entre empresários e trabalhadores” (PISCITELLI, 2013, p. 152). Enfim, o que se espera não é a regulação das prostitutas, mas, sim, do trabalho delas, assim como vemos em outras profissões brasileiras.

Já o modelo proibicionista apresenta-se como uma atitude mais extremada em determinados países por encarar a prostituição como delito e, consequentemente, aplicando sanções não tão graves aos atores sociais envolvidos nessa prática; é o modelo mais repressivo, por considerar o exercício da prostituição um delito e penalizar todas as atividades relacionadas a ela, classificando as prostitutas como deliquentes.

O modelo abolicionista, por fim, domina as nações civilizadas e defende a eliminação de todos os controles estatais em relação à prostituição e suas atividades tidas como imorais, mas não ilícitas, ou seja, penaliza todas as pessoas que recrutam, organizam e se beneficiam da comercialização do sexo. Para esse modelo, as prostitutas são consideradas vítimas do sistema em diversos países, inclusive para o Brasil, onde "a prostituição em si não é considerada crime, mas qualquer tipo de intermediação é penalizado" (PISTICELLI, 2013, p. 152).

Opondo-se às ideias do grupo regulamentarista, os abolicionistas tentam derrubá-las, alegando que: a) a prostituta e seu parceiro devem ser examinados após cada ato sexual; b) a concentração de prostitutas oficializa a prática prostituinte e transforma o Estado num proxeneta; c) o meretrício, organizado e com boa localização, alimenta o vício e eleva o número de escravas para alcouces e, quando não atinge a todas as mulheres prostituídas, permite a clandestinidade; d) a prostituição é um flagelo e, caso fechem as portas do lenocínio, acaba-se a corrupção administrativa; e) a abolição de regulamentos favorece o respeito às pessoas e acaba com a escravidão; f) a regulamentação transforma a prostituta em máquina e leva-a ao sexo demasiado; e g) com a queda do regulamento a prostituição passa a existir sem odioso caráter comercial (PEREIRA, 1976, p. 9-10).

A prostituição também é foco de discussão no universo da psicanálise. Em *O sexo conduz o mundo*, Colette Chiland (2005) explicita que os homens e as mulheres são submetidos à pressão da sexualidade, e que a identidade sexuada, as escolhas amorosas e as errâncias do desejo (e aqui se incluem a prostituição e a pornografia) marcam a importância da diferença sexual. Para essa psiquiatra e psicanalista, a relevância da sexualidade é tão demasiada que os homens a compram e as mulheres aceitam, sob pressão ou não, vendendo seu sexo a uma sucessão de homens, o que as fazem adentrar na "prostituição da sexualidade" ou "sexualidade degradada". Apoiada nos dados testemunhais de Kathleen Barry que ao conviveu durante vários anos com prostitutas de nacionalidades diferentes, Chiland (2005, p. 110) destaca quatro etapas de desumanização que a mulher prostituída ultrapassa: a) distanciamento em relação a si mesma, à sua identidade (a mulher se anula); b) desengajamento emocional (a mulher procura se esforçar para não sofrer); c) dissociação (o homem vê a mulher como válvula

de escape de suas práticas libidinais); e d) desencarnação e simulação (a mulher desempenha seu papel e finge gostar do ato de entregar seu sexo).

Assim sendo, é preconceituoso o enunciado que afirma ser "a prostituta uma mulher de vida fácil". Como seria fácil se os direitos da mulher nesse universo não são respeitados? Se a prostituta não é livre por ter sido conduzida a se prostituir pela miséria, pela falta de emprego, pelos maus-tratos na infância e/ou na adolescência e se muitas delas estão sob o controle de um cafetão como tem facilidade para viver? Pensando assim, a professora Colette Chiland observa que a sociedade não pode ignorar a prostituição e acrescenta que:

> Nosso mundo oferece, nesse campo como em outros, o espetáculo de poucos homens e mulheres que se dedicam a ajudar mulheres e homens a saírem da prostituição, ao passo que outros, mais poderosos pelo dinheiro e pelas relações, tecem as teias nas quais espreitam e prendem suas vitimas (CHILAND, 2005, p. 115).

Vale lembrar que, nos últimos tempos, a prostituição é encarada como prática deslegitimada socialmente por transgredir os padrões impostos à conduta da mulher. Além disso, legitima o sistema capitalista-patriarcal, sendo historicamente associada à perversão, à promiscuidade e "sexualidade criminosa".

Como tão bem argumenta Rago (2008. p. 14), ignorar e silenciar as violentas relações sociais estabelecidas na subcultura da prostituição nos âmbitos acadêmicos e políticos é uma maneira de negligenciar os problemas que assolam a vida social. Entendemos que é necessário encarar o submundo da prostituição, historicizando-o e problematizando-o para que a sociedade não exclua as profissionais do sexo da sua condição de cidadã.

Em seu livro *O cliente: o outro lado da prostituição*, Francisca Ilnar Sousa (1998) explicita que existem diversas maneiras de entendimento e definições acerca da prostituição e que muitas pessoas compreendem esta prática além de uma simples necessidade de sobreviver. Do ponto vista religioso, a autora salienta que "o discurso religioso é propenso a aceitar o depoimento de prostitutas que se dizem arrependidas de estar "naquela vida" e que só "entraram" por não ter outra forma de sobrevivência. Esse discurso anula todo o erotismo da atividade prostituinte, dessexualizando as práticas

consideradas licenciosas (SOUSA, 1998, p. 115). Nessa direção, a ênfase está na sobrevivência, que dessexualiza a prática sexual e a apresenta como uma luta pela vida, um "sacrifício" para sobreviver. A prostituta torna-se, assim, uma escrava de si e do outro – o cliente -, haja vista que sua consciência é "roubada", é retirado dela o direito de não assumir a identidade de prostituta quando esta aparece como a uma única maneira de sobreviver. Nesse caso, à prostituta resta não apenas a entrega do corpo, mas da consciência, da dignidade, do respeito, do caráter, enfim, da integridade física e moral. É o que se percebe nas palavras do ex-arcebispo bispo da Paraíba, Dom José Maria Pires (1983, p. 15), para o qual prostituição vai além do aluguel do corpo, do sexo para sobreviver, pois "há também o aluguel dos braços, da força de trabalho a que é forçado o operário. E há até o aluguel da própria dignidade quando alguém é forçado pelas circunstâncias a agir contra a própria consciência".

Ao entrevistar clientes de prostitutas na cidade do Rio de Janeiro no final do século XX, a autora constatou que a procura por prostitutas, por parte dos frequentadores de bordéis, não se limita à busca do prazer, pois, na verdade, ela exerce diferentes funções, a saber: socializar adolescentes nos misteres sexuais sem dificuldades; aliviar as tensões sexuais dos clientes solteiros, viúvos, adolescentes, desquitados, solteiros gamófobos; assistir sexualmente os impotentes, que atingem o orgasmo com ou sem ereção por meio de brincadeiras sexuais e excitações eróticas diversas; aliviar a monotonia conjugal ou o sexo rotineiro; substituir a esposa nas suas ausências e impotências; assistir, além do coito, homens com deficiências físicas (paralíticos, hemiplégicos, paraplégicos ou tetraplégicos) casados ou não, quando a esposa não mantém a relação sexual; aliviar a "escravidão sexual" de esposas cujos maridos desejam relações sexuais constantemente; atuar como "remédio" anti-homossexual nas aglomerações de homens fora de suas residências; aliviar o desejo libidinal de clientes com dificuldades de desempenhar o sexo normal (sexopatas) e enxergam na prostituta a disposição para estimulação sexual e a possibilidade de atingir o orgasmo; acompanhar homens que estão momentaneamente na cidade, a negócios e/ou passeios; e, por fim, escutar queixas e desabafos de clientes com problemas no casamento, no trabalho ou que buscam conselhos para resolver suas dificuldades pessoais.

Salientamos que o prostíbulo/cabaré não sobrevive apenas de sexo, pois este espaço social tem muito a oferecer aos seus visitantes: festa, bebidas, confidências, brincadeiras, danças, amizades, realização de fantasias eróticas, aventuras, drogas ilícitas e novas experiências sexuais. Da mesma maneira que o cliente busca algo além do sexo, a prostituta também pode ir ao bordel para outros fins, quais sejam, divertir-se, beber, conversar, dançar, buscar o próprio prazer, etc. Nessa direção, a atuação da prostituta depende do seu entendimento do ato de prostituir-se, como ela compreende a prostituição, haja vista que:

> A representação que cada indivíduo tem sobre a prostituição depende, na maioria das vezes, das próprias fantasias sobre como se pensa e se define a prostituição. Da mesma forma, cada prostituta pensa e exerce a prostituição de acordo com seus "fantasmas", ou seja, ela sabe quais são as regras do jogo, como cada uma deve agir. No entanto, ficam a critério de cada uma as questões relativas a ser profissional ou não (SOUSA, 1998, p. 138).

A partir dessa citação, entendemos que o papel da prostituta não se reduz ao ato sexual. No seu âmbito de trabalho, há regras morais a serem cumpridas, o que não lhe tira a possibilidade de se divertir com os clientes, fazendo suas escolhas: transar ou não transar, prevenir-se ou não se prevenir contra doenças sexuais e gravidez, envolver-se sentimentalmente ou não com seus clientes, "atender" àqueles que paguem melhor, permanecer ou não na "vida fácil", entre outras. Nesse sentido, a prostituição tem o papel social de atender não apenas os desejos sexuais masculinos, mas a própria satisfação da mulher que permanece ou retorna à prostituição quando bem desejar.

É preciso considerar que a presença dos homens na zona de prostituição não se restringe ao sexo a fim de realizar as mais diversas fantasias e desejos sexuais. Há clientes que procuram a prostituta para suprirem, como dissemos, outras necessidades, a exemplo de aconselhar e ouvir seus desabafos, discutir política, socializar problemas familiares, etc. Além de mercantilizarem seus corpos, as prostitutas devem ser psicólogas, enfermeiras, atrizes, cuidando do bem estar total do homem que, ao comprar sexo dela, compra também todo o ser humano, transformando a escravidão em profissão. Entendemos que, na maioria dos casos, o cliente procura a mulher prostituída para realizar fantasias que não acontecem durante a relação sexual com a esposa, diferença que estabelece as regras sociais que gerenciam a sociedade. Gaspar (1985),

Moraes (1996) e vários pesquisadores acerca do tema prostituição de mulheres chegaram à conclusão de que muitos homens procuram prostitutas porque desejam beber, conversar e se distrair, não exatamente para manterem relações íntimas. É justamente este diferencial – os prazeres diferenciados - que permite que o universo da prostituição permaneça no imaginário do mal necessário (PASINI, 2009, p. 258).

Convém ressaltar que, no submundo da prostituição, existem jogos sexuais estabelecidos por meretrizes, que na luta para manter a vida, assumem esta profissão devido a limitações enfrentadas pela mulher no mercado de trabalho, reduzindo-se a condição de mercadoria de compra e venda, abandonando à própria vida, a realização de seus sonhos, uma vez que no exercício da prostituição

> a mulher se torna destituída de si mesma, procura ancorar-se em um porto suspeito, turbulento, enganador e oscilante. O ancoradouro da mulher de costumes 'fáceis' torna-se um submundo imundo, um cenário de aventuras da existência e de feridas dissimuladas. Prostituir-se é como sequestrar-se a si mesma (FERRO, 1997, p. 18-19).

Sob essa ótica, as profissionais do sexo são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa. Em relação ao modo de viver da prostituta, Simmel (2006, p. 2) reflete acerca da indignação moral que a "boa sociedade" expressa no que tange à prostituição e ressalta que "nada mais falso do que chamar de garotas de vida alegre essas infelizes criaturas" que vivem não para a sua própria alegria, mas sim, para a felicidade de outrem, para satisfazer os mais variantes desejos sexuais alheios.

Sem dúvida, a prostituição se configura hoje como uma instância marginalizada da sociedade que vem recebendo novos significados culturais, levantando discussões calorosas, sobretudo quando da sua regularização como uma profissão com direitos e deveres. Para entender a prostituição, é preciso ir além das relações econômicas e políticas; é fundamental considerar a alteridade como um traço caracterizador da mulher prostituída. Como afirma Francisca Ilnar Sousa (1998, p. 148), "a prostituição não está com seus 'dias contados', mas adaptando-se as novas exigências sociais". O que se faz urgente nesse momento é compreender o *diferente*, o *diverso* ente prostituta e cliente,

entender que uma mulher não se prostitui apenas para sobreviver, mas por preferir ser e estar na condição de prostituta. Com base na sua pesquisa, a estudiosa conclui que, enquanto tema atual,

> a prostituição, *diferente* na sua relação com o social, foi construída como uma soma de *diferenças* que organizam esse diverso social. Porém, tão importante quanto esse entendimento sobre a prostituição, foi o esforço de repensar e tentar contribuir para a compreensão de um fenômeno que tem incomodado, assim como de vários outros que temos dificuldades de entender e aceitar, por serem *diferentes* (SOUSA, 1998, p. 35). (Grifos da autora).

Vemos que a comercialização do corpo não é uma prática bem vista aos olhos da sociedade para a qual a mulher ainda é o símbolo da maternidade, da reprodução, por transgredir o pensamento de que a mulher "honesta" é aquela forma família e cuida de seu lar. Diante desse quadro, são necessárias políticas públicas que possam socorrer e amparar mulheres que desejam seguir outra "profissão", pois apontar severamente uma prostituta contribui para sua decadência e marginalização. E àquelas que desejam comercializar seus corpos têm o direito a toda nossa simpatia, haja vista que é um direito da mulher fazer o que bem entende de corpo. Nesse sentido, as prostitutas têm o direito de fazer com que a prostituição seja reconhecida como uma profissão como qualquer outro trabalho, pois é do seu próprio corpo que ela retira a sua sobrevivência por que não comercializá-lo? O que torna esta comercialização do sexo é uma tarefa muito difícil de aceitação, isenta de preconceitos por parte da sociedade, é, na visão de Chiland, ser a prostituição uma degradação da mulher, uma escravidão do corpo feminino. Além disso, os padrões morais e religiosos orientam (ou desorientam?!) a humanidade por muitos séculos, delimitando o espaço da mulher (casa, família) e o seu papel social (mãe, cuidadora do lar). No que se refere à mercantilização do sexo, "a visão atual é a de uma globalização com redes estruturadas que se abastecem em todos os bolsões de pobreza [...] e utilizam os recursos infinitos da internet para uma circulação acentuada num mercado em expansão e fonte de lucros consideráveis" (PERROT, 2013, p. 80).

Ademais, sendo a prostituição uma prática em expansão, necessitamos de políticas públicas que garantam as prostitutas "batalhar" sem censura e privações, ou seja, é mister descriminalizar a prostituição, dar visibilidade a esta prática e reverter a

ideia de chaga social e ameaça à família. Vivendo na “batalha”[11]por escolha ou como recurso de sobrevivência, a mulher prostituída dever ter assegurados o respeito, a dignidade e a liberdade, afinal, ela é uma cidadã com desejos, anseios e necessidades, fatores que caracterizam todos os seres humanos.

Se mercantilizar o corpo é uma forma opcional de sobrevivência, as prostitutas devem protestar contra a hipocrisia do Estado e da sociedade em geral numa voz política que reivindica a solidariedade das instituições responsáveis pelo trabalho, buscando o fim do assédio sexista, racista e colonialista contra aquelas que se encontram fora da margem social. Nesse caso, uma das maneiras de fazer as prostitutas voltarem ao centro é garantir a elas o acesso aos direitos cívicos e humanos.

[11] Termo utilizado para designar o trabalho da mulher no mundo da prostituição, conforme destaca Ana Isabel Fábregas-Martínez (2000, p. 18).

CAPÍTULO II

A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NOS ROMANCES BRASILEIROS

Eu canto com minha voz,
com o corpo,
com o sexo, eu canto toda.

Janis Joplin

Neste capítulo, discutimos a forma como a temática da prostituição aparece na literatura nacional, refletindo acerca das estratégias usadas no *corpus* desta tese e seu diálogo com outros romances brasileiros. Traçamos um percurso de narrativas que tematizam a prostituição no Brasil e alinhamos aquelas que evidenciam pontos de vista divergentes quanto à condição da prostituta da sociedade do século XIX até o início do nosso século, tomando a data da publicação d'*O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005) como baliza.

As histórias que envolvem a prostituta e a prostituição despertam a atenção por razões, como o jogo da sedução, a sensualidade excitante, o drama da miséria, a batalha entre um suposto bem e um também suposto mal, o amor conquistado ou o desencontro amoroso, a beleza, a luxúria e a transgressão.

A partir da segunda metade do século XIX grandes narrativas vinculadas à temática da prostituição feminina aparecem na literatura latino-americana. No universo literário, o espaço da prostituta é caracterizado como profano, misterioso e, sobretudo, iconoclasta. Na linguagem, percebemos a representação dos prazeres sexuais vendidos, vividos e compartilhados por prostitutas que, do ponto de vista dos dogmas religiosos, sempre preconceituosos e discriminatórios, acusam a prostituta como ameaça ao controle social, calcado em regras morais arbitrárias, proporcionando, inclusive a prostituição e outras formas de vida que esse mesmo manual de bem viver em uma sociedade regrada favorece. A expressão "casa de tolerância" diz bem da assunção do "problema" por uma sociedade dita higiênica, social e moralmente.

A meretriz é considerada ora vítima da miséria, ora anjo sedutor, ora demônio tentador/traiçoeiro. Os espaços das prostitutas na ficção surgem, contraditoriamente, como instigantes (porque aguçam a curiosidade) e ruidosos (provocando indignação às vezes e euforia em outras). Estes espaços antagônicos, que se excluem e se interrelacionam ao mesmo tempo, apontam para o pensamento de Northrop Frye (1991) quando opõe o "mundo divino" ao "mundo demoníaco". No primeiro, estariam as criaturas sagradas, religiosas, obedientes às regras morais, passivas, respeitadoras, enquanto no segundo, a prostituta simbolizaria um mundo desregrado, onde, sob o domínio da paixão destruidora, arrastaria, para a ruína, os usuários de seus serviços sexuais.

Detentora de um erotismo desconcertante, desencadeador de violentas paixões, a prostituta submete o homem que se torna refém do jogo erótico-sensual em que se envolveu. Esta atuação é captada pelo narrador que a transforma em matéria literária, linguagem literária. Como lemos,

> Sem dúvida interessa à Literatura a sensualidade impressa na figura da prostituta. Muito além da imagem de mulher sempre disposta a doar prazer, existe a sensação erótica do convite, da sedução, da procura. No imaginário masculino a prostituta coloca-se tal qual uma serva

> capaz de desejos sexuais incontroláveis que a impulsionam a realizar as mais diversas fantasias eróticas (FIGUEIREDO, 2005, p. 1).

Na condição ambígua de serva e senhora, a prostituta confirma que a preocupação com o sexo está no universo cultural e moral das pessoas. Ao falarmos de prostituição, o que está no bojo da discussão é o prazer masculino. Logo, a prostituta seria forjada para servir aos outros: família, filhos e clientes. Estes desejam arrancar dela o sexo, o deleite libidinal. O corpo da meretriz se resumiria, neste caso, a uma fonte de prazer, descaracterizado de outras funções como, por exemplo, o exercício do afeto, e, mais radicalmente, o direito à maternidade, já que seus afazeres não lhe outorgariam o livre uso do próprio corpo. Gestar uma criança e amamentar demandariam tempo e modificações físicas nem sempre aceitáveis por quem busca apenas noites de prazer. De acordo com Rago (2008, p. 23-24), a meretriz, fugindo do centro da normalidade, teria como função principal aliviar as tensões aleatórias criadas em razão da "imposição de estreitas regras de comportamento sexual, permitindo aos homens e às mulheres 'desviantes' dar vazão aos impulsos libidinais", represados no seio da família, sobretudo por princípios religiosos, conforme registram as obras literárias.

2.1 A presença da prostituta nos romances nacionais: o alinhamento

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

Manuel Bandeira

Efetivamente, a imagem da prostituta surge na literatura brasileira em meados do século XIX quando José de Alencar (1829 - 1877) escreveu a peça *As asas de um anjo* (1854), cujo tema central é a prostituição feminina. O texto escandalizou a sociedade carioca ao narrar a história de Carolina, moça pobre que foge e ingressa no mundo da prostituição. A sua entrada na prostituição acarreta o desmoronamento da família e o

alcoolismo do pai. Desejada por homens poderosos, ricos e influentes na sociedade, Carolina reconhece seu estado de pobreza e abandono e sente na pele a angústia de ser possuída violentamente pelo pai dominado pelo álcool, substância que não permite ao bêbado o reconhecimento da filha, permitindo o incesto, cena que deixou perplexa a polícia da época. A saída do ofício dá-se no momento em que a protagonista resolve casar-se com o primo Luís que, por amor, perdoa Carolina e a aceita como sua legítima esposa, esquecendo o passado "errante", agora glorificado pelo amor e pela maternidade. Neste caso específico, a maternidade teria uma função redentora, caminho que não serviu para Luísa e Irene - enfocadas nesta tese – como veremos no capítulo seguinte.

Após a sua segunda apresentação no Ginásio Dramático, em 30 de maio e 3 de junho de 1858, *As asas de um anjo* foi censurada e retirada de cartaz, sob a falsa alegação de que um dos atores estaria doente e não havia a possibilidade de alguém substituí-lo. Os censores consideram o texto imoral, muito revelador da prostituição, tendendo a "chocar" a sociedade carioca. De fato, a intenção de Alencar foi utilizar a crueza proposital para conduzir o público a uma reflexão e moralização dos costumes. Lutar a favor da liberação da peça se tornou uma questão de honra para Alencar[12]. Com teor moral e pedagógico, o autor procurava "educar" as damas da sociedade, ensinando-lhes que o "mal" deveria ser punido, enquanto o "bem" seria glorificado com a mesma intensidade. O escritor revela que, apesar de trabalhar o tema, é igualmente preconceituoso quanto à prostituição. Sua presunção é redimir a prostituta pelo apelo pedagógico.

A peça teve sua origem nas ideias de Alexandre Dumas Filho em *A dama das camélias* (1852) – texto que combina o romantismo visto na personagem Marguerite Gautier, cortesã apaixonada e regenerada pelo amor, e o realismo presente no viés moralizador – e por Theodore Barrière e Lambert Thisboust, que escreveram *As mulheres de mármore* (1853), cuja trama é centrada na paixão de um jovem escultor pela prostituta Marco, a qual, diferentemente de Marguerite, não possui a capacidade de

[12] José de Alencar dedicou-se à produção teatral entre 1857 e 1860. No conjunto, ele escreveu nove peças teatrais (*As asas de um anjo*, 1854; *O Rio de Janeiro, verso e reverso*, 1857; *O que é o casamento?*, 1861; *O demônio familiar*, 1867; *O crédito*, 1857; *Mãe*, 1860; *Expiação*, 1867; *O jesuíta*, 1875), as quais foram todas encenadas no Teatro Ginásio Dramático, sendo duas delas dedicadas à temática da prostituição feminina - *As asas de um anjo* e E*xpiação*.

amar sem interesses, tornando-se, assim, uma ameaça à família e ao casamento. A peça *As asas de um anjo* reflete em Carolina a junção da prostituta redimida pelo amor.

Segundo Douglas Ricardo Hermínio Reis (2013, p. 70), "o papel da cortesã na sociedade burguesa da época encontra seu campo de embate nas ideias romântica e realista, papel este que Alencar destacou em *As asas de um anjo*", haja vista que, ao ser romântico por formação, aposta na regeneração da prostituta que pode sair da exclusão e voltar ao centro da sociedade, conforme se observa na cena VI transcrita do segundo ato:

> Luís – Está enganada, Carolina. Se uma moça que, levada pelo seu primeiro amor, ignorando o mal, esqueceu um instante os seus deveres, volta arrependida à casa paterna; se encontra no coração de sua mãe, na amizade de seu pai, na afeição dos seus, a mesma ternura; se ela continua a sua existência doce e tranquila no seio familiar; por que a sociedade não lhe perdoará, quando Deus lhe perdoa, dando-lhe a felicidade?
> Carolina – Nunca ela poderá ser feliz! A sua vida será uma triste expiação.
> Luís – Ao contrário, será uma regeneração. Em vez da paixão criminosa o amor calmo que a rouba de seus pais, ela pode achar no seio de sua família que purifique o passado e lhe faça esquecer a sua falta (ALENCAR, 1960, p. 250-251).

Ainda sobre *As asas de um anjo*, João Roberto Farias (1987, p. 78-79) destaca o papel pioneiro de incorporar um problema da civilizada Europa ao subdesenvolvido Brasil. Para o autor, "não há como fugir à constatação de que a prostituta, no teatro de ficção romântica, era capaz de amar com dignidade e pureza, enquanto que no realismo teatral era retratada como um ser desprovido de qualquer sentimento nobre". Sobre o trabalho de Alencar acrescenta:

> Em sua peça, procurou mostrar que a nossa vida urbana – ou pelo menos a da corte -, à semelhança da parisiense, tinha também as suas mulheres de mármore, ou seus anjos decaídos, ameaçando a vida plácida da família burguesa brasileira e contaminando inclusive os mais humildes. Ocorre, porém, que Alencar não se limitou a apresentar essa visão negativa da cortesã, comum às peças do realismo teatral. Sua formação era romântica, não esqueçamos, e isso o levou a considerar também a figura da cortesã boa de coração, capaz de se regenerar e de ter sentimentos puros (FARIA, 1987, p. 78-79).

Alencar não desistiu de abordar a temática da prostituição feminina diante da censura de *As asas de um anjo* e da polêmica que a peça provocou no cenário carioca. O escritor cearense seguiu seu projeto literário revestido pelo sentimento moralizador, de estética realista e retomou o tema da prostituta regenerada em duas obras, quais sejam, a peça teatral *Expiação* e o romance *Lucíola*, livro que surge como uma resposta à censura sofrida anteriormente.

Tendo em vista que o nosso interesse neste capítulo é fazer um alinhamento das principais obras que antecipam o *corpus* de análise deste trabalho – *Um ramo para Luísa*, de José Condé e *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende - quando se trata da temática prostituição feminina, apresentamos, a seguir, os romances publicados no século XIX que inscreveram a figura da prostituta na literatura brasileira.

O romance *Lucíola*, de José de Alencar, foi publicado em 1862, no auge do Romantismo brasileiro, chocando mais uma vez os leitores de romances (mulheres e jovens estudantes pertencentes às classes abastadas) com a aparição da encantadora Lúcia, personagem central do romance, cuja atividade era a comercialização do corpo aos homens da alta sociedade de então.

Precocemente, Lúcia adentra no mundo da prostituição devido à perda da mãe e, consequentemente, a falta do apoio e da proteção materna:

> - O senhor tem mãe e irmã! Como deve ser feliz! – disse Lúcia com sentimento.
> - Quem é que não tem uma irmã! – respondi-lhe sorrindo. – E minha mãe ainda é muito moça para que eu tivesse a desgraça de a haver perdido.
> - Perdi a minha muito cedo e fiquei só no mundo; por isso invejo a felicidade daqueles que têm uma família. Há de ser tão bom a gente sentir-se amada sem interesse! (ALENCAR, 2004, p. 25).

Inserindo-se na tradição romântica das biografias de cortesãs, Lúcia inicia um relacionamento com Paulo, o qual não compreende como pode existir um amor desinteressado por parte da cortesã. A história amorosa de Lúcia e Paulo é registrada por ele e enviada a uma “senhora” que fazia críticas cortantes às prostitutas. Embora a relação desses jovens fosse marcada pela atração física e pela desconfiança exagerada por parte dele, a intenção de Paulo era demonstrar que mesmo vivendo no/do exercício da prostituição, uma alma nobre podia manter-se intocável.

Para Antonio Candido (1990, p. 221), a obra é fortemente marcada pela "firmeza do diálogo, o senso das situações reais e o gosto pelo conflito psicológico, aspectos que fazem deste um dos três ou quatros livros realmente excelentes que escreveu". Além disso,

> Ao abrir a alcova, o romance de Alencar abre também um aspecto novo nas estórias das cortesãs: a linguagem erótica. As imagens sexuais dão concretude ao desejo e ao jogo amoroso. Elas vêm ao texto para recriar o mundo do prazer e, a partir desse momento, impõem-se como elemento de construção do processo de desvendamento de Lúcia e como traço diferenciador entre o romance de Alencar e o de Dumas Filho (DE MARCO, 1986, p. 162).

No romance, parece que o narrador pretende canalizar a atenção do leitor direcionando-o ao processo de desvendamento da cortesã, que em sua atuação leva o homem - nesse caso, Paulo - à devassidão e à quebra dos princípios morais e religiosos, principalmente quando ele está apaixonado:

> O desnudamento da cortesã revela as normas sociais da corte, as transgressões permitidas e as passagens proibidas. Paulo é dilacerado pelas contradições entre fantasia e realidade, castidade e prostituição, deveres e desejos (...) Quando se rasgam aos seus olhos o corpo e as roupas de Lucia, ele conhece não apenas o mercado do prazer e suas regras, mas também o limite entre este e o casamento (DEMARCO, 1986, p. 180).

Paulo atua como agente regenerador da cortesã. Devagar, o amor anula a desconfiança. Ele procura marcas de decência e orgulho em Lucíola, a qual percebe nele um ser generoso e desprovido de grandes ambições. Isto faz com que a protagonista perceba o diferencial da alma daquele rapaz que a deixa apaixonada por ele. Na verdade, o que Lúcia sente por Paulo é amor, um sentimento desvinculado de regras sociais e de interesses financeiros. É o amor que faz Lúcia mudar de comportamento e de caráter:

> Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que corroem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, com a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de cabeça sensualidade brutal, não se importa de humilhar a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui (ALENCAR, 2004, p. 42).

O narrador pontua que a prostituta é uma mulher desprovida de amor e a compara a um anjo caído, ou seja, torna-se uma transgressora, um ser que se desvia do "caminho certo". A meretriz seria, nesse caso, uma mulher que busca paixões momentâneas, doentias tendo os bens materiais como alvo de sua atuação. Seria a prostituta uma mulher sem amor? Diversos romances do século XX depõem contra essa afirmação do narrador. Basta considerar o amor que a prostituta Tereza, protagonista da obra *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, sente por Januário Gereba para este pensamento cair por terra. A prostituta é capaz de sentir, dar e receber amor; ela é uma mulher como outras, dotada de sentimentos e que necessita de carinho e atenção de um companheiro. Pensar dessa maneira é subestimar a capacidade de amar da mulher prostituída, a qual apenas entrega ao cliente o corpo e não o coração. Tanto ela é capaz de amar que o narrador de *Lucíola* encaminha Lúcia nas trilhas do amor para que ela se "regenerasse", afastando-se da luxúria e da corrupção da carne para assumir o lar – ambiente sagrado. Sempre o ranço moralista na ficção alencariana.

Assim, Lucíola representa a prostituta regenerada que após sentir na pele que "a degradação e a miséria é a de quem recebe o preço" (ALENCAR, 2004, p. 45) tenta encontrar na maternidade a salvação da alma. Para que isto aconteça, a heroína recebe como punição a morte. Seria Lúcia uma pecadora? Pelo menos, na concepção do seu criador, sim. Sem lugar neste plano, o desfecho da narrativa revela um ideal de amor romântico a ser realizado em outra esfera, mais espiritualizada. Além disso, a presença da morte é significativa para a protagonista, pois a distingue como personagem de *exceção*, fato típico da idealização romântica. Percebemos na obra "a ideia romântica da regeneração da mulher perdida com a moralidade" (FARIA, 1993, p. 184), fato bastante presente na escola realista francesa, revelador, por si só, da criminalização da prostituta ciosamente criada também, por aquela sociedade.

Já no ano de 1881, Machado de Assis (1939-1908) inaugura o Realismo no Brasil com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro que retrata a relação entre Brás Cubas e Marcela. Brás, membro representante da sociedade patriarcal brasileira, beneficiado pelos privilégios e caprichos oferecidos pelos pais ricos; ela, uma prostituta de luxo, consumista e interesseira, amada por Brás desde a adolescência do rapaz.

Nessa obra, a prostituição é retratada como uma relação de troca de favores: Marcela recebia presentes e dinheiro de Brás, o qual em contrapartida tinha acesso ao prazer da carne: "... Marcela amou-se durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil" (ASSIS, 2015, p. 51). Marcela se relaciona por interesse, seu alvo é o consumo, o retorno financeiro e a vida luxuosa que a venda do corpo proporcionava. Ao negociar o sexo com Brás, este gastava muito dinheiro da família com festas, presentes e toda sorte de frivolidades. Incomodado com a situação, o pai do jovem resolveu terminar definitivamente essa negociação do sexo, mandando o filho estudar na Europa, atitude comum nas classes ricas da época. Quando Brás deixou de oferecer dinheiro e presentes, logo o "amor" de Marcela se acabou.

O cortiço, de Aluísio de Azevedo (1857-1913), é, dentre os romances naturalistas brasileiros, o primeiro a destacar a imagem da prostituta. Publicado em 1890, a obra focaliza a ambição, a exploração e as aviltantes condições de vida dos moradores das estalagens ou dos cortiços cariocas do final do século XIX, evidenciando os comportamentos transgressivos como "molas" desencadeadoras das paixões e da rotina fisiológica. Sendo típico do determinismo biológico, o sexo é supervalorizado e funciona como força degradante que age em todas as consideradas patologias sexuais (adultério, prostituição, homossexualidade, lesbianismo etc.).

Em *O cortiço*, encontramos as prostitutas Pombinha e Léonie que decidem manter um relacionamento amoroso. Pombinha é uma mulher bonita, casada, religiosa, "com uns modos de menina de boa família" e que resolve propor ao marido morar com uma mulher: "O rapaz não respondeu à carta, Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Isabel quase morre de desgosto. [...] Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie" (AZEVEDO, 2002, p. 200). É Léonie que ensina as artes da prostituição a Pombinha, contaminando a índole desta: "Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro" (AZEVEDO, 2002, p. 201). As duas prostitutas eram vistas por toda a parte que se pudesse oferecer prazer, arrastando para os gabinetes/quartos de hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café que vinham à corte oferecer os fartos sacos do produto. Por elas já havia

passado uma geração inteira de devassos e com a prática as prostitutas se tornavam mais experientes no oficio:

> Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si (AZEVEDO, 2002, p. 201).

Ainda no século XIX, o cearense Adolfo Caminha (1867-1897) publicou em 1895 o romance *O Bom Crioulo*, obra inserida no Naturalismo brasileiro. Nela, o escritor cearense destaca a prostituta Dona Carolina, uma portuguesa famosa por suas pernas, que mais tarde largaria o meretrício para viver do aluguel de quartos de sua casa na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro. Após muitos anos de serviços sexuais prestados aos homens, solteira e com aproximadamente quarenta anos de idade, a ex-prostituta decide gerenciar sua pensão, abandonando a antiga profissão após cair doente e não poder mais atuar nas glórias da luz vermelha. O romance foi recebido com escândalo pela crítica literária e com o silêncio do público pela ousadia da abordagem de temas tabus, como a prostituição, o sexo interracial e a homoafetividade no espaço militar, com práticas eróticas e transgressoras não aceitáveis para a época.

Eliane Robert Moraes (2009, p. 21) assegura que a figura recorrente da prostituta no imaginário literário brasileiro se reveste de significativa relevância nas primeiras décadas do século XX, conforme se observa nas diversas obras do Modernismo, daí concluir que “a onipresença da prostituta nas artes do período nos induz a pensá-la como uma peça chave na formação da sensibilidade modernista brasileira, aliás como acontece também nas vanguardas europeias”. No início desse século, a imagem da prostituta pode ser vista em *Canaã*, de Graça Aranha (1902) ou em *Alma*, de Oswald de Andrade (1922), ou ainda nas diversas gravuras do pintor e caricaturista carioca Di Cavalcanti sobre as mulheres residentes no Mangue, trabalhos artístico-literários que, a nosso ver, são poucos explorados pelas academias, o que se comprova pela escassez de trabalhos acadêmicos e científicos já divulgados. No Brasil, a maioria das obras que abordam o assunto apresenta um tom de denúncia, com um olhar impiedoso aos

prostíbulos do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde impera o sofrimento das "mulheres da vida". Como não podemos, em um trabalho como este, analisar todas as obras que retratam a prostituta, selecionamos alguns escritores e poetas brasileiros para demonstrar, embora de forma breve, como as meretrizes são poetizadas no texto literário.

No ano de 1910, Lindolfo Rocha (1862-1911) publica *Maria Dusá*. Trata-se de um romance representativo da linha regionalista, de temática relacionada ao ciclo diamantífero baiano, focalizando a vida e a desgraça da gente oriunda de outros rincões que se dirigem para as Lavras Diamantinas em busca de sobrevivência e riqueza. O livro reporta-se à época de 1860, retratando a sociedade dos mineradores, o pensamento, os costumes e a vida social brasileira da parte diamantina da Bahia. No cenário de seca e garimpo, o tropeiro Ricardo Valeriano Brandão se depara com a família de Raimundo Alves, um homem miserável capaz de realizar qualquer feito em troca de um pedaço de carne seca ou de um punhado de sal. Assim sendo, o velho Raimundo oferece a Ricardo a filha mais velha, a linda e simplória Maria[13], em troca de alguns mantimentos, por acreditar que a garota terá uma vida melhor se acompanhar o desconhecido, diminuindo as suas despesas na família. Maria decide não abandonar a mãe e os irmãos. Ricardo parte, deixando-a apaixonada. A prostituição retratada na obra em questão evidencia uma troca do corpo por algo, nesse caso, mantimentos. O cenário de fome e extrema miséria é anunciado na primeira página do livro:

> Teve esse casal quatro filhas e dous filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A seca de 59 foi-lhes ainda um pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças (ROCHA, 1980, p. 11).

A miséria e a seca que devastam a vida da família de Raimundo Alves e da sua esposa Maria Rosa funcionam como "molas" propulsoras da prostituição feminina no espaço baiano. O corpo passa a ser objeto de consumo e produto de troca, visando à sobrevivência da família que desaparecerá em razão da miséria. A prostituição,

[13] Salientamos que esta Maria não é a personagem central Maria Dusá. Ambas são mulheres belas que diferem quanto à situação econômica (a primeira é paupérrima, enquanto a segunda possui grande influência com os poderosos da região, mas se assemelham pela beleza física.

entretanto, não é o tema principal da obra[14], mas ela é inevitável devido às precárias condições de vida das pessoas daquele lugar, onde quem tem mais realiza seus prazeres sexuais com mulheres famintas que desejam alimentar os seus familiares.

Maria Dusá foi uma das primeiras obras a trazer para o universo literário a prostituição feminina. Moraes (2009, p. 22) explicita que "talvez se possa dizer, inclusive, que essa é a vertente hegemônica de representação da prostituta no olhar dos escritores nacionais desde o final do Oitocentos". Para a autora, surge a partir daí a necessidade de analisar o diferencial do romance *Madame Pommery*, escrito por Hilário Tácito, no ano de 1920, pseudônimo do engenheiro civil José Maria de Toledo Malta (1885-1951), responsável pela construção do edifício Martinelli, localizado no centro da capital paulista. Tendo como marcas principais o humor debochado e a sátira, a obra traz uma nova perspectiva de discussão sobre a prostituição inscrita na literatura brasileira, focalizando a cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX, com personagens ilustres da aristocracia cafeeira desfilando no luxuoso bordel de Ida Pommerikowsky (cognominada Madame Pommery), num quadro de boemia, paixões e "vícios elegantes", com todo *glamour* europeu e estilo de vida característico da *belle époque* parisiense.

É interessante perceber que o título do romance faz menção a duas mulheres francesas imortalizadas: madame Bovary, livro homônimo publicado por Gustave Flaubert, em 1857, romance censurado na França por "ofender a moral, a religião e os bons costume" da época, levando seu autor aos tribunais onde, mais tarde, seria absolvido pela Corte Correcional do Tribunal do Sena, e Madame Pompadour, distinta senhora da corte francesa do século XVIII, que gozava do título "a favorita de Luís XV". Como bem lembra Moraes, não podemos esquecer que o efeito cômico do único livro de Hilário ganha mais intensidade quando se percebe que Pommery era a marca de uma champanha de origem francesa, introduzido nas noitadas de São Paulo pela protagonista que muita se gabava dessa apresentação ao público paulistano.

Ao voltar as suas lentes para o título da obra em apreço, Moraes argumenta que não se trata de um mero jogo de palavras. Hilário Tácito, ao fazer a combinação dos nomes Bovary e Pompadour para apresentar a sua protagonista, pensou a criação de

[14] A temática central da obra é a questão agrária, não a prostituição feminina.

uma heroína que reunisse os dotes sedutores da primeira e os dotes artísticos da segunda[15]:

> Prostituta assumida e dona de um próspero bordel de luxo, a "francesa" criada por Hilário Tácito pode ser vista como caricatura de suas antecessoras. Se ela supera a imoralidade da heroína de Flaubert e a libertinagem da cortesã do Antigo Regime, isso se deve, sobretudo, à intenção hiperbólica que subjaz a toda criação caricatural (MORAES, 2009, p. 22).

Podendo ser situada entre a ficção romanesca e a crônica de costumes, a narrativa *Madame Pommery* registra as mudanças históricas de São Paulo, onde os hábitos franceses atendiam aos anseios da burguesia que levava a desfilar, no centro da cidade, a sua sociabilidade entre os sons das buzinas dos carros e das charretes[16].Resultado da junção das libertinas Pompadour e Bovary, o escritor Hilário Tácito cria a sua protagonista, tendo ainda inspiração na vida de Madame Sanches, a caftina mais rica do território paulista, a qual migrando da baixa prostituição à riqueza, graças à exploração de coronéis e à venda de champanha, construiu diversos prédios na Avenida São João, na cidade de São Paulo (RAGO, 2008, p. 198).

Para Moraes (2009, p. 22-23), *Madame Pommery* pode ser interpretada sob dois olhares; o primeiro evoca "um certo tom crítico do romance realista do século XIX, que, a exemplo da obra-prima de Flaubert, apela aos temas imorais para realçar a falsa moralidade da burguesia", enquanto o segundo aponta para a tradição francesa da sátira

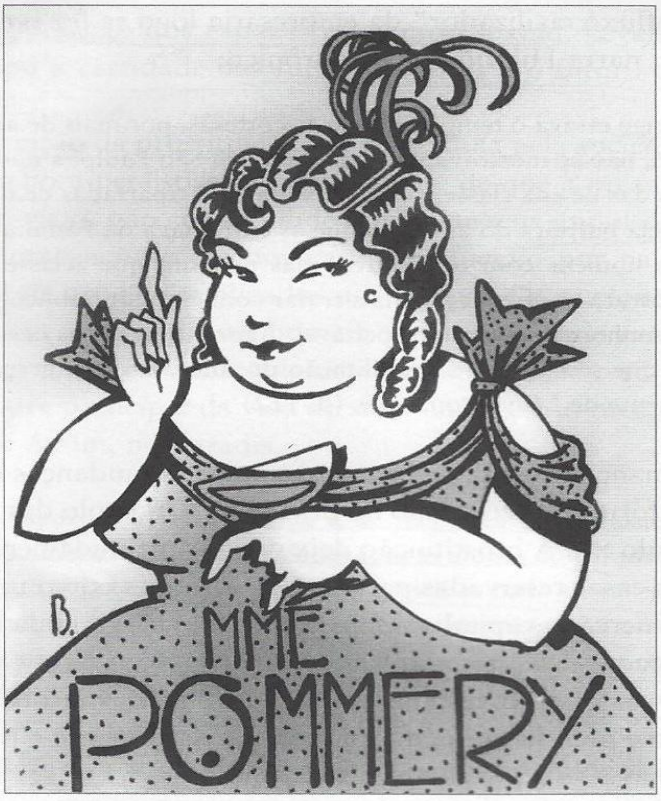
---

[15] Esclarecemos que Emma Bovary, famosa personagem de Gustave Flaubert, nunca foi prostituta de fato e nem assim considerada. Ela é o exemplo típico da burguesa insatisfeita que busca nos amantes o remédio para o tédio que a consumia. Foi, portanto, um caso de adultério que rendeu ao seu criador um processo jurídico. Acresce ainda esclarecer que Madame Pompadour não foi prostituta. Na verdade, ela foi uma célebre plebeia de cabelo loiro prateado, treinada desde a infância nas artes das cortesãs, aprendendo a cantar, tocar cravo, atuar, entre outras ações que lhe fizeram encantar o rei e com ele se casar aos dezenove anos de idade, após tê-lo conhecido em um baile de máscara. Pompadour ocupou o cargo virtual de "quase rainha" da França por duas décadas. Frígida, tentou de tudo para agradar Luís XV na cama, chegando a se alimentar de aipo, trufa e baunilha para tornar-se uma mulher "fogosa". Segundo Maurício Horta (2015, p. 153), por volta de 1750, madame Pompadour deixou de praticar sexo com o rei, mas manteve o posto de *maîtresse-en-titre* até morrer no ano de 1764. Para tanto, ela conseguiu entretê-lo com histórias, melodias, declamação de monólogos, discussão sobre a construção de belos palácios, demonstração de frutos de seus experimentos botânicos no jardim do palácio Trianon. Além ser ouvinte fiel, Pompadour criou um pequeno teatro exclusivamente para o rei e alguns convidados, encenando nos papéis principais com o intuito de divertir o nobre. Passados quatro anos da morte de Pompadour, Luís XV casa-se com a cortesã Du Barry, em 1768.

[16]Quanto às transformações vivenciadas por São Paulo no início do século XX, recomendamos a leitura do livro *Os prazeres da noite:* prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

de costumes, ao nos fornecer uma crônica apurada da "modernização" do exercício da prostituição em São Paulo nas primeiras décadas da República. Estas duas visões sobre a obra revelam quantas transformações a capital paulistana sofreu para atender às aspirações e aos desejos luxuosos da elite que, ao se espelhar nos costumes franceses, trouxe para o Brasil, especificamente para a cidade de São Paulo, as inovações importadas da França ou da Inglaterra, as quais mudariam completamente o cenário das noites paulistanas: boemia, "vícios elegantes", bebidas, uso de expressões francesas.

A personagem Madame Pommery, de origem francesa e recém-chegada ao Brasil, é apresentada como figura importante para o processo de modernização do país. Atuando contra a prostituição "indígena", ela assume a "missão civilizatória" com a abertura de sua "pensão de artistas", denominada *Au Paradis Retrouvé*, espaço de sociabilidades e de formação de "profissionais do prazer" para atuarem ativamente nas cenas noturnas. Tais profissionais se destacam pela maquiagem no rosto, pelo uso de roupas decotadas e elegantes, pelas pérolas e brilhantes que reluziam diante dos olhos das pessoas, enfim, percebiam-se os requintes que caracterizavam e diferenciavam as cortesãs europeias que andavam pelas calçadas paulistanas. São exatamente esses aspectos que distinguiam, no início do século XX, a prostituta de rua e a cortesã francesa: a primeira é vítima da miséria e da pobreza, enquanto a segunda é símbolo da modernização, mulher sedutora, atraente e capaz de associar o capitalismo e o prazer libidinoso dos atuantes boêmios que viviam em busca de diversão com belas mulheres, resultando no disciplinamento de toda uma geração de paulistanos, à qual foi "ensinada que pagar mais barato é ignóbil, e não beber champanha, uma torpeza" (MORAES, 2009, p. 27).



Mme. Pommery, personagem central do romance homônimo de Hilário Tácito, 1919. Ilustração de Patrício Bisso para a peça teatral *Mme. Pommery*, apresentada pelo Grupo da Província.

Figura 4: Caricatura da prostituta francesa Madame Pommery[17].

O bordel dirigido por Madame Pommery funcionava como um microcosmo do crescente luxo vivenciado em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Pommery mostra como construir uma fortuna através da comercialização de uma das mercadorias mais procuradas pelos homens de todas as classes sociais: o sexo. No romance, o objetivo de Madame Pommery está explicitamente registrado:

> O objetivo de Mme. Pommery nunca foi, como bem se imagina, estabelecer no instinto da honra os fundamentos da virtude. O seu intento, conforme o plano exposto a Pinto Gouveia e seguido à risca no Paradis, era mais prático e muito menos idealista: - nobilitar a profissão de marafona, para assim granjear importância e lucro, ou antes, lucro e importância, na ordem lógica e natural com que estas duas coisas se sucedem (TÁCITO, 1998, p. 70).

[17]Imagem retirada do livro *Os prazeres da noite:* prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), de Maragareth Rago (2008).

O livro *Madame Pommery* também foi objeto de análise da historiadora Margareth Rago (2008), para quem a grande contribuição da obra está no fato de retratar a função "civilizadora" da prostituição na cidade de São Paulo durante seu processo de modernização, além de focalizar a vida e as fantasias que agitavam o seu luxuoso bordel. Escrito com base em pessoas e locais conhecidos pela sociedade da época (*roman à clé*), a obra descreve as transformações dos costumes do mundo da prostituição paulistana, desenhando a missão civilizatória que retiraria o país do atraso cultural, pois já se percebia que "a cidade estava se transformando à vista de todo mundo; crescia, embelezava-se. O Teatro Municipal em breve se inaugurava. O café, tanto tempo sucumbido, sentia os primeiros estímulos de valorização" (TÁCITO, 1920, p. 59). O bordel de Pommery apresentaria à sociedade de então os códigos refinados de conduta na vida do mundo marginalizado paulistano e a atuação de prostitutas disciplinadas para contracenarem em um espaço elegante de diversão, de prazer e de sociabilidades múltiplas:

> O romance enfatiza a importância do bordel de alta prostituição como "a escola da civilidade"; aí se aprendiam as regras modernas de interação social no submundo, aí desfilavam as modas francesas, feminina e masculina, enquanto se degustavam bebidas importadas, ao som de ritmos agradáveis ou excitantes (RAGO, 2008, p. 200 – 201).

A leitura minuciosa do romance revela que a prostituição reivindicava seu lugar no espaço urbano e que, em volta desse ofício, surgiam entretenimentos, manifestações culturais, empregos e a profissionalização das prostitutas no desenvolvimento econômico do comércio. Nesse período, a prostituição dividia a opinião da sociedade: de um lado surgiam as críticas e os ataques; de outro, aplaudiam as suas funções no campo da sexualidade, visto que os jovens rapazes iniciavam a prática sexual com as "mulheres libertinas", garantindo-lhe o aperfeiçoamento da virilidade e a virgindade das futuras esposas, as quais deveriam aprender a se comportar como damas francesas. Rago (2008) assegura que esta função da prostituição – iniciação da vida sexual dos adolescentes – foi bem vista pela sociedade, embora esta convivesse com o medo da entrega descontrolada dos jovens aos vícios libidinosos e por eles fossem dominados.

Como vemos, o romance de Hilário Tácito atesta a importância da prostituição para o crescimento econômico do espaço urbano, por se caracterizar como uma

atividade altamente rentável. Documenta ainda as transformações sociais e políticas e a mentalidade de uma época em que a satisfação sexual despertava o interesse de intelectuais, literatos, artistas, advogados, jornalistas coronéis e outros boêmios. A obra inscreve a entrada de prostitutas no submundo não como vítimas da miséria e da pobreza, mas sim, como mulheres formosas que atuam como profissionais capazes de ofertar diversão e prazer a quem por elas procuraram. Além disso, é indispensável notar que Hilário apresenta uma imagem de prostituta totalmente diferente das meretrizes dos períodos romântico e naturalista – Lucíola e Pombinha -, pois Madame Pommery e suas "meninas" vivem numa atmosfera luxuosa de alegria e descontração, trazendo uma nova forma de desenhar a prostituição na literatura nacional, e a prova disto está no fato de no seu livro o humor debochado assumir o lugar da denúncia social tão utilizada pelos romancistas do século XIX.

Em 1922, Oswald de Andrade apresenta à sociedade paulista o livro *Alma*, cuja protagonista é mulher branca, bela e ruiva, que nomeia o primeiro livro da Trilogia do Exílio, composto por *Alma*, *Estrela de Absinto* e *A escada vermelha*. Oswald representou em seu projeto literário a movimentação histórica, social, política e cultural da época, com "suas novelas meio mundanas, meio psicológicas, à D'Annunzio, onde há sempre um artista atribulado pelas exigências da sua personalidade libidinosa e genial" (BOSI, 1994, p. 357).

Criada pelo avô sob uma educação moral rígida, a personagem Alma se envolve com o imigrante Mauro Glade com quem estabelece um triângulo amoroso ao incluir o telegrafista João do Carmo, migrante nordestino que sofre por não conseguir o amor de Alma. A trama tem como cenário a cidade de São Paulo do início do século XX, quando da urbanização e expansão da cultura. Trata-se de uma relação amorosa doentia e de desencontro: enquanto Alma amava Mauro Glade, este a traía com outras mulheres. João do Carmo, por sua vez, sofria com desinteresse de Alma por seu amor. Diante dessa situação, Mauro convida Alma para juntos fugirem, mas esta recusa o convite, afirmando que fará isto quando seu avô falecer.

Alma segue por um caminho tortuoso: ao resolver fugir com Mauro é agredida, sequestrada e forçada, por ele, a se prostituir, tornando-se o alvo dos "vadios da sociedade chique", dos "velhos vermelhos do S. Paulo clube" e dos "arrivistas

comerciais". A personagem Mauro simboliza a exploração da classe burguesa em relação à classe trabalhadora ao agenciar, para a elite paulistana masculina, o corpo de Alma, mulher que mesmo comercializando o sexo não deixa de devotar amor a quem a explora.

A gravidez surge para Alma como uma saída do mundo da prostituição. Com o sumiço de Mauro, a protagonista procura o apoio de João do Carmo, o qual paga as dívidas dela e arranja um lugar para ela morar. A solidariedade de João não acende o amor de Alma por ele, pois esta, após o nascimento do filho, sente nojo dele por trazer à tona a imagem dos homens que cometiam abusos sexuais contra ela quando se prostituía.

A heroína dispensa João do Carmo e resolve morar com um engenheiro. Mauro reaparece e se aproxima de Alma que lhe apresenta o filho. A aproximação do homem que ela ama foi tão somente por interesse na riqueza do engenheiro. Tempos depois, a protagonista resolve casar com João, mas o trai com seu "amor de menino", o Mauro. João do Carmo, decepcionado, tira a própria vida por não ter o amor correspondido e por entender o amor doentio que Alma sentia pelo explorador Mauro.

Em *Alma*, de Oswald de Andrade, encontramos a representação da prostituta que é levada ao ofício pela pobreza e pela exploração financeira de um chulo. A maternidade veio para a heroína como uma forma de sair da prostituição, mundo que foi obrigada a conhecer. Na sua atuação como prostituta, Alma demonstra que há uma separação entre ofício e amor. O dinheiro obtido através da exploração do seu corpo não foi capaz de apagar o amor que sentia pelo seu explorador. Nesse caso, a prostituição também é vista como um recurso para a aquisição de dinheiro no espaço urbano da cidade de São Paulo.

Se Hilário Tácito inscreveu nas malhas da literatura a prostituição de mulheres longe da condição de vítimas do destino, Rago (2008) destaca que, sob o olhar feminino, a escritora Laura Villares apresenta tal temática numa perspectiva dionisíaca ao publicar o romance *Vertigem*, no ano de 1926. Nele, a autora narra a vida de polacas e amantes francesas que viviam em palacetes alugados por coronéis e/ou fazendeiros de melhor condição financeira. Madame Blanchette é uma das personagens de maior

destaque no romance pelo fato de promover festas, orgias e encenações teatrais, regadas a boa música, a muita comida e belas prostitutas para a realização sexual dos visitantes paulistas que se exibiam de maneira ostensiva. A organização dos eventos realizados no bordel, acontecia de surpresa, num clima dionisíaco, envolvendo os clientes em encenações teatrais que "deveriam provocar a excitação dos sentidos dos espectadores, a aproximação dos corpos aquecidos pelas bebidas e pelo efeito das drogas e por todo um clima mágico que envolve o ritual orgiástico" (RAGO, 2008, p. 213-214). Assim como *Paradis Retrouvé* de Madame Pommery, o bordel de Madame Blanchette oferecia à elite paulista momentos de excitação, bebedeiras, sociabilidades, práticas sexuais e realização de fantasias eróticas. É nesse sentido que Walter Benjamin (1989) afirma que a prática da prostituição possibilita um mercado de tipos femininos, haja vista que oferece uma variedade no imaginário sexual a serviço dos clientes, sobretudo daqueles que têm uma condição financeira elevada.

Em *Vertigem*, a personagem central é Luz, mulher que desperta a atenção dos homens (principalmente de velhos ricos) pela sua beleza, jovialidade e, sobretudo, por ser "carne fresca", ou seja, puta recém-chegada ao cabaré: "Ao aparecer da moça um rumor de admiração; não a conheciam no '*demi monde'*, era uma nova e só poucos amigos do Pimenta sabiam que era amante de Vargas" (VILLARES, 1926, p. 313). A noite era embalada ao ritmo do maxixe e do *strip-tease* que descontrolava os impulsos sexuais da clientela local, levando-a a "uma sexualidade prostituída, pecaminosa, paga, porém muito mais excitante e violenta" (RAGO, 2008, p. 215).

Villares traz à cena prostitutas que se divertem e demonstram satisfação no ofício que exercem. Embora algumas jovens inexperientes tenham adentrado no mundo da prostituição por dificuldades econômicas, logo se habituam e permanecem nesse mundo, afastando-se do casamento e da rotina familiar. Este fato permite-lhe descobrir o próprio corpo até então obscurecido pelos padrões morais vigentes:

> Tirando a camisa, mirou-se demoradamente, minuciosamente, virando sobre a ponta dos pés, como fizera Liliane. Suas carnes, claras e frescas, tinham a consistência e arijeza de um fruto em vésperas de sazonar; as pernas musculosas, o ventre pequeno e polido como o mármore, os seios rígidos petulantemente erguidos, satisfizeram completamente os olhos críticos, que acharam perfeitos os ombros, os braços, o dorso (VILLARES, 1926, p. 64).

O desvendamento do corpo da prostituta por ela mesma a faz descobrir as suas potencialidades sexuais tão necessárias ao trabalho. Tal conscientização por parte da cortesã leva-a ao entendimento de que com a beleza do corpo pode seduzir e encantar os clientes e através da instrumentalização do corpo pode ganhar muito dinheiro e dar muito lucro à mansão de Madame Blanchette. Aqui não temos a prostituta vitimizada, mas sim, mulheres que decidem se prostituir e arrancar de seu corpo todas as vantagens que proporcionem a elas prazer e diversão. Diferentemente das cortesãs que atendiam os clientes a portas fechadas para consumar a prática do sexo, Madame Blanchette e Madame Pommery exerciam o papel de organizadoras do recinto, como podemos notar na passagem a seguir:

> Seja como for, o fato é que Mme. Pommery conseguia deste modo três resultados consideráveis, todos em proveito de sua casa e em honra do seu nome:
> 1) cortejar os hóspedes;
> 2) beber sem bebedeiras;
> 3) influir nas champanhadas (TÁCITO, 1998, p. 82-83).

Elencamos alguns romances sucessores de *Madame Pommery* e *Vertigem*. Em 1927, Mário de Andrade (1893-1945) publica *Amar, verbo intransitivo* cujo enredo conta a história de Elza[18], uma professora alemã que decidiu vir ao Brasil em busca de riqueza. Escrita com uma linguagem simples, coloquial, provavelmente procura retratar fielmente as falas das personagens e narrada em terceira pessoa, de forma linear, a obra apresenta a figura da prostituta como uma humana e profissional, obtendo destaque na trama. Não podemos deixar notar a contradição presente no título do livro, pois sendo *amar* um verbo transitivo direto, a mesma obra não poderia ser chamada de Idílio, visto que esta palavra significa amor recíproco entre duas pessoas. Poderia uma prostituta amar um jovem burguês? Por que não?!

A prostituta foi contratada pelo rico empresário Felisberto Sousa Costa, com a finalidade de realizar a iniciação amorosa/sexual do seu filho, o jovem Carlos, trabalho que ela desenvolvia com muita habilidade. A prostituição aparece na obra como uma

[18]A personagem Elza ficou conhecida pelos brasileiros como *Fräulein*, palavra que significa *senhorita* no idioma alemão.

prestação de serviços, embora tal prática provocasse estranheza em algumas pessoas, conforme percebemos no diálogo entre o empresário e a Fraulein:

> - E, senhor... sua esposa? Está avisada?
> - Não! A senhorita compreende... ela é mãe.
> Esta nossa educação brasileira... Além do mais com três meninas em casa!
> - Tenho 35 anos, senhor. Certamente não irei se sua esposa souber o que vou fazer lá. Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão (ANDRADE, 2002, p. 49).

Pelo excerto acima, verificamos que a prostituição é considerada pela mulher uma profissão como as demais. Interessante notar que Elza é tratada de forma respeitosa pelo contratante que faz uso do pronome de tratamento "senhorita" para a ela se dirigir. Contudo, aos olhos da mulher de família, nesse caso, da esposa de Sousa Costa, o exercício da prostituição não é bem visto, pois, D. Laura, no papel de mãe e religiosa, não deseja ver o filho como uma mulher mundana e por isto o protege.

Elza justifica sua participação no ofício alegando fraqueza pessoal. Nesse caso, parece que a prostituta não tem forças para (ou não quer!) lutar contra a prostituição. Na condição de professora de amor, ela estabelece a união entre os dois mundos, quais sejam, o lar (sagrado) e o prostituído (mundano), fato que para ela é naturalmente aceito, haja vista que o homem transita livremente em ambos os espaços não somente para saciar a sua libido, mas também para assinalar a sua virilidade.

Deslocando-se para o Nordeste vamos encontrar, no ano de 1928, o paraibano José Américo de Almeida (1887-1980) inaugurando a corrente regionalista ao publicar o livro *A bagaceira*, cujo título nomeia o lugar onde se juntam, no engenho, os bagaços da cana, indicando figurativamente um local de pessoas miseráveis. A história retrata o período da seca de 1898, problematizando as questões do êxodo, os horrores provocados pela seca, o abuso de poder e a ação brutal e dos senhores de engenho donos de grandes extensões de terras, haja vista que foram privilegiados pelo regime político fortalecido na Velha República. Nesse cenário de sol implacável, nosso olhar volta-se para Soledade, jovem retirante que conduz o sexo à flor da pele. Solteira e órfão de mãe, a garota segue sem destino certo em terras paraibanas em busca de sobrevivência, na

companhia de vários retirantes, dentre eles, o pai Valentim Pereira e o irmão adotivo Pirunga, o qual devota todo seu amor por ela, mas não é correspondido.

Soledade representa a beleza agreste do sertão e a sedução feminina, enquanto Valentim Pereira simboliza o sertão destemido, altivo, arrojado, defensor da honra da mulher. Pirunga representaria a valentia, a coragem, a altivez. Em suas andanças, estes retirantes, desamparados e esquecidos pela sorte, encontram acolhimento no engenho Marzagão, propriedade do viúvo Dagoberto Marçau, pai de um único filho, Lúcio, o qual se apaixona por Soledade e disputa o amor da jovem com a força paterna, para quem perde.

Detentora de uma beleza radiante e de um fogo devastador do desejo masculino, Soledade é desejada não apenas pelo filho, mas também pelo pai, que se sente no direito (mesmo sem ter!) de possuir a garota por acreditar que tudo que se encontra nas suas terras lhe pertence: "O que está na terra é da terra!" (ALMEIDA, 1978, p. 10). A beleza de Soledade é descrita romanticamente pelo narrador:

> O rapaz olhou, de revés, para Soledade que, ainda um tanto desbotada, na beleza amortecida, ergueu a mão para compor o cabelo e, caindo-lhe a manga, entremostrou um braço branco contrastando com a lua morena de sol (ALMEIDA, 1978, p. 25).

Bonita, branca de olhos verdes e faminta, Soledade "une o útil ao agradável", ou seja, faz da prostituição o caminho para a sobrevivência, retirando desse ofício os mantimentos necessários para saciar a fome e manter-se abrigada em solo alheio: "- Eu devia ter adivinhado... Quando a vi pela primeira vez, foi essa semelhança que me levou a lhe dar morada..." (ALMEIDA, 1978, p. 111). Nesse cenário rural de desejo e sedução, a honra da mulher tem valor apenas para o pobre pai de família, uma vez que a classe dominante, representada pelo senhor de engenho, espera consumi-la, retirando da mulher indefesa aquilo que ela tem de mais precioso. Soledade é vítima da negligência do Estado e como se encontra desamparada serve apenas de "pasto" para Dagoberto:

> Amor que sabe a frutos apodrecidos. Era como o caminheiro que, fatigado da jornada, estuga o passo para chegar antes de anoitecer.

> Beirava uma idade em que o instinto sexual instigado se difunde por todos os sentidos e é mais imaginação que materialidade, como a saudade do gozo que se não gozou. Crise das uniões retardatárias.
> Havia coisa de 18 anos, inveterava-se na viuvez desconfortada, por uma jura indiscreta:
> - Mas eu não encontro outra mulher assim...
> E gabava-lhe com minúcias de formas os caracteres da beleza e as prendas ocultas:
> - Mulherão! mulherão"! (ALMEIDA, 1978, p. 7).

Soledade atende às necessidades sexuais do viúvo Dagoberto que a vê como instrumento de sua própria carne. Carne que cheira a sexo, carne faminta que disputa com a carne sedenta de gozo. Corrompida pela fome e pela miséria, a heroína torna-se uma presa fácil para a negociação sexo *versus* mantimentos/abrigo: "O estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas. Tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade se mercadeja a baixo preço" (ALMEIDA, 1978, p. 34). A prostituição surge para Soledade como uma guerra sem trégua, haja vista que se tem fome todos os dias e sem outras ocupações resta-lhe negociar o corpo, objeto tão desejado pelo senhor de engenho.

Parece que o autor escolheu acertadamente o nome da sua protagonista: Soledade significa sofrimento, peregrinação. Nesse caso, a personagem peregrina em busca de uma vida melhor. Seu sofrimento não se limita à venda do corpo, a gravidez não reconhecida também a conduz à infelicidade, tanto é que Soledade não se fixa no engenho de Dagoberto. Termina sua história sem abrigo e sem o amor de Lúcio, o filho que disputou com o pai o amor de uma retirante sensual. Seu caminho é uma porteira aberta, não há destino certo. Vista como mercadoria de custo baixo, parece não merecer valorização e permanência no engenho, serve apenas para satisfação sexual masculina, pois "no desejo da carne o homem é voltado para o corpo da mulher, que poderia saciar-lhe a fome, na conotação do apetite sexual" (FERRO, 1997, p. 53). Enfim, *A bagaceira* encerra uma história de fome, miséria e prostituição, em que o corpo da mulher é desvalorizado diante do desejo do homem, ao ponto de reduzi-la a galinha: "Um dia Dagoberto divisou-a empoleirada num cajueiro" (ALMEIDA, 1978, p. 63). Comparada mulher a uma galinha, Soledade é rebaixada à condição de mulher devassa, mundana, submissa, sem valor. Dela se retira todo e qualquer direito humano, negando-lhe a participação social, a cidadania, a liberdade.

Somando-se a esse rol, no ano de 1931, o delegado de polícia Armando Soares Caiuby (1886-1973) descreve em *O mistério do cabaré* como homens e mulheres adentravam no cenário da prostituição para fugir do isolamento da vida monótona resultante do casamento e da carceragem da vida privada. Armando poetiza a agitação do cabaré esfumaçado e da entrada da personagem Maria Alice no exercício da prostituição, demonstrando como a elite masculina paulistana interagia no *Maxim's*, afrancesado bordel de Salvador Guerreiro, onde corpos jovens, movidos pelo álcool, transitavam na caça aos amores ilícitos.

No ano de 1933 acrescenta-se o romance *Os Corumbas*, romance em que o escritor sergipano Amando Fontes (1899-1967) narra, em terceira pessoa os passos de uma família marcada pela fome e pela ignorância que, ao abandonar a zona rural, desfaz-se gradativamente na zona urbana, onde sofre privações e discriminação, depositando sua esperança na educação, por compreender que esta era a única via que libertava o homem da miséria que assola a vida das pessoas humildes e submissas. A publicação da obra ocorre na década de 1930, época da Revolução Constitucionalista de 1932, da destruição da República Oligárquica e de greves operárias, ou seja, período de muitas agitações nos campos histórico e político que marcaram o governo do presidente Getúlio Vargas.

A família Corumbas, composta pelo pai (Geraldo), pela mãe (Sá Josefa), por quatro filhas (Rosenda, Albertina, Bela e Joana, a Caçulinha) e por dois irmãos (Pedro Corumba – preso pelas expressões ideológicas na classe operária – e outro que não tem nome, e morre de sezão quando muito pequeno). A família crê no poder redentor da escola para reverter o quadro de miséria que esmaga a dignidade. Com exceção de Rosenda, a filha mais velha do casal, as outras três apresentam uma beleza exuberante. Bela, a penúltima das irmãs, foi a única que não aderiu ao exercício da prostituição, pois a tuberculose e levou antes. Caçulinha, que era a esperança da família, começou a frequentar a escola normal na expectativa de proteger os pais na velhice deles, mas a vida difícil leva-a a trabalhar na fábrica de tecidos onde, na condição de operária, deixa-se ser levada à pratica da prostituição em Aracaju, destino temido pela mãe, Sá Josefa, a qual acreditava que o casamento proporciona dignidade ao sexo feminino. Caçulinha reconhece a situação miserável da família desprovida de dinheiro para pagar o

tratamento de Bela: "- Quem é pobre é assim mesmo: não pode nunca satisfazer suas vontades..." (FONTES, 1975, p. 85).

A frustração dos pais que consideravam a escola espaço de superação da pobreza, torna-se desespero quando o mundo prostituição recebe as suas filhas:

> Sá Josefa continuou, olhando o chão:
> - Foi assim... João Branco não quis me contar as coisas direitinho. Parece que teve pena de mim... Mas eu entendi tudo muito bem. Quando o diabo largou a pobrezinha, ela ficou mesmo sem jeito nesta vida... Teve de ir morar com outras mulheres... E passou a receber a todo mundo...
> Era-lhe todo doloroso o que narrava, que as palavras lhe saíam a custo da garganta. Calou-se para não chorar.
> Após um curto silêncio o marido de novo a interrogou:
> - E onde está ela, agora?
> - Foi pro Geremoabo, perto de Canudos, com um bodegueiro daquelas bandas, um tal Zezinho... Isso já faz tempos...
> O velho permaneceu silencioso. Seus olhos cintilaram, cheios de água. Daí a pouco, pôs-se a abanar a cabeça lentamente e murmurou, baixinho, como se estivesse falando para si mesmo:
> - De mão em mão, como uma coisa aí à-toa... Pobre de minha filha! (FONTES, 1985, p. 79-80).

Os Corumbas representa a família injustiçada que deixa seu espaço natural – o rural - e vai se aventurar em busca de uma vida melhor na zona urbana, a qual não oferece condições para recebê-la e deixa-a à sorte. Os sonhos dessa gente se desfazem quando as filhas ingressam na prostituição. O excerto acima demonstra a reação do pai diante da notícia que a filha se prostitui. Para ele, a mulher que exerce o ofício perde o valor, torna-se uma "à-toa", que passa a servir sexualmente todos os homens que procuram pelos seus serviços, como podemos concluir pela expressão "de mão em mão". A palavra "coisa" usada pelo pai marca exatamente a desvalorização da mulher, a perda da dignidade, assinala ainda a insignificância perante as pessoas, o que causa comoção, piedade ("Pobre de minha filha!"). A angústia sentida pelo chefe de família é tamanha a ponto de ele ficar sem palavras diante do destino da filha. A prostituição é, aos seus olhos, uma ferida que corrói e destrói a célula-mater da sociedade. O silêncio demonstrado pelo pai releva a dor e a impotência do cidadão diante de um problema que ele, como chefe da família, deveria ter evitado, protegendo a filha das garras masculinas que buscam prazer e diversão no corpo de uma mulher. A personagem Sá Josefa utiliza

a expressão “pobrezinha” para se referir à garota que imersa nas malhas da prostituição, torna-se uma vítima, desprotegida, sem outra maneira de sobreviver a não ser comercializar o sexo.

Em *Os Corumbas*, a cidade aparece como um espaço cruel, desolador e hostil, principalmente para aqueles que arriscam se instalar em terras desconhecidas, levando-os ao fracasso. Assim como vimos em *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, a narrativa tem como pano de fundo a seca, a fome e a miséria. Sobreviver nesse tempo de privações não foi fácil. Vemos uma luta constante pela vida, pela integridade da família e pela dignidade. Às personagens desse romance também são negados os direitos humanos e a oportunidade de trabalhar para se alimentar do suor do próprio rosto. São tempos difíceis estes de seca. A submissão aos detentores do poder era a saída. O alimento reduzido das famílias era conseguido com muita humilhação. Precisavam enfrentar a exploração e as adversidades oferecidas pela vida, a fim de sobreviverem num espaço onde poucos têm muito e muitos têm pouco ou quase nada. Diante da separação dos membros da família, os pais decidem voltar ao campo, lugar de origem, desacreditados da vida na cidade, onde o mercado de trabalho explora o homem e a mulher em um sistema de compra e venda de mercadorias, inclusive do corpo tomado como objeto vendável.

Eula Pereira Ferro (1997, p. 85) destaca que, ironicamente, os nomes das filhas de Geraldo são carregados de positividade (Rosenda significa expedição de glória, Albertina remete ao brilho de nobreza e Joana significa cheia de graças). Entretanto, elas tiveram um destino miserável: as três garotas foram exploradas nas fábricas de tecidos, viveram num ambiente opressor, acorrentadas pela miséria e pelo baixo salário e seduzidas pelo sexo masculino. Albertina, por exemplo, foi seduzida pelo “Papa-moça”, e depois de ser deflorada passou a instrumentalizar o corpo em troca de recompensas materiais: “Começou por oferecer-lhe uma delicada cruz de madrepérola, suspensa a uma corrente de ouro muito fina” (FONTES, 1975, p. 101). Não há dúvida de que o romance em questão considera a prostituição como uma negociação, ou seja, em troca de presentes Albertina cedeu o próprio corpo para que o negociante desfrutasse.

Em *Os Corumbas*, percebemos que o tema central da narrativa não é a prostituição, mas esta é acompanhada pela miséria e pela necessidade de sobrevivência

de Rosenda, Albertina e Caçulinha. Para elas, a prostituição foi um caminho sem volta, pois as precárias condições financeiras não permitiam abandonar o oficio imposto. Esta situação confirma o fato recorrente na vida de muitas pessoas que partem do interior com sonhos e esperanças nos bolsos pode trocá-los por frustrações e desilusões, indignidade e desrespeito.

Em meados da década de 1930, o carioca por Eddy Dias da Cruz (1907-1973), conhecido sob o pseudônimo de Marques Rebelo, publicou o romance *Marafa* (1935). Trata-se de um retrato do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, cidade que ao receber o título de "Cidade maravilhosa" não consegue esconder a miséria e a degradação daqueles que ocupam a margem da sociedade. O olhar do escritor volta-se para o subúrbio e para o bordel, descrevendo as relações conflituosas vivenciadas por sujeitos que sofrem com a discriminação e com a negligência e abandono por parte do Estado. A retratação desses espaços tão desprezados pela classe dominante, levou o crítico Otto Maria Carpeaux (2003, p. 7) a afirmar que a temática desse romance é precisamente "as drogas que envenenam esse povo carioca, anestesiado pelo carnaval, pelo futebol, pela mulata, pelas leituras falsas e pela baixa politicagem". Ou seja: são os dramas, os costumes e os dilemas da classe economicamente desfavorecida do Rio de Janeiro ainda provinciano que se constituem como a matéria desse romance de Marques Rebelo. O autor focaliza os pobres, os excluídos e os marginalizados que encenam a transgressão das normas e das convenções sociais e que por isto vivem isolados, separados da classe favorecida.

Em *Marafa*, percebemos a existência de dois espaços antagônicos que rotulam as personagens a partir de uma ética, costumes e valores muito particulares:

> O primeiro espelha o espaço público do Mangue [...] as ruas adjacentes, a Lapa, os bares, as avenidas, o carnaval. É o espaço marcado pelas noções de mobilidade (não-permanência), de não-família, de prazer instrumentalizado pelo corpo, de dispêndio, de ausência do "trabalho". É o universo de Risoleta e Teixeirinha, das prostitutas, caftinas e cafetões, dos malandros. O segundo espelha o espaço privado, o mundo da casa, marcado pelas noções de permanência, de família nuclear, de trabalho, da repressão do corpo como lugar de prazer, da noção de honestidade, de economia. É o universo de Sussuca e José, das donas-de-casa, dos aposentados, dos pequenos funcionários. É o espaço doméstico marcado pelo sentimento de privacidade e pela ideia de lar – o lugar sagrado dos valores tradicionais (GOMES, 2008, p. 136).

A obra demonstra a segregação das personagens em ambientes divergentes, revelando o valor atribuído ao espaço privado – doméstico/familiar e do trabalho - e o desprestígio associado ao espaço público – rua, bordel, da ociosidade e libertinagem. Escrita em capítulos curtos, *Marafa* evidencia um novo tipo de prostituta comum na primeira metade do século XX: aquela que vende o corpo para dar o dinheiro ao homem amado. É o caso de Rizoleta, prostituta que "perdera-se com um soldado que a largara, não achou jeito de voltar novamente para a ama-seca, dormiu com um e outro – caíra na vida" (REBELO, 2003, p. 10). Nesta passagem, o narrador informa que Rizoleta integra-se ao exercício da prostituição por ter sido abandonada pelo homem que tirou a sua virgindade, passando a não ter mais valor para o sexo masculino porque perdeu sua moeda (a virgindade) para comprar o bilhete para o espetáculo das mulheres casadas, fato que a conduziu ao Mangue, onde ficou conhecida como "a mais gostosa do 107", pois a natureza foi-lhe bastante favorável: "Era carnuda, tinha os seios fartos, as axilas raspadas, cabelo sedoso e negro" (REBELO, 2003, p. 17).

Rizoleta se apaixona por Teixeirinha, o típico malandro – ocioso, preguiçoso, vagabundo, explorador de mulheres – que passa a maior parte do tempo deitado numa cama macia, apreciando a vida sob a brisa, enquanto ela se prostitui para financiar as farras dele. A prostituta Rizoleta, tão cortejada pelos homens e clientes assíduos, convive no Mangue com outras meretrizes: Frida, que obteve afastamento do oficio forçadamente pela idade, Lolote e Suzane, meretrizes já velhas, e Mariazinha, que gozando de boa saúde poderia disputar os clientes com Rizoleta, preferiu se envolver com um ex-caixeiro. É curioso notar que o termo "marafa", título do romance, é uma expressão em desuso que sugere a ideia de vida desregrada, de libertinagem, como atuam Teixeirinha e Rizoleta. Logo "marafona", expressão bastante utilizada no século XIX, refere-se à prostituta, mulher que sobrevive da venda do corpo. Na obra, a figura de Rizoleta se opõe à de Sussuca, pois enquanto a primeira é uma "devassa", transgressora, mulher fútil, a segunda representa a mocinha tradicional, ingênua, reservada, cheia de pudor, educada para o casamento. Rizoleta está para a rua, assim como Sussuca está para a casa/esfera familiar. Elas são personagens de "zonas" divergentes, onde o sonho e a construção da família somente são permitidos àquela que obedece aos preceitos morais e religiosos, restando às transgressoras a punição pelos seus atos "ilícitos", como se a prostituta não tivesse o direito à inserção social. Em

Marafa, as prostitutas parecem ser castigadas pelo ofício exercido durante a vida com uma trágica morte, como o caso da meretriz Nair Gostosinha que, por escolha, caiu na noite para "aproveitar a vida":

> Rizoleta foi com as outras companheiras vê-la no necrotério imundo, onde as moscas zumbiam e o cheiro a podre e a formol transtornava os estômagos. Estava abandonada sobre a mesa de mármore, como se fosse apenas uma coisa embrulhada num lençol. O lençol encardido tinha marcas pretas – letras, números... Via-se o nariz somente, lamina roxa saltando, e a boca com um tampão de algodão. – Irá como indigente – informaram – se não for para o anfiteatro de anatomia... (REBELO, 2003, p. 128).

Talvez por contrariar os princípios morais e os dogmas religiosos, Nair Gostosinha, ao desaparecer próximo à esquina de sua casa, é encontrada morta e seu corpo é localizado num ambiente frio, imundo, abandonado. Tratada como indigente, reificada, Nair deixa sem ruído a vida miserável que levou. Final infeliz também teve a personagem Rizoleta: "Ela embebeu o vestido em álcool e atacou fogo. Seguiu como uma estrela pela rua gritando!" (REBELO, 2003, p. 260). Os caminhos trilhados por Rizoleta castigaram-na demasiadamente; ela faz um imenso percurso de sofrimento e dor, ocupando espaços agressivos que, numa ordem/sequência, aumenta as suas angústias e isolamento: mangue – hospício – suicídio. Tal percurso, por sinal muito cruel, retira-lhe a possibilidade de ser feliz e viver dignamente. Diante de tanta tortura, podemos encetar outra leitura a despeito da morte de Rizoleta, encarando-a como um alívio para as suas dores ou como uma redenção para uma mulher que pela falta de oportunidades no mercado de trabalho, pela negligência do Estado e pelo amor não correspondido não teve como abandonar o mundo da prostituição e exercer um trabalho lícito aos olhos da sociedade. O narrador de *Marafa* reservou um desfecho cruel para as prostitutas, pois aquelas que não morreram de forma trágica, permaneceram aprisionadas no Mangue sem esperanças de dias melhores. Parece ser uma tradição a morte de prostitutas na literatura nacional, haja vista que no final da década de 1950 José Condé apresenta no livro *Um ramo para Luísa* a morte de Luísa, que foi assassinada pelo homem com o qual morava forçadamente, enquanto Maria Valéria Rezende mostrará em *O voo da guará vermelha*, no início do século XXI, a morte trágica de Irene, vítima da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Em 1936, Luís Martins (1907-1981) publica *Lapa*, desenhando os mais variados tipos humanos que povoam a região boêmia carioca nas primeiras décadas do século XX: malandros, vagabundos, marinheiros, gigolôs, cafetões, homoafetivos, coronéis, prostitutas, entre outros. O romance trata da prostituição vivenciada na Lapa, descrevendo as paisagens que compõem esta região, onde se destacam as casas de prostituição, o luxo das francesas, a solidão, o sofrimento e a exploração de prostitutas.

Narrado em primeira pessoa, a obra conta a história de Paulo, jovem frequentador de bordéis. Paulo desperta a atenção das meretrizes pela sua distinção. É um colecionador de amores alugados. Por meio da sua fala, somos informados sobre a violência, a perseguição e a solidão sofridas pelas prostitutas, dentre as quais destacamos Odette, protagonista do cenário miserável descrito pelo narrador. Quando jovem "fazia a vida" na Lapa; quando os sinais de beleza começaram a desaparecer restou-lhe o Mangue: "(Já naquele tempo eu a achava com um aspecto prostituído, um jeito bandalho de meretriz. Desde menina, possuía o instinto de se deixar agarrar, apalpar, beijar comercialmente, em troca de pequenos presentes, que ela própria pedia)" (MARTINS, 2015, p. 104).

No romance, a prostituição é compreendida como a troca do sexo por alguma compensação. Para o narrador, o meretrício deforma as pessoas que nele passam a se aventurar. Funciona como um "mal" que devasta e "engole" a mulher, cujo final é geralmente trágico pois, ao ser impossibilitada de construir uma família "abençoada", caminha para a degradação e morte:

> Por isso, a prostituição é uma prática contra a natureza. A pluralidade, não amorosa, mas sexual, é um atributo do sexo masculino. O corpo da mulher que se entrega a vários homens, por dinheiro, é um corpo neutro, morto, incapaz de gozo. Estéril e esterilizante (MARTINS, 2015, p. 172-173).

Embora seja um frequentador assíduo de cabarés e desfrute dos serviços sexuais das meretrizes, o narrador apresenta uma visão preconceituosa da prostituição. Paulo mostra que o meretrício é o caminho a seguir por mulheres desvirginadas. Uma vez prostituída, é negado à mulher o matrimônio, haja vista ser inconcebível um homem trazer de volta ao centro uma mulher que infringiu os códigos morais: "[...] o senhor

sabe, nós, do comércio, temos de velar pelas tradições de honorabilidade das classes conservadoras" (MARTINS, 2015, p. 105).

O narrador faz uma leitura negativa da prostituta, considerando-a "coitada", "pobre", "infeliz". O destino reservado a Odette foi cruel: sem condições financeiras para criar o filho, entregou-se ao baixo meretrício e à bebida alcoólica como uma alternativa passageira para fugir da opressão e da miséria, assim como fez Luísa, protagonista do romance *Um ramo para Luísa*, de José Condé. Como não consegue reverter sua condição miserável, Odette comete suicídio no intuito de dar cabo a toda angústia e solidão que assolam a sua vida:

> Meu sangue paralisou num arrepio num arrepio gelado. E, de repente, nem sei como, uma visão – nunca mais a esquecerei – de loucura apareceu na porta. Uma fogueira ambulante. Odette ardia. Ela corria como uma louca, gritando, uivando, gemendo. Uma fogueira. O vestido desaparecia em fagulhas. Os cabelos eram uma longa chama ondeante. E Odette vivia e gritava e uivava.
> (...)
> De noite, em frente ao 21, um grupo comentava o caso:
> - Ela morreu antes de chegar ao pronto-socorro... (MARTINS, 2015, p. 168-169).

Na narrativa, a prostituição é encarada como prática devastadora, marcada pelas noções de não-permanência, não-família, instrumentalização do corpo e de ociosidade: "Lapa vagabunda [...] Lapa imoral. As prostitutas passeiam..." (MARTINS, 2015, p. 116). O espaço aparece como lugar propício para a rotatividade do sexo e da realização de fantasias eróticas por aglomerar pessoas de classes desfavorecidas que não hesitam em vender sua carne independente da compensação a ser recebida.

No ano de 1939, Marques Rebelo volta a publicar e definitivamente obtém o reconhecimento do público com a apresentação do romance *A estrela sobe*. O texto foi escrito sob as agitações políticas vivenciadas no princípio da Segunda Guerra Mundial, época de grandes transformações na política e na economia brasileiras. O período é de agitação e a publicação do romance balanceia entre a República Velha e o Estado Novo, vindo a público em pleno regime ditatorial. Em 1939, ocorre o fim de uma década de diversas mudanças na política e na economia do país, anunciando as comemorações do decênio do governo de Getúlio Vargas.

O romance tem como protagonista a prostituta Leniza, segunda filha da mestiça Dona Manuela e do relojoeiro Martin, um descendente de família alemã vítima da bebida. A irmã de Leniza era mais velha seis anos, mas morreu ainda criança antes do nascimento da protagonista, que teve uma vida tranquila enquanto o pai era vivo. Após a morte deste, Leniza passou a morar de favor com a mãe na pensão de uma comadre da viúva, ambiente propício para a promiscuidade.

> Rasgaram-se para Leniza muitos dos mistérios da vida. A promiscuidade com os hóspedes da comadre facilitaram uma parte. Via-os, constantemente nus, nos quartos de portas abertas, de propósito ou não, no chuveiro e latrina comuns; ouvia as suas conversas livres, seus ditos pesados, suas anedotas bocagianas. As meninas do colégio, as amigas da rua, completaram a instrução (REBELO, s/d, p. 12).

Leniza cresceu num espaço suburbano do Rio de Janeiro, que oferecia grandes dificuldades de trabalho e baixos salários, cercada pela crescente marginalidade urbana, ou seja, um ambiente desfavorável ao casamento e manutenção da família "perfeita". No romance, assistimos ao amadurecimento da protagonista que aos 14 anos necessita trabalhar para se manter. O seu primeiro emprego foi numa fábrica de doces, depois passou a colar rótulos numa farmácia até encontrar outra ocupação.

A inteligência e a altivez e a sua instrução escolar embora pouca – curso primeiro – contribuíram para a protagonista conseguir o emprego de representante comercial, visitando médicos a fim de vender xaropes e fortificantes, entre outros medicamentos. Além dessas características, a beleza física da protagonista foi decisiva para a conquista do novo emprego. Atendeu a um anúncio de jornal. "O corpo curvado mostrava uma elasticidade perfeita, maravilhosa, tinha qualquer coisa de animal, de égua corrida, de ancas duras e lustrosas – era um perturbador convite!" (REBELO, s/d, p. 29).

Leniza sempre se mostrou inconformada com a sua situação financeira. Ambiciosa e consumista, passou a valorizar os bens materiais, desejando ter o que o seu dinheiro não conseguia comprar. Desejava oferecer uma vida melhor para a mãe e vestir-se bem. Logo, "as qualidades de vida de Leniza são deterioradas, o que não é difícil acontecer nas ondulações da zona urbana. Submete-se às relações de perda e ganho e consolidam-se perdas irreparáveis (...) numa luta de classes" (FERRO, 1997, p.

118). O desejo de sair da miséria conciliada ao baixo salário que recebia como representante comercial levou a protagonista a fazer uma escolha: prostituir-se.

Para justificar a presença do dinheiro à mãe, Leniza vive um mundo de mentiras, "um mundo de faz de contas". A mentira é utilizada como um artifício para camuflar o dinheiro adquirido na ocupação de baixo prestígio social, porque

> As mulheres na prostituição continuadamente mentem a respeito de suas vidas, seus corpos e suas respostas sexuais. Mentir é parte da essência do trabalho quando o cliente pergunta: - "Você gostou?". A prostituição é construída em cima de uma mentira, a de que as mulheres gostam dessa vida. Algumas sobreviventes da prostituição contaram que, somente muitos anos após deixarem a prostituição, é que tomaram conhecimento que ela não era uma escolha livre. Ainda mais, enquanto negavam sua própria capacidade de escolha estavam negando a si próprias (RAYMOND, 2003 *apud* BRIVIO, 2010, p. 12).

Como dissemos, o exercício da prostituição foi uma opção de Leniza, a qual esconde da mãe e do padrasto (considerado por ela como pai) a sua verdadeira fonte de renda. A protagonista não tinha como deixar o ofício, já que era ambiciosa e sonhava alto, além de não ter organização com o dinheiro que recebia dos clientes. Apresentava traços característicos do pai no tocante aos descontroles nos gastos, conforme se vê na fala de Dona Manuela: "Leniza, com uma certa mania de grandeza, saíra mais ao pai que a ela" (REBELO, s/d, p. 47).

A menina, que teve uma infância regada de carinhos, amor e presentes, agora, sob os efeitos da ambição, vende o corpo para garantir os seus caprichos e comprar os supérfluos. Experimenta o sentimento de amar um homem e de por ele ser enganada:

> Rolam as lágrimas. Por que, se foi ela mesma quem quis, quem consentiu? Por quê, se ela sempre pensava naquilo como uma prova a que não poderia escapar, não deveria mesmo escapar? Só sabia que chorava, que se sentia pequena, insignificante, perdida. A coragem voltou num esforço – era tocara para a frente. Levantou-se do divã, foi natural:
> - Vou-me preparar para ir embora, Mário.
> Lavou-se, vestiu-se, penteou-se, pediu:
> - Agora me leve para casa, se acha favor (REBELO, s/d, p. 44).

Logo a protagonista retoma o seu posto no mundo da prostituição. As aventuras sexuais estão relacionadas ao dinheiro, à compra e à venda do corpo como mercadoria. Da comercialização da própria carne, resultou a gravidez indesejada e Leniza bem sabia

que a gestação sem dúvida iria inibir a clientela, principalmente pelo perfil de beleza procurado pela classe masculina. Cometeu, assim, um aborto por estar presa aos poderes materialistas do dinheiro, ao consumo incontrolável, o que a fez se relacionar até com mulheres para conseguir os bens com os quais sonhava:

> E entraram no ônibus. Dulce encostou-se mais em Leniza:
> [...]
> - Você é um colosso, Dulce! – largou Leniza num sincero entusiasmo.
> Dulce pegou-lhe na mão:
> - E amanhã, já sabe, vá ao meu apartamento. [...] - e apertou a mão de Leniza com uma força e um calor que Leniza desconhecia (REBELO, s/d, p. 80).

Para conseguir dinheiro a protagonista se relacionou com uma mulher - a Dulce-, mesmo não tendo o menor sentimento de amor por ela. Afinal, ser puta é ser profissional e, nesse contexto, o amor não tem vez, o que importa é o dinheiro. É uma situação diferente do envolvimento de Léonie e Pombinha, personagens do romance O *cortiço*, de Aluísio de Azevedo, em que elas demonstram afeto, carinho uma pela outra, assinalando mudanças na vida de ambas. Leniza não confundia amor e dinheiro. Seu envolvimento com Dulce aconteceu apenas como uma maneira de conseguir dinheiro e alimentar a sua vaidade.

A ambição da protagonista tornou-se maior quando desejou ser artista de rádio. Ela passou a se anular, esqueceu a dignidade e a honra em troca do prazer pelo consumo e da realização de seus desejos. Leniza, reduzida à condição de objeto vendável, foi dominada pela vontade deter mais dinheiro, mais roupas, enfim, mais bens materiais, entregando-se. Pois

> É o corpo do outro sendo reduzido a objeto apetecível. O sujeito homem busca e possui esse objeto – a mulher. (...) Na vida devassa, a pessoa não é capaz de exercer o domínio necessário sobre si mesma, sendo arrebatada pelos prazeres da carne, mesmo que vergonhosos (FERRO, 1997, p. 133).

Leniza estava consciente de que para obter dinheiro e outros bens precisava trabalhar, embora fosse o corpo seu equipamento para o trabalho. Isto fica evidente em algumas passagens do romance como as seguintes: “Quem canta de graça é passarinho” (REBELO, s/d, p. 42); “ Quem trabalha de graça é relógio” (REBELO, s/d, p. 61). A protagonista entendia que era necessário prostituir-se para suprir as suas necessidades

diárias. Fazia parte da sociedade capitalista, de consumo e exploração. Nesse ambiente, o corpo de Leniza é tratado como artefato comercial: "- Paguei com meu corpo!" (REBELO, s/d, p. 88).

Mais uma vez, percebemos que o narrador da obra de Marques Rebelo apresenta uma visão negativa sobre a prostituição e a prostituta. A vida difícil e instável de Leniza colocava-a em peregrinação e desconforto. Leniza não morreu ao término do romance, mas não teve um desfecho feliz, pois sua vida foi recheada de perdas (filho, amor, família, empregos). Será que um dia ela conseguirá sair do mundo da prostituição? O narrador não afirma, assim como também não nega esta possibilidade, ficando para o leitor construir a continuação da história de Leniza.

Na década de 1930, é possível encontrar a figura da prostituta em seis romances do escritor baiano Jorge Amado (1912-2001): *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). Quando se trata de prostituição feminina, Jorge Amado se destaca pela grande quantidade de obras que poetizam a meretriz. Como já tecemos alguns comentários sobre a imagem da prostituta na década de 1930, destacamos a seguir três romances, também de autoria de Jorge Amado, publicados na década de 1940. São eles: *Terras do Sem Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Seara Vermelha* (1946). Neste último, o narrador relata a história da família de Marta, uma jovem adaptada ao trabalho árduo e que desde cedo assumiu responsabilidade na família. A jovem atravessou a caatinga e o sertão com seus familiares. Ao chegar à cidade de Pirapora a fim de tomar o trem com destino a São Paulo, é informada pelo Dr. Epaminondas que todos os membros de sua família poderiam viajar, exceto seu pai que fora acometido pela tuberculose. Marta logo percebeu que o médico estava tentando seduzi-la, e decidiu entregar o corpo em troca da autorização para o pai e os outros membros a seguirem viagem, exceto ela. É pelas mãos do médico Epaminondas que Marta torna-se prostituta em Pirapora:

> O doutor Epaminondas a cobiça. Fica a sós com ela. A faz despir-se e a apalpa. Mais tarde, interessado no 'prêmio', antes de fazer-lhe a proposta, empenhou-se em 'ajudar' a ela e à sua família. Ela compreendia e a princípio quisera fugir, largar, tudo, contar a Jucundina (sua mãe). Mas refletiu e viu que então nada mais restaria aos seus, nem a casa onde viver, nem aqueles quarenta mil-réis que o médico ia lhe pagar por mês e mais o que ele dava a Tonho (seu sobrinho) para fazer recados. E, pior que tudo, desapareceria qualquer possibilidade do pai viajar e, se o pai não fosse, como iriam eles se

> arranjar em São Paulo? (...) Marta refletiu sobre tudo isso. Percebia que era impossível escapar ao médico. (...) Resolveu, então, quase friamente, entregar-se contra a autorização para o pai viajar e os passes para todos. Exceto ela, naturalmente (AMADO, 1981, p. 183-184).

Evidencia-se aqui que a prostituição se configura como uma relação de troca; é uma comercialização. Marta negociou o sexo com o intuito de fazer com que o médico autorizasse a ida de seu pai a São Paulo. Nesta relação de troca (corpo *versus* autorização para viagem) todos seriam beneficiados. Tudo indica que Marta pensava dessa maneira após refletir e concretiza o ato sexual às escondidas da família, principalmente da ciência do pai:

> Tonho entrou em casa correndo. (...). Disse que viu o doutor beijando Marta. Jucundina o levou dali, que Jerônimo não ouvisse. E o fez contar a cena toda, recomendado-lhe, depois silêncio. - Eu tava chegando, ia pedir um tostão à tia, o doutor estava agarrado com ela, beijando na boca... Saí correndo, eles não me viu. Quando Marta apareceu naquela noite, tinha um ar cansando, andava como se sentisse dores, mas sorria. Na mão trazia a papeleta que dizia ser Jerônimo homem de perfeita saúde, apto para embarcar. Jucundina pensava em conversar com ela, saber daquela história dos beijos, mas, quando viu a papeleta compreendeu o que tinha acontecido e estremeceu, o coração partido de dor. Marta percebeu que a mãe compreendera e ficaram as duas silenciosas enquanto os homens comentavam. (...) - Se seu pai chegar a saber é capaz de matar o doutor... E bota tu pra fora... (AMADO,1981, p.185-186).

Não tendo dinheiro para "comprar" o médico, Marta utilizou o que mais despertava a atenção dele: o corpo. A mãe da protagonista silencia diante da atitude da filha, pois parece compreender que não havia outro meio para conseguir a permissão da viagem de Jerônimo. A pobreza faz o humilde se calar e "aceitar" a situação miserável e a submissão àquele que tem dinheiro e poder na sociedade. Mesmo diante de extrema pobreza, o pai de Marta não aceitaria trocar a honra da filha pela autorização para viajar. Com o ato já consumado, Jerônimo descobriu a troca feita pela filha e a expulsa do seio familiar por acreditar que ela manchou a honra da família e, sobretudo, o nome dele: "Caiu em cima dela com um pedaço de tábua: - Puxa daqui, puta sem-vergonha! Desgraçada! Desgraçada! Eu, um homem velho, e essa desgraçada sujando minha velhice... Marta saiu ferida no rosto, correndo pela rua" (AMADO, 1981, p. 186). De

onde podemos concluir que o abandono da família pode empurrar a mulher para o mundo da prostituição.

A rua passou a ser a moradia de Marta, uma vez que o Dr. Epaminondas não já sentia mais desejos por ela, restando-lhe o caminho da prostituição como recurso de sobrevivência: “E Marta tomou o caminho do cabaré e da rua de prostitutas. Como era nova por ali, apareceu uma freguesia grande” (AMADO, 1981, p. 187). Com o dinheiro obtido da prática da prostituição, Marta sustentava a família. Enquanto a mãe da protagonista perdoou a filha, mostrando-se mais compreensiva, o pai não recuou e seguiu com a família para São Paulo, abandonando Marta na cidade onde ela se tornou puta. Marta é o exemplo de muitas mulheres brasileiras que vivem na extrema miséria e, por isto, necessitam alugar o corpo para sobreviver, cedendo aos caprichos sexuais de homens impiedosos à procura da carne para saciar os desejos sexuais, pela falta de oportunidades de trabalho “honesto” para o público feminino pertencente à classe economicamente desfavorecida.

Ainda no ano de 1946, outro romance veio a público: *Passos perdidos*, de autoria do escritor gaúcho Dyonelio Machado (1895-1985). A obra focaliza o drama vivido por Maneco Manivela, um mecânico que enfrenta as adversidades da grande São Paulo do final dos anos 1930, logo após a sua saída da prisão, acusado de envolvimento com os comunistas em 1935, o que lhe rendeu dois anos de reclusão. De fato, Maneco participou de uma reunião às escondidas com homens suspeitos e recebeu um livreto intitulado “Cartilha da Insurreição”, livro que continha partes queimadas devido ao incêndio do carro Ford utilizado por ele e seu grupo no início da viagem que se desdobra em outros romances de Dyonélio, a saber: *O louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944) e *Nuanças* (1981). Na prisão, Maneco “aprendeu, por exemplo, a se ajustar a esse seu novo mundo – esse mundo para onde uma espécie de fatalidade o empurrara”, tendo como principal plano após a saída do presídio satisfazer-se nos braços de uma mulher (MACHADO, 1982, p. 7). Assim o protagonista o faz e seu drama começa quando do rompimento de seu preservativo utilizado no momento da relação sexual com a meretriz Dorinha. O medo de ter contraído sífilis assombra Maneco Manivela e leva-o a alguns devaneios: embora tenha realizado um sexo “mecânico” – fazer por fazer - ele deseja reencontrar Dorinha para talvez retirá-la da prostituição.

Maneco passou a frequentar um bordel para realizar as suas ideias desenhadas na prisão. Sentindo-se ameaçado a voltar ao presídio a qualquer instante, o protagonista projeta seu desejo de redenção no ato de possuir Dorinha. Os bordeis frequentados por Maneco não eram luxuosos. Ele encontra a prostituta Dorinha na Rua Itaboca, zona urbana de São Paulo:

> Parece que é aquela casa. Não reteve o número. A realidade é que nem atentou para ele. Não foram expressamente edificadas pra esse destino. Uma outra população as levantou, num solo antes neutro, como qualquer bairro da cidade. Mas foram ficando velhas, caindo aos pedaços. Então, acharam-se inopinada e globalmente maduras para o novo mister. E subiram de preço. Algumas pertencem a viúvas pobres, a velhas virgens que não casaram e que herdaram aquele patrimônio do pai – funcionário público quando morreu (MACHADO, 1982, p. 32-33).

Não temos informações sobre o funcionamento do bordel e das condições de trabalho da prostituta Dorinha, a qual representa a mulher pobre e prostituída que tragicamente conduz a sua vida num mundo de violência e incertezas em busca de sobrevivência, assim como o fazem Luísa e Irene, protagonistas dos romances que formam o *corpus* desta tese.

Maneco Manivela levanta hipótese a respeito das causas que conduziram Dorinha ao exercício da prostituição. Para ele, a moça foi abandonada pelo namorado, ficou grávida, restando-lhe prostituir-se para seu próprio sustento. Maneco esforça-se para acreditar que a miséria foi o motivo maior que levou Dorinha à prostituição: "É mais fácil que o caso de Dorinha seja social. Miséria. Miséria dos pais, miséria dela. Isso, isso o que a prostitui!" (MACHADO, 1982, p. 13). Na tradição literária brasileira a miséria é projetada como a grande causa da mulher prostituída: Rizoleta, Luísa, Tereza Batista, Irene... grande parte das meretrizes vivem em estado de abandono e extrema miséria.

O que diferencia o tratamento dado ao tema da prostituição no romance *Passos perdidos* de outras narrativas brasileiras é a comparação entre a prostituta e uma máquina. O pensamento de Maneco Manivela é o de que a prostituição funciona como uma engrenagem e um "profissionalismo político". Nessa visão, a prostituta seria como uma máquina que após a produção daria o retorno: dinheiro. Acompanhado pelas

memórias do cárcere, Maneco procura interpretar o presente e conclui que o importante é o "entusiasmo pelo trabalho". E quando pensa em retirar Dorinha do oficio se depara com uma dúvida cruel: Teria Dorinha prazer na profissão? Caso sim, além do estímulo pessoal no exercício da profissão, a meretriz usufrui da compensação financeira: "um prazer, comercial, de vencer a concorrência, de se sentir procurada e preferida..." (MACHADO, 1982, p. 23). Diante desse quadro, Maneco lembra de mais uma lição aprendida na cárcere, qual seja, a aproximação de uma prostituta deve ser exclusivamente para a satisfação da carne.

Como dissemos, em *Passos perdidos* a prostituta é associada a uma máquina e os cafetões a patrões de indústrias: "Pensando bem, Dorinha e as outras são umas estranhas operárias; operárias como ele. Uma liga as explora: a liga de proprietários daqueles infames meios de produção" (MACHADO, 1982, p. 73). A visão da prostituta como uma máquina faz parte do sistema capitalista que explora o homem e sua força bruta, servindo a quem procura pelos seus serviços sob vigilância de um chefe ou cafetão:

> Os próprios clientes – aquela chusma compassada e cínica – fazem o jogo do industrial: indo e vindo através da rua, detendo-se canalhamente aqui, entrando furtiva ou impudicamente ali, alimentando as maquinas, deixando cair o dinheiro – às vezes sob a fiscalização embuçada do cafetão, que acompanha lá de dentro o serviço, como num escritório de empresa... (MACHADO, 1982, p. 73).

A venda do corpo comparado ao trabalho de uma máquina na indústria é regida pelas leis do mercado que visam ao lucro. Nesse caso, a fornicação passa a ser a mercadoria de negociação e, nessa condição, deve se submeter às leis capitalistas do comércio. A ideia de exploração faz Maneco sentir piedade de Dorinha e, por um instante, pensar em pedir-lhe casamento a fim de retirá-la da opressão. Maneco aspira à liberdade, dignidade, sobrevivência. Enxergando Dorinha como uma vítima do sistema capitalista, o protagonista acredita que o casamento seria a salvação para ambos: "Se não pudesse ser uma outra – uma filha de operário, dum 'companheiro' por exemplo – poderia ser... Dorinha..." (MACHADO, 1982, p. 148). A intenção do protagonista era obter a redenção e ao mesmo tempo retirar Dorinha da zona de meretrício. Desse modo, Maneco iria "resolver, duma só tacada, o caso duma companheira para si e o caso social

de Dorinha – seria o máximo que poderia fazer. Reintegrar Dorinha à vida social constituía uma experiência de... luta" (MACHADO, 198, p. 157). O romance finaliza com a cena de Maneco se dirigindo em busca de Dorinha e "perdendo-se na treva da noite chuvosa" (MACHADO, 1982, p. 181). O casamento não se concretiza no desfecho da narrativa e esse fato parece indicar a impossibilidade de uma vida regrada, organizada, de um personagem rodeado de incertezas, prisioneiro de suas lembranças e liberdade incerta e de uma mulher que uma vez adentrando num mundo "corrompido" não teria o direito de sair dele para integrar o espaço das famílias "honestas", ou seja, o destino de Maneco e de Dorinha era perambular na escuridão, restando-lhes o afastamento do convívio com a classe dominante. Parece que o protagonista escolheu a pessoa menos indicada para ajudá-lo a sair da subversão, da margem social, pois pouquíssimas são as oportunidades de trabalho que a sociedade oferece à meretriz. Como um marginalizado pode contribuir para a saída de outro do mundo marginal? Sem dinheiro, sem apoio, sem família isto se torna praticamente impossível. O trabalho de Dorinha não causava vergonha a Maneco, pois ele acreditava que a prostituição é apenas mais uma entre as forças produtivas do sistema capitalista. Ademais, o próprio título do romance sugere a má sorte de seus personagens centrais, pois, por mais que Maneco sonhasse com uma vida tranquila ou idealizasse um futuro melhor, sua luta era em vão, seus esforços não tinham retorno positivo, enquanto Dorinha era conformada, não lutava para reverter sua condição por não ver outro recurso que a tirasse do mundo da prostituição.

Da leitura de *Passos perdidos* depreendemos: a indústria da prostituição explora não somente a prostituta, mas também todos aqueles que em busca da sobrevivência dependem desse comércio que os insere numa relação de trabalho e produção que caminha para a concretização de um único objetivo: o giro do capital.

Na década de 1950, Jorge Amado voltou a publicar romances que focalizam a figura da prostituta. O escritor desenhou uma vasta tipologia de meretrizes (brancas, mulatas, mestiças, negras, estrangeiras, entre outras), o que sugere que as putas têm um lugar cativo na obra amadiana. Em *Criaturas de Jorge Amado*, Paulo Tavares (1985) catalogou 888 personagens femininas dentre as quais 20,7% estão inseridas no universo da prostituição, sendo distribuídas da seguinte maneira: 5,9% são caftinas, 13,6% são

prostitutas e 1,2% dançarinas de cabaré. Na década seguinte, especificamente em 1958, Jorge Amado publicou *Gabriela Cravo e Canela*, no qual verificamos a presença de 8 prostituta. No mesmo ano Menotti Del Picchia (1892-1988) apresentou em *A mulher que traiu* uma prostituta chamada Nora que, ao conhecer a pensão da cafetina Sinhá, fica deslumbrada com o mundo misterioso, encantador e luxuoso que havia visto apenas nas telas do cinema, conforme vemos no excerto a seguir, destacado por Rago (2008):

> Examinou o quarto. Era lindo! Cortinas, espelhos, tapetes, perfumes... Parecia-se com aqueles quartos de luxo com que ela sonhara tanto e só vira nos cinemas. Olhou para o mármore do toucador. Havia lá frascos de cristal com bico de nikel e uma pêra de borracha envolvida numa redezinha de seda. "Para que servirá isto"?, pensou (...). Ela ia ser uma daquelas mulheres...
> Teve um sorriso e um arrepio (PICCHIA, 1958, p. 63).

O cenário da pensão descrito por Menotti Del Picchia fascina a protagonista. Logo, ela desejou ocupar esse espaço e conhecer produtos de luxo (perfumes, tapetes, fracos de cristal etc.) que somente a prostituição lhe proporcionaria. O mundo da prostituição surge como espaço fascinante e envolvente, propício para o consumo do prazer oferecido pelas prostitutas que atuam como verdadeiras artistas, através das artes da sedução. Nesse sentido, Rago (2008, p. 218) explicita que "a prostituta é aquela que aprendeu a encenar múltiplos papéis, dissociando aparência e essência, interioridade e exterioridade, perdendo-se no labirinto das sensações". A respeito do luxo nas pensões, a pesquisadora complementa:

> Não é casual que a condenação da prostituição moderna se faça também pela crítica ao luxo desenfreado e ao desperdício de energias. Há uma forte associação da prostituta, e particularmente a de luxo, com o gosto utilitarista pela riqueza, com a forma pela qual ela explora o amante endinheirado, conseguindo extrair de suas mãos carros, apartamentos elegantes, roupas finas e muitas joias (RAGO, 2008, p. 220).

Demasiadamente atraída pelo luxo, Nora buscou o consumo de mercadorias que somente por meio da prostituição teve acesso. Assim como Luz, protagonista de *Vertigem*, de Laura Villares, a personagem central de Menotti del Picchia - Nora - procurou se beneficiar dos artigos de luxo que conseguia extrair de seus clientes ao se

relacionar com eles, mesmo que fosse um envolvimento rápido, haja vista que "a prostituta uniformiza os homens porque todos lhe são substituíveis" (RAGO, 2008, p. 221), o que se comprova pela rotatividade nos cabarés luxuosos.

Já em 1959, o pernambucano José Condé (1917-1971) publicou *Um ramo para Luísa* – parte do *corpus* desta tese - romance que viria a ser mais tarde adaptado para o cinema e que lhe conferiria o reconhecimento popular[19]. Nesta obra, o narrador descreve a carência, a ânsia de amor, as lutas, as tristezas, a solidão e a morte vivenciadas pela prostituta Luísa, a qual será analisada com mais profundidade no capítulo que segue.

Na década de 1960, Jorge Amado publicou quatro romances nos quais encontramos várias prostitutas: *Os velhos marinheiros ou O capitão de longo curso* (1961), *Os pastores da noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) e *Tenda dos milagres* (1969). *Pastores da noite* é o segundo romance de Jorge Amado em termos de maior quantidade de personagens prostituídas, um total de 16 meretrizes, perdendo apenas para *Tereza Batista cansada de guerra* que apresenta o número de 24 prostitutas no decorrer do romance (BRIVIO, 2012, p. 148). No universo de *Pastores da noite* povoam padres, malandros, pais de santo, camelôs e prostitutas. Dentre estas se destaca, pelo seu romantismo, Otália, jovem recém-chegada de um bordel do Bonfim, com carta de indicação ao castelo de Tibéria e logo conhece o sedutor Cabo Martim, que tem fama de mulherengo e malandro, e por ele se apaixona. Martim se vê obrigado a deixar a cidade, devido ao envolvimento com uma mulher casada. Otália representa a prostituta sonhadora que ama sem ser amada e, assim sendo, a sua relação com Martim dura pouco tempo.

Em 1972, Jorge Amado publica *Tereza Batista cansada de guerra*. Narrado em terceira pessoa, o romance conta a saga de Tereza Batista da Anunciação, filha do velho Batista e de Marieta. Aos oito anos de idade, ao perder seus pais num desastre de ônibus, a menina fica aos cuidados da tia Felipa que a vendeu por "um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa", a Justiniano Duarte da Rosa, o coronel Justo, o qual transformou Tereza em sua escrava doméstica e sexual quando ainda não havia completado treze anos.

[19]Baseado no romance homônimo de José Condé, o filme *Um ramo para Luísa* foi dirigido por J. B. Tanko e lançado em 30 de agosto de 1965. O filme recebeu o Prêmio Governo do Estado da Guanabara e o Décimo lugar pela Comissão de Auxílio à Indústria Cinematográfica do Rio de Janeiro.

A história de Tereza Batista é marcada por dor e fome, miséria e morte, peste e guerra. Ela representa a classe dos pobres e oprimidos, enfrenta todas as adversidades impostas pela sociedade da época, mas não desiste do verdadeiro amor, pois as feridas provocadas pela prostituição não constituem obstáculos para amar alguém. Tereza não desiste da vida e, como tantas outras personagens amadianas, carrega o otimismo e a esperança de uma vida melhor, justa. Tereza representa ainda a mulher valente, boa de briga: "Os personagens de Jorge são almas indomáveis, resistentes, que não se deixam vencer pelas misérias do drama social. As injustiças gritantes, os amores enfrentando as forças do ódio, o amor unido à liberdade, lutando por fazer da vida o bem-viver (...)" (NERY, 1990, p. 10).

Tereza Batista é símbolo de uma problemática social a exigir solução, qual seja, a venda de meninas para a satisfação sexual de poderosos e solução imediata para a miséria de muitas famílias. A protagonista representa as classes populares do Brasil que vivem sem alternativas e condições dignas de viver, submetendo-se à exploração e às situações aviltantes impostas pela classe dominante. A comercialização de Tereza é apresentada pelo narrador logo no início da segunda parte do romance:

> Tereza Batista não completara ainda treze anos quando sua tia Felipa a vendeu, por um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa, porém vistosa, a Justiniano Duarte da Rosa, capitão Justo, cuja fama de rico, valente e atrabiliário corria por todo o sertão e mais além. (...)
> Contavam de morte e tocaias, de trapaças nas brigas de galo, de falsificações nas contas do armazém, cobradas no sopapo por Chico Meia-Sola, de terras adquiridas a preço de banana, sob ameaça de clavinote e punhal, de meninas estupradas no verdor dos cabaços, meninas eram o fraco de Justiniano Duarte da Rosa. Quantas já deflorara menores de quinze anos? Um colar de argolas de ouro, sob a camisa do capitão, por entre a gordura dos peitos, vai tilitando nas estradas que nem chocalho de cascavel: cada argola uma menina – sem falar nas de mais de quinze anos, essas não contam (AMADO, 1996, p. 59).

O capitão Justiniano Duarte da Rosa representa o poder e a autoridade em terras baianas onde juízes e delegados pouco mandam, ficando a ordem entregue nas mãos dos poderosos da época. Conhecido como caçador de cabaços, o capitão Justo começa a frequentar a casa de Felipa com uma única intenção: deflorar Tereza Batista. Com medo da repressão e diante de extrema miséria, a velha Felipa vê-se obrigada a negociar a

menina, principalmente porque sabia que Justiniano teria a garota de qualquer maneira, pois não media esforços para conquistar o que pretendia. Assim, a tia começa a destacar os dotes da garota: "- Me diga vosmicê também, seu capitão, onde ia encontrar moça mais dotada, sabendo fazer de um tudo dentro e fora de casa, sabendo ler e contar, para vender na feira está sozinha, e bonita igual a ela me diga?" (AMADO, 1996, p. 66).

Felipa anuncia a partida de Tereza e pede à garota que arrume as roupas e todos os seus pertences, alegando que na casa do capitão Justo ela teria uma vida mais confortável. Tereza não compreende o motivo de sua saída da casa da tia e passa a questionar a mulher, mas é o capitão quem lhe responde: "-Não precisa saber por que, se acabaram as perguntas, comigo é ouvir e obedecer, fique sabendo, aprenda de uma vez por todas. Vambora" (AMADO, 1996, p. 68). Justiniano responde como dono da garota, impondo seu poder com a voz firme e de tom autoritário.

No romance, percebemos que um de seus maiores prazeres é apreciar a submissão da mulher. A virgindade se configura como objeto, uma verdadeira conquista do "macho", uma vitória a ser conseguida e quanto mais difícil mais saboroso seria o prêmio:

> Sendo um esportista, o capitão preferia naturalmente aquelas que ofereciam certa resistência inicial. As fáceis, com maior ou menor conhecimento e prática, não lhe davam a mesma exultante sensação de poder, de vitória, de difícil conquista (AMADO, 1996, p. 70).

A figura do capitão Justo, *a fera de Cajazeiras do Norte, desbravador de cabaços*, como dizia a cafetina Veneranda, representa as imposições da sociedade patriarcal, onde a mulher deve ser obediente ao homem e a ele servir respeitosamente. Segundo Janaina Fernandes Rebello (2006, p. 191), "a sociedade, em Jorge Amado, é apresentada como vilã, interditora, e percebe-se a intensidade da frustração de algumas personagens femininas, porque o obstáculo à sua realização é a sociedade dominante", a qual impõe suas ordens e pune aquele que não as cumpre: "Faça-se de besta quem quiser, receberá o troco imediato" (AMADO, 1996, p. 86).

Tereza Batista se diferencia de todas as prostitutas já criadas por Jorge Amado. Ela é guerreira, defensora das mulheres, sensual, tem espírito de liderança (líder da greve do Balaio fechado) e se solidariza com o sofrimento dos mais pobres. Por tanta bondade, parece que o narrador resolve trilhar um caminho diferente para essa

prostituta, dando-lhe um desfecho romântico para a sua história; é o amor que bate à porta de Tereza, retirando-a do mundo da prostituição:

> Pôs a mão sobre a de mestre Januário Gereba, Janu do bem-querer, fazendo-o mover o leme, mudar o rumo do saveiro, dirigindo-se para pequena enseada entre bambus na margem do golfo, escondido remanso. Estende-se Tereza na popa do saveiro:
> - Venha e me faça um filho, Janu.
> - Sou bom nisso como quê.
> Ali, na barra da manhã, rio e mar (AMADO, 1996, p. 429).

Por muito tempo, a prostituição foi para Tereza Batista uma guerra sem trégua. Prostituta peregrina, a heroína sobrevivia trabalhando de bordel em bordel enfrentando as adversidades da vida. A narração se encerra em um cenário de paz e tranquilidade: entre o céu e o mar.

Como vimos, Jorge Amado foi o autor brasileiro que ficcionalizou um grande número de prostitutas na literatura[20]. De acordo com Brivio (2012, p. 146), em *Tereza Batista cansada de guerra* encontramos 24 prostitutas, 14 caftinas e 5 cantoras e dançarinas de cabaré.

Cinco anos após a publicação de *Tereza Batista cansada de guerra*, Jorge Amado divulgou ainda ano período da ditadura militar, em 1977, o romance *Tieta do Agreste*, o qual narra a história de uma fogosa pastora de cabras denunciada, por sua irmã beata Perpétua a seu pai Zé Esteves, pelas suas aventuras com jovens adolescentes, fato que resultou numa surra de cajado e na expulsão de Tieta do seio familiar. A jovem mulher, com forte apelo sexual, é humilhada pelo pai na cidade onde morava, Sant'anna do Agreste. Tieta recorre à prostituição em cidades ao redor, depois segue para São Paulo, onde faz carreira como prostituta, tornando-se proprietária de um bordel de luxo.

A comercialização do próprio corpo permitiu que Tieta retornasse a sua cidade natal após vinte e seis anos de expulsão. Rica, a protagonista cumpre a promessa que fez antes de partir: a de retornar para nunca mais sair. Denominada pelo narrador de "cabrita no cio", a heroína sofre as críticas da sociedade por ser namoradeira e

[20] Além dos 17 romances já citados com a representação de prostitutas, Jorge Amado ainda escreveu, em 1959, o conto *De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto*. Nele, encontramos 1 caftina, 5 prostitutas e 1 dançaria/cantora de cabaré. Obviamente o escritor publicou outras obras que não retratam a figura da meretriz, como por exemplo, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, que veio a público no ano de 1976.

destemida, pois fugia para os seus encontros diurnos e noturnos, enfrentando a todos como uma cabra livre que não tem medo do que encontra pelo caminho afora. Dona de traços sensuais e invejada pela beleza exuberante, Tieta tem o perfil de mulher que fisicamente agrada a qualquer homem/cliente:

> Moça formosa e atrevida, enfrentando a ira do pai e a denúncia da irmã: tu tem é inveja porque nenhum homem repara em ti, tribufu; atrevida desde menina, pastora de cabras nos outeiros da terra sáfara de Zé Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens [...] audaciosa, desleixada dos preceitos de deus, igreja só pra namorar; a rir tão cínica e bela, na boléia do caminhão, rumo da Bahia (AMADO, 1977, p. 36-37).

Tieta é mulher sensual, libidinosa, de temperamento forte; tem o perfil de mulher decidida e dominadora, características que aprendeu com o sexo masculino, o qual sabe seduzir e arrancar dele o que deseja – o dinheiro. A protagonista aprendeu a dialogar com os preceitos sociais e a entrelaçar as exigências sociais e faz de seu prostíbulo um espaço elevado na sociedade – aprendizagem que resultou de sua convivência com Madame Antoinette. Ao enriquecer, manda dinheiro para o pai e para as irmãs, atitude que a converte em "santa", apagando a sua imagem suja do passado rejeitado por todos, embora as suas atitudes ao retornar a Sant'anna deponham contra ela.

Tieta representa a prostituta que não consegue sair da margem social, que não encontra o seu espaço, mas que inevitavelmente consegue (re)negociar com o sistema social para não ser "engolida" pela hipocrisia vigente. Enfim, Tieta simboliza a mulher que fragmentada, rejeitada, busca legitimação e espaço social no qual possa fazer valer os seus direitos de cidadã.

No mesmo ano de publicação de Tereza Batista cansada de guerra, 1972, o jornalista e ensaísta paulista Orígenes Lessa (1903-1986) apresenta a obra *Beco da fome*, a qual narra a história da prostituta carioca Isaura, que no logo no início do livro confessa a sua condição: "Não pense que eu tou(sic) querendo tirar onda de santa. Quero não. Desde cedo eu vi que não era, não ia ser e tinha raiva de quem era. Cama é bom. Mas bom quando é pela cama que a gente se deita com um cara gosta e aí vale

tudo (LESSA, 2008, p. 15). Com uma linguagem simples e popular, Isaura anuncia o seu comportamento no submundo da prostituição:

> É uma concorrência filha da mãe, eu vou te contar. Quando eu tou numa esquina e chega uma bicha, vestida de mulher, se rebolando, eu digo pra mim mesma: "minha filha, vai caindo fora, que aqui a noite se fodeu!" porque eu não sou como as outras. A turma reage (LESSA, 2008, p. 27).

Por meio da fala de Isaura somos informados de que o seu espaço de trabalho é a rua, são as calçadas concorridas com travestis que também sobrevivem da venda do corpo. Na narrativa, o termo "viração" se refere às relações sociais e amorosas vivenciadas na prostituição. Ao adotar o nome de Sueli, Isaura circula entre dois mundos: o "mundo alto" representado pela família que desconhece a sua profissão e o "mundo baixo" representado pelo mercado do sexo, mundos estes que dialogam e excluem o menos favorecido economicamente. A identidade de puta de Isaura é camuflada para a família, a qual acredita que a ajuda financeira advém do trabalho doméstico desempenhando pela protagonista.

Em síntese, *Beco da fome* retrata as humilhações e os traumas vivenciados por uma prostituta nos anos setenta do século passado. A obra traz a linguagem vulgar das ruas ("filho da puta", "rabo", "cacete duro", "porra" etc.), a violência e a discriminação sofrida por quem vive à margem social, enfim, denuncia a vida difícil de grande parte das prostitutas que atuam na "viração", conforme lemos no seguinte trecho: "Puta que me pariu! Ah, vida mais filha-da-puta!" (LESSA, 2008, p. 95).

Em 1985, Dalton Trevisan, escritor curitibano nascido em 14 de junho de 1925, publica *A polaquinha*, único romance produzido na sua carreira abrilhantada por diversos prêmios nacionais, obtendo destaque pela produção de inúmeros contos. A primeira cena vista no início do seu romance é a chegada da menstruação da protagonista que desconhece o seu estado de moça: primeiros pelos situados na região do órgão genital, perda de sangue e uso de "toalhinhas" para absorvê-lo, seios aflorados com bicos doloridos, além das primeiras dúvidas surgidas no período da adolescência. A obra se destaca no universo de maldição e misericórdia. Trata-se de uma história de

amor louco e ardente erotismo, uma reflexão sobre a procura intensa por amor e completude, que acontece através da busca descontrolada pelo prazer erótico.

A obra narra a história de uma moça pobre, bonita, de uma vida repleta de dificuldades de ordem financeira e muito cobiçada pelos homens. Por ser loira, a moça despertava a atenção da classe masculina e recebe o apelido de Polaquinha. O fato de não ter nome na trama é de extrema importância para compreender a despersonificação da protagonista, o que a reduz a um mero atributo físico.

A vida sexual de Polaquinha tem início ainda na adolescência. É a João, rapaz magro, feio e com problemas respiratórios, que a protagonista se entrega pela primeira vez, perdendo a virgindade e conhecendo diversas formas de prazer e de carinho. João representa a sociedade patriarcal e machista, fato demonstrado pelas suas desconfianças e agressões. Ele desfruta do corpo da garota e logo em seguida abandona-a, restando para ela a ausência e a saudade do homem que a deflorou. De quando vez, João aparecia procurando pelo sexo da Polaquinha, ou seja, marcava sempre presença na vida dela, atitude típica do mundo machista – controlar, vigiar a mulher.

O segundo envolvimento de Polaquinha é com Tito, homem casado, pai de dois filhos. É através da fala de Tito que temos mais detalhes físicos da protagonista: "- Teu seio é muito pequeno, muito fina. Não fui o primeiro. Me conte quem foi. Aquele teu primo?" (TREVISAN, 1985, p. 24). Com Tito, a virgindade de Polaquinha é posta em debate:

> - Bem sabe que outro nunca houve.
> - E o sangue no lençol? Por que o lençol não tinha sangue?
> Não se lembrava? Saímos para o restaurante, eu tive de voltar, estava me esvaziando.
> - Era outra coisa. Não sangue de virgem.
> Sempre no peito essa mão de unha roída. Agora tem um ataque, eu prensava. Oh, meu deus, o que faço? Se ele morre, aqui no quarto, sem oxigênio?
> - Eu não caso, o que te acontece? Quer ser uma putinha? (TREVISAN, 1985, p. 25).

Na cena fica evidente a postura do homem machista que valoriza o estado de virgem da mulher. O sangue que deveria estar estampado no lençol representa a perda da virgindade, propriedade da mulher tão desejada pelo sexo oposto, o qual considera

que uma moça deflorada será puta caso o homem não se case com ela para reparar o "dano cometido". O relacionamento de Polaquinha com Tito não durou muito tempo, pois ele é transferido com a família para longe, marcando encontros casuais.

O terceiro caso amoroso da protagonista dá-se com Nando. Com ele, a garota experimenta a passagem da adolescência para a fase adulta, conhecendo intensamente todos os encantos do prazer sexual. No entanto, a relação não foi marcada apenas pelo conforto emocional. Além disso, Polaquinha sofreu com as desconfianças, o ciúme e as brigas que resultaram do término de sua relação de quatro anos. Parece que a intenção do autor é demonstrar a dominação masculina e as humilhações sofridas pela mulher na sociedade sexista, principalmente se ela assumir um comportamento transgressor das convenções repressoras impostas. A última relação amorosa de Polaquinha é com o motorista Pedro, homem casado e com três filhos que não se contenta apenas com a esposa e uma amante e convive com várias namoradas e, por isso, a relação não se sustenta por muito tempo. Dalton Trevisan revela com um estilo marcado por frases curtas o sofrimento e a condição humilhante da mulher quando ela transgride/fere as normas e os valores patriarcais.

Organizada em quarenta e um capítulos, a obra demonstra além da violência verbal e física, os abusos sofridos pela mulher no relacionamento com seus parceiros. Depois de se aventurar e não obter êxitos nos seus relacionamentos, Polaquinha adentra no mundo da prostituição devido a sua difícil condição financeira, atendendo a diversos clientes, como podemos verificar nos últimos capítulos do romance em que homens tiram as roupas para realizarem posições sexuais diversificadas. O início do capítulo trinta e sete descreve a chegada e atuação de um cliente:

> Três da tarde. Um toque tímido na campanhia.
> Você abre a porta:
> - Oi.
> Ele insinua-se ligeiro, não ser visto no corredor. Olha dos lados: ninguém atrás da porta.
> - Alguém já veio?
> - Você é o primeiro.
> - Tem revistinha nova?
> - As de sempre.
> - E vibrador?
> -Tem, sim.
> - Quer que use?

> - Para mim, não. Se quiser, faço em você.
> Alto, magro, óculo grosso (TREVISAN, 1985, p. 142).

A cena demonstra os desejos do cliente e a sua chegada discreta no local do encontro, fato que sugere ser ele um homem casado e procura realizar suas fantasias sexuais às escondidas. A Polaquinha, no papel de prostituta, procura servir ao seu cliente da melhor maneira.

Parece que a condição financeira precária de Polaquinha não foi o único motivo para ela abraçar a prostituição: as desilusões amorosas, o envolvimento com homens casados e os amores não correspondidos também contribuíram para a sua condição de prostituta. É interessante registrar que o último capítulo do romance revela que no mundo da prostituição "nem tudo são flores":

> Sete da noite. Um simples toque na campanhia.
> Abro a porta:
> - Oi.
> Oh, meu deus, não. Você aqui? Não. Tudo menos você.
> - Alguém já veio?
> - Você é o primeiro.
> Me acuda, Olga. Toca, telefone. Chora nenê, chora" (TREVISAN, 1985, p. 41).

Após uma sequência de programas realizados no mesmo dia, Polaquinha deseja "fugir" do cliente. Para todos ela mente, afirmando que cada um deles é o primeiro a procurar por seus serviços sexuais, o que parece excitar mais o homem. Vemos que na cena que encerra o romance a protagonista desesperadamente espera que alguém ou algo se manifeste (nesse caso, a Olga, o bebê ou o telefone) para que o programa sexual não aconteça. Este fato faz "cair por terra" a ideia de que prostituta é "mulher de vida fácil": não há facilidade quando a questão é sobreviver numa sociedade excludente e opressora. Enfim, a obra aparece como um manancial de ocorrências e situações eróticas, espaço privilegiado de registro dos desejos e do desassossego de uma jovem mulher que se depara com o amor não correspondido e com sexo desejado por todos homens que cruzam o seu caminho. *A Polaquinha* é um romance essencialmente erótico, haja vista que "o sexo está presente como elemento indispensável a se

configurar no tecido expressivo e no desenvolvimento da intriga" (BULHÕES, 2003, 60-61).

Para finalizar o alinhamento dos romances nacionais com personagens prostitutas, destacamos como obra representativa da década de 1990[21] o trabalho do escritor matogrossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) que apresenta ao público leitor no ano de 1995 o romance *Cerimônias do esquecimento*, no qual dá destaque a personagem Rosaura do Espírito Santo que assume a sua identidade de puta ao subir numa mesa de bar perante diversas pessoas que bebiam e se divertiam ao som das violas de dois cegos que cantavam uma música sobre o fim do mundo.

Ironicamente denominado "Portal do céu", é nesse espaço que a prostituta Rosaura vivencia, juntamente com os clientes desse estabelecimento, um misto de insatisfação, alegria e inconformidade. É nesse clima que a protagonista declara que o amor real, sem interesses financeiros, é conhecido apenas pelas prostitutas: "Nós, cujo nome deveria ser inscrito nas moedas pelo dom do amor [...], pois é por esse amor que vêm [...] as mães de todos os homens e de todas as mulheres" (DICKE, 1995, p. 80).

Embora a narrativa descreva Rosaura como uma mulher politizada que ama e assume a sua condição de puta – e luta pelo reconhecimento e pela valorização do seu ofício, notamos o preconceito e a rejeição em relação à sua maneira de sobreviver e fica evidente o lugar que ela ocupa na sociedade, ou seja, à margem: "[...] porque toda ela está na sombra, seu corpo mergulhado na noite das trevas, só sua face está fracamente iluminada [...] ela vai tirando a roupa e ninguém vê que ela vai ficando nua na noite" (DICKE, 1995, p. 67). Dez anos depois, no início do século XXI, o público leitor brasileiro encontraria outro romance em que a prostituta assume papel fundamental, qual seja, *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, cuja abordagem será feita no capítulo III desta tese.

---

[21]Convém registrar que, no ano de 1991, o escritor mineiro Roberto Francis Drummond (1933-2002) publicou o romance *Hilda Furacão*, adaptado para o formato de minissérie e exibida pela emissão de televisão Rede Globo em 1998. Baseada na história de juventude da prostituta Hilda Maia Valentim - conhecida na zona boêmia de Belo Horizonte, Minas Gerais, como Hilda Furacão -, a obra relata a vida de fada sexual compartilhada com três rapazes – Malthus, Aramel e Roberto, o próprio narrador da história- oriundos de Santana dos Ferros. Bela e sedutora, a musa erótica enfeitiçava os homens arrancando deles muito dinheiro para sustentar seus caprichos, deixando toda a sociedade mineira dos anos 1950 e 1960 escandalizada, perplexa ao decidir ganhar a vida como meretriz.

O alinhamento feito dos romances brasileiros já publicados até o ano 2005 indica que a principal causa que resultou na prostituição de mulheres foi a miséria, seguida da ambição, do desejo de posse. Para facilitar a visualização dos romances nacionais cujas páginas poetizam a figura da prostituta, apresentamos o seguinte quadro:

SÉCULO	DÉCADA	OBRA/AUTOR/ANO DE PUBLICAÇÃO	PROSTITUTA/S
XIX	1860	*Lucíola*, de José de Alencar (1862)	Lúcia
	1880	*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1881)	Marcela
	1890	*O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890)	Léonie e Pombinha
		O Bom Crioulo, de Adolfo Caminha (1895)	Dona Carolina
XX	1910	*Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha (1910)	Maria
	1920	*Madame Pommery*, de Hilário Tácito (1920)	Madame Pommery
		Alma, de Oswald de Andrade (1922)	Alma
		Vertigem, de Laura Villares (1926)	Luz
		A bagaceira, de José Américo (1928)	Soledade
	1930	*O mistério do cabaré*, de Armando Soares Caiuby (1931)	Maria Alice
		Os Corumbas, de Amando Fontes (1933)	Rosenda, Albertina e Joana
		Marafa, de Marques Rebelo (1933)	Rizoleta
		Lapa, de Luís Martins (1936)	Odette
		A estrela sobe, de Marques Rebelo (1939)	Leniza
	1940	*Seara Vermelha*, de Jorge Amado (1946)	Marta
		Passos perdidos, de Dyonélio Machado (1946)	Dorinha
	1950	*A mulher que traiu*, de Menotti Del Picchia (1950)	Nora
		Um ramo para Luísa, de José Condé (1959)	Luísa
	1960	*Pastores da noite*, de Jorge Amado (1964)	Otália
	1970	*Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado (1972)	Tereza
		Beco da fome, de Orígenes Lessa (1972)	Isaura
		Tieta do Agreste, de Jorge Amado (1979)	Tieta
	1980	*A polaquinha*, de Dalton Trevisan (1985)	Polaquinha
	1990	*Hilda Furacão*, de Roberto Drummond (1991)	Hilda
		Cerimônias do esquecimento, de Ricardo Guilherme Dicke (1995)	Rosaura
XXI	2010	*O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005)	Irene

Quadro 1: Ordem cronológica dos romances brasileiros que inscreveram a figura da prostituta.

Salientamos que o quadro não contempla todos os romances brasileiros já publicados que desenham a imagem da prostituta. Sublinhamos apenas as obras sobre as quais tecemos breves considerações em torno da atuação das meretrizes de destaque presentes nessas publicações. A construção desse quadro permitiu observar que, na tradição literária brasileira, coube aos homens desenhar a imagem da prostituta nas narrativas, haja vista o número reduzido de romances nacionais de autoria feminina com essa personagem, dentre os quais tomamos conhecimento de apenas duas escritoras: Laura Villares e Maria Valéria Rezende. A análise dos romances arrolados apontou para fato de que, salvo raras exceções, a prostituta está na condição de vítima da sociedade, arrastada para a zona devido à miséria extrema, sendo inserida em um caminho sem retorno, numa guerra sem trégua, salvo algumas exceções como o caso de Tereza Batista, que após muita luta parece encontrar a sua "alforria" no amor.

Diante do alinhamento dos romances nos quais povoam a imagem da prostituta proposto neste capítulo, faz-se necessário o seguinte questionamento: Que aspectos são semelhantes e divergentes entre as prostitutas dos romances alinhados e as meretrizes que compõem o *corpus* de análise desta tese? Diversos são os aspectos que se assemelham entre elas a partir do erotismo, da extrema pobreza, da condição miserável das famílias, da falta de oportunidade no mercado de trabalho, da discriminação e violência sofrida. Com rara exceção, as prostitutas focalizadas pertencem à classe trabalhadora e sofrem privações desde a alimentação à educação escolar, pois não temos conhecimentos de que elas possuam curso superior. Mas os aspectos que, de fato, chamam a nossa atenção são: o amor não correspondido, a solidão e a presença da morte. Com exceção do final romântico de Tereza Batista, personagem de Jorge Amado, as meretrizes estudadas sofrem por não encontrarem o amor/homem amado que as retirem do mundo da prostituição. Quanto à morte, nem todas fenecem, porém as que morrem vão a partir de um desfecho trágico, como Rizoleta que queimou o próprio corpo, Luísa que foi assassina por ciúmes do homem que a enclausurava e Irene que vê o corpo definhar pela fome e pela devastação ocasionada pelo vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Diante desse quadro, surgem as inquietações: Por que o amor não é alcançado pela prostituta? Qual o destino do corpo prostituído? Que marcas do ofício estão

inscritas no seu corpo entendido como instrumento de trabalho? O que conduz a prostituta à degradação física e moral? Que sentido tem a morte para a prostituta: punição ou redenção? Não teria a prostituta o direito a um final feliz? A análise mais aprofundada do corpus do nosso trabalho - *Um ramo para Luísa* e *O vôo da guará vermelha* – nos apresentarão possíveis respostas.

CAPÍTULO III

SOLIDÃOE MORTE: DESTINO DA PROSTITUTA?

É ela que, hirta, a arquivar credos desfeitos,
Com as mãos chagadas, espremendo os peitos,
Reduzidos, por fim, a âmbulas moles,
Sofre em cada molécula a angústia alta
De haver secado, como o estepe, à falta
Da água criadora que alimenta as proles!

Augusto dos Anjos

Considerando-se que "o romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor de todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo (BAKHTIN, 1990, p. 400), procuramos, neste capítulo, analisar como a prática da prostituição encontra-se representada em *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, de José Condé e Maria Valéria Rezende, respectivamente. Além disso, direcionamos o nosso olhar para a questão da solidão e da morte, uma vez que ao compararmos as obras foram estas as categorias analíticas que mais se destacaram quando se trata da personagem prostituta.

Não deixamos, entretanto, de enfatizar outros elementos, como a maternidade, a identidade, a ausência do pai, comuns às protagonistas mencionadas. Evidenciamos que as prostitutas do *corpus*, Luísa e Irene, seguem uma trajetória marcada por adversidades, enfrentando a fome, o preconceito e a exclusão, dentre os problemas sociais. Todavia, ao lhes ser negada a condição de mulheres-cidadãs, que a sociedade lhes retira o direito de amar, de casar e de manter uma família aos moldes tradicionais, sendo o amor um sentimento fadado ao insucesso. As pressões em torno da prostituta são tão arrasadoras ao ponto de a meretriz desejar a própria morte como saída do submundo da prostituição. Pontos semelhantes nas obras em análise, solidão e morte parecem aliviar as dores e o sofrimento vivenciados pelas prostitutas que, dentre as minorias que pleiteiam "um lugar ao sol", somente conseguem a solução para a sua dor através da morte.

Nesse percurso de isolamento e morte, não podemos esquecer que se espera da prostituta uma disposição para suprir as necessidades sexuais dos homens. Se o corpo é o principal instrumento de trabalho da meretriz, inevitavelmente ele faz parte das negociações na sociedade capitalista, a qual, ao valorizar a mercadoria, desconsidera a dignidade humana em nome do lucro.

A reflexão desenvolvida aqui só foi permitida por acreditarmos que o romance é a melhor via de análise da sociedade, de um período histórico, de um grupo social específico (as meretrizes, no caso). Por meio dele, as representações da sociedade e do mundo moderno passam a ter visibilidade e se abrem para discussões e possíveis interpretações. Sendo a representação uma construção, um ponto de vista elaborado acerca dos eventos sociais produzidos pelas pessoas em geral e, em específico, pelos romancistas, utilizamos a categoria *representação* a fim de apoiar as nossas análises por ela possibilitar:

> [...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns "representantes" marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

Se a realidade é uma teia em que diferentes grupos sociais se interrelacionam num movimento de tensões e conflitos, conforme destaca Roger Chartier (1990), faz-se necessário considerar as representações que tais grupos divergentes constroem sobre si e sobre os outros. Voltando nosso olhar para a literatura, somos motivados a escrever este capítulo pelas inquietações particulares, a saber: Que representação se faz da prostituta em *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*? O que representam a solidão e a morte para as putas protagonistas dessas obras? Com vistas a responder a tais questionamentos, procuramos, por um viés comparatista, analisar os romances escolhidos a partir da representação da prostituição feminina. Posta esta observação e obedecendo à ordem cronológica de publicação das obras escolhidas como *corpus*, iniciamos nossa leitura com o romance de José Condé.

3.1 A representação da prostituição em *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*

Poderei dizer-vos que elas ousam?
ou vão, por injunções muito mais sérias,
lustrar pecados que jamais repousam?

Ana Cristina César

José Ferreira Condé (1917-1971) é natural da cidade de Caruaru, estado de Pernambuco. Ainda criança deixou sua terra natal e partiu para o Rio de Janeiro, onde mais tarde consagrou sua carreira de jornalista literário, obtendo notoriedade no palco nacional. Em 1959, lançou o livro *Um ramo para Luísa*, obra que seria adaptada para o cinema, proporcionando-lhe o reconhecimento. A sua produção literária não se restringe ao público brasileiro, visto que parte de suas obras foram publicadas na Alemanha e em Portugal, resultando na conquista de diversos prêmios, dentre os quais destacamos o Prêmio Coelho Neto, pela publicação de *Terra de Caruaru* (1960).

Em *Um ramo para Luísa* habitam personagens de tipos os mais diversos possíveis: putas, boêmios, corruptos, ambiciosos, burgueses, entre outros. O nosso olhar recai sobre a prostituta com o intuito de analisar como ela está representada na narrativa ficcional de Condé.

Figura 5: Capa do romance *Um ramo para Luísa*, de José Condé.

A obra apresenta um narrador em primeira pessoa que relata a sua solidão e a busca incessante para resolver uma falta interior que o inquieta e o faz peregrinar por espaços boêmios de Copacabana. As ações são descritas com uma linguagem cinematográfica, que enquadra em *takes* rápidos a vida seca de seres humanos inseridos numa metrópole cruel e egoísta. O cotidiano das pessoas comuns parece estar sendo

literalmente registrado para as páginas de ficção de José Condé que, com simplicidade, transforma fatos corriqueiros e sentimentos alheios em literatura.

Dividida em cinquenta e um capítulos relativamente curtos, a narrativa se organiza em *flashbacks* que trazem à tona as memórias do narrador:

> - O senhor a conheceu? – perguntou-me a mulher gorda.
> - Não.
> - E por que está aqui?
> - Li no jornal.
> A mulher gorda voltou a sentar-se ao lado do caixão.
> Ninguém mais na pequena capela do necrotério. É verdade: havia um cheiro solto no ar (além do que se desprendia das velas acesas) – cheiro da terra lavada pela chuva que o vento da noite trazia até nós.
> De vez em quando a mulher me olhava, desconfiada, e eu julgava que ela ia indagar novamente: "E por que está aqui?"
> Como não conseguisse libertar-se do seu exame paciente e quase irritante, decidi erguer-se e saí para a rua e para a chuva que havia aumentado (CONDÉ, 1987, p. 9).

O romance inicia-se com o diálogo travado entre o narrador, um jornalista divorciado e boêmio, e uma mulher cujo nome não é revelado, fato que indica ser a morta desconhecida por ele. A única informação repassada pelo narrador ao leitor é de que a mulher é gorda e estava sentada ao lado do caixão de Luísa. Parece que, na trama, tal mulher assume pouca ou nenhuma importância, o que se comprova pela anomia e pela reduzida presença dessa personagem na história (apenas no primeiro, quarto e último capítulos), a qual tem o direito apenas a duas falas (*O senhor a conheceu?/E por que está aqui?*) logo no início do romance, reproduzidas no início do quarto capítulo no livro.

A cena de abertura da obra acontece em espaço mórbido – pequena capela do necrotério – onde o narrador mente para a mulher gorda que lá estava, ao negar conhecer a defunta. Três personagens apenas compõem o cenário. Isto revela que Luísa tinha poucos amigos e familiares que parecem não dar importância a ela, haja vista a capela vazia. Por que será que Luísa não teve direito à despedida da família e dos amigos? Através do narrador é que passamos a conhecer o cotidiano de Luísa, sua entrada e saída do submundo da prostituição.

A carência afetiva do narrador é demonstrada no segundo capítulo do romance, quando ele afirma precisar de Luísa para viver. A primeira vez que o jornalista viu a mulher foi em um bar noturno. Enquanto a vitrola tocava um *fox*[22], mulheres disputavam a atenção dos clientes para oferecer-lhes sexo: "Perto de mim, no balcão, três mulheres me olhavam como a um possível freguês; duas outras estavam sentadas, à meia-luz, pouco abaixo de uma cópia grotesca de Toulouse-Lautrec" (CONDÉ, 1987, p. 14). Nesta cena, a prostituta Luísa discute sobre uma dívida com outra meretriz e, consequentemente, é expulsa pelo proprietário do bar, um espanhol chamado Pablo:

> - Se ustedes querem broncar vão lá para fuera.
> Virando-se para a morena:
> - A partir de amanhã usted não me entra mais cá.
> Ela começou a chorar:
> - Mas eu tenho razão, Pablo; estou com a razão. Esta mulher me deve dinheiro e não quer pagar. Cada dia vem com uma conversa diferente. Ou foge de mim. Ainda ontem, meu filho estava com febre e eu precisei vender um vestido para poder comprar remédio (CONDÉ, 1987, p. 14).

É o narrador que mostra a maneira como Luísa sobrevive, comercializando o corpo. Além de puta, a personagem também exerce, na narrativa, outro papel social: o de mãe, o qual parece ser anulado pelo estigma que a prostituta sofre na sociedade. Luísa representa o grande número de mulheres brasileiras que se prostituem, por diversas razões, para sustentar o lar, os filhos e a si mesmas. Curiosamente, Luísa é uma variante feminina de Luís, nome que vem do germânico *Hlodoviko*, composto pelos elementos *hlut* que significa "fama", e *wig*, "batalha, guerra" (NASCENTES, 1952, p. 179). Logo, Luísa significa "guerreira afamada" ou simplesmente "famosa nas batalhas". A prostituição pode ser entendida como uma "batalha" em que os /as guerreiros/as não têm hora certa para começar e terminar sua luta. No romance,a prostituição surge para Luísa como guerra sem trégua, pois a cada encontro precisa enfrentar novos clientes e adversidades inesperadas. A luta é pela sobrevivência do filho e pela sua própria, em uma sociedade que não faz concessões.

---

[22]De acordo com a Wikipedia, o *foxtrote* (*foxtrot* ou *fox-trot* em inglês) é uma dança de salão de origem norte-americana, surgida por volta de 1912.Com movimentos longos, contínuos, suaves e progressivos, tendo atingido o seu auge na década de 30, o *fox* é executado por grandes bandas de *jazz* e visualmente assemelha-se à valsa, com movimentos longos, contínuos, suaves e progressivos.

A fala de Luísa provoca comoção no narrador que, diante do choro da meretriz, resolve, naquela noite, enviar-lhe dinheiro (mil cruzeiros). É evidente que ele afoga as suas mágoas na bebida e procura distração em ambientes alegres – bares, cabarés -, onde se pode conversar sobre diversos assuntos, como o futebol.

A temática da prostituição surge logo no segundo capítulo do livro, quando o narrador afirma: "Era bonita, possuía pernas longas, gordas e quentes. Meti a mão no bolso e tirei o dinheiro para pagar. Sabe o que ela me disse? 'Não quero nada de você. Eu estava desesperada da vida e você foi carinhoso comigo" (CONDÉ, 1987, p. 10). A presença do dinheiro ratifica a ideia de que a prostituição é uma negociação. Nesse fragmento, o narrador deseja possuir o corpo da prostituta e em troca dá-lhe o pagamento (o dinheiro). O corpo sensual e erótico da prostituta, conforme a citação, desperta a libido e a vontade de satisfação sexual do narrador, que não hesita em adquirir a mercadoria – o sexo – através do dinheiro. É a solidão que leva o narrador a frequentar bares noturnos em busca do amor venal: "... mesa de bar refúgio barato..." (CONDÉ, 1987, p. 11). Foi dessa maneira que ele conheceu Luísa, num bar, com o sexo exposto à venda. Não sabia que iria se apaixonar por uma meretriz.

Na zona, o narrador encontra não apenas o sexo como forma de aliviar o cansaço resultante do trabalho rotineiro, mas também meretrizes com as quais conversam a respeito dos dramas vivenciados por cada um. É perceptível a possibilidade de convivência que favorece a diversão e a fuga dos problemas individuais dos fregueses. Nesse espaço, as prostitutas chegam a justificar seu ofício:

> - Era casada?
> - Meu marido era um porcaria. Passei três anos pulando daqui pra São Paulo, de São Paulo praqui fugindo da polícia. Ele sempre metido em complicações. Em todo emprego que arranjava fazia sujeira. Ainda hoje fui visitá-lo na Casa de Detenção. Aliás, quase todas as pequenas que fazem a vida neste bar são separadas do marido.
> - E você gosta do seu?
> - Ora, meu bem: que pergunta boba. Por que haveria de gostar? Se não fosse por minha filha, que tem dois anos, você acha que eu estaria fazendo a vida, sendo obrigada a dormir com qualquer cara que tenha dinheiro para me pagar? (CONDÉ, 1987, p. 59).

A fala da prostituta revela dados importantes no que tange à entrada da puta no comércio do sexo: primeiro, a necessidade de assumir as despesas do lar na ausência do

marido e, segundo, para garantir a alimentação do filho. Além disso, deixa claro que "para fazer a vida" não se escolhe cliente, basta que este tenha dinheiro suficiente para pagar o serviço sexual.

Embora cliente habitual de bordéis e prostitutas, o narrador não "vê com bons olhos" o exercício da prostituição, sendo, ele também, preconceituoso e discriminador das mulheres cujo serviço buscava.

> Meu Deus, eu a teria amado, realmente?
> Numa das primeiras vezes em que saímos juntos, perguntei-lhe de maneira um tanto estúpida, reconheço:
> - Você gosta dessa vida que leva?
> Luísa sorriu e respondeu com uma pergunta:
> - Você gostaria de dormir com mulheres por quem não tem o menor interesse?
> E séria:
> - Tenho nojo do homem que paga para dormir com mulher.
> Sugeri que fossemos dançar (CONDÉ, 1987, p. 19).

Além da desvalorização do meretrício feita pela própria Luísa no fragmento acima, o narrador, ao utilizar a expressão "dessa vida que leva" revela uma forma negativa de encarar a prostituição como se o ato de prostituir-se não merecesse reconhecimento e respeito. Prostituição, nesse caso, é vista como uma prática banal, vulgar, menor que outras ocupações. E por fazer uso dos serviços prestados pelas meretrizes, este mesmo narrador logo desconversa e encerra o assunto. Nesse excerto, fica claro que a prostituição significa deitar com homens única e exclusivamente para obtenção de dinheiro.

A visão preconceituosa com a qual o narrador observa a prostituição também pode ser percebida quando ele se dirige violentamente a Luísa: "– Você é apenas uma puta, Luísa" (CONDÉ, 1987, p. 62). O termo *apenas* reforça a maneira negativa de avaliar aquela que faz uso do corpo para sobreviver. Há, assim, uma diminuição do ser humano, uma rejeição e desvalorização da sua profissão, reduzindo a mulher a um produto inferior. Assim como o adultério e a pederastia, a prostituição é vista pelo jornalista como uma podridão: "– Já descobri por que razão de vez em quando Luísa me fala a respeito de sua vida. Para esquecer. Ou melhor: libertar-se. É como se, falando, botasse para fora todas as podridões (CONDÉ, 1987, p. 63). Ao considerar o meretrício uma podridão, o narrador julga tal prática como "errada", suja, indecente. Ora,

contraditoriamente às suas palavras, ele faz uso frequente dos serviços oferecidos no mundo da prostituição. Suas palavras não condizem com suas ações. Assim como desqualifica a prostituição e se beneficia dela, também critica o adultério mas tem amante casada, rechaça a homoafetividade e é *habitué* das festas de um famoso pederasta: "Bom sujeito, o Arnaldo. O que estraga ele é a pederastia. Quando fica bêbado, desgraça-se todo; passa cantada no primeiro homem que se aproximar" (CONDÉ, 1987, p. 24).

O narrador se autoquestiona acerca do possível relacionamento amoroso com uma meretriz. O seu envolvimento com Luísa se intensifica ao ponto de ele sentir ciúmes dela e desejar tirá-la do ofício. Todavia, Luísa demonstra ser uma pessoa inquieta e não suporta permanecer num só trabalho por muito tempo. Atriz de teatro, corista e puta, ela se divide nessas ocupações, tornando-se uma prostituta nômade.

O narrador se envolve com Luísa mas também se distrai sexualmente com outras mulheres. Frequenta coquetéis e jantares promovidos pela burguesia e não apresenta Luísa em nenhum deles. O jornalista sente vergonha da condição de Luísa e não deseja que os amigos da alta sociedade carioca descubram seu envolvimento amoroso com uma puta. Tal vergonha revela seu preconceito em relação à condição de Luísa, mulher pobre e prostituída com baixa instrução formal, segundo ela mesma.

Luísa tem uma vida misteriosa. Seus constantes desaparecimentos irritam o jornalista que promete para si mesmo esquecer a prostituta que "roubou" o seu coração. É diante dos desentendimentos constantes provocados pelo ciúme que o narrador expõe a sua visão preconceituosa acerca da prostituição:

> - Você não presta, Luísa – continuei. – Deve voltar o mais depressa possível à vida que sempre levou. Jamais deixará de ser uma... Tenho vontade de lhe bater.
> - Por que não bate? Não será a primeira vez (CONDÉ, 1987, p. 79).

As frequentes brigas entre os personagens resultam do ciúme demasiado por parte dele. No fragmento o narrador explicita a sua raiva e seu ponto de vista sobre a vida da meretriz. Para ele, mulher de zona não tem valor e deve permanecer na vida mundana servindo a seus clientes, como se isto fosse um ato desonroso, sujo. Ao não se contentar com as ofensas verbais, o narrador ainda condena Luísa à eterna prostituição (*Jamais deixará de ser uma...)* como se ela fosse incapaz e não merecedora de sair desse

ofício, do qual ele faz tanto uso. A vontade de bater na meretriz denuncia o seu desejo de punição; a agressão física seria uma maneira de "corrigir" o comportamento de Luísa. Nesse viés, a fala do narrador reproduz o discurso da Ordem, que castiga, oprime, exclui. O discurso do narrador passa a impressão de que a prostituta não merece conviver com as outras pessoas, deve permanecer isolada, pois há uma interdição que separa claramente o lugar à margem que ocupam as meretrizes do espaço "sadio" das famílias de bons costumes. Nesse sentido, a ausência de Luísa em diversas passagens do romance parece significar a sua distância do centro, sua exclusão do corpo social. Além disso, notamos que os turnos de falas de Luísa são sempre curtos talvez para marcar sua inferioridade e subalternização na sociedade.

Ademais, o narrador se comporta como um verdadeiro representante da sociedade patriarcal: por mais que se esforce para amar Luísa e aceitar sua condição de puta, ele está preso às amarras sociais e aos padrões morais vigentes no Rio de Janeiro de então, o que impossibilita a concretização do amor:

> Compreende agora que Luísa é importante para mim, o quanto preciso dela? Que importa que seja puta? Importa apenas que eu tenha encontrado nela – e a gente encontra sem saber mesmo por que – aquilo que eu sempre andei procurando, dolorosamente. Para o diabo as convenções. Quero ter a coragem de ser eu mesmo (CONDÉ, 1987, p. 64).

Por mais que o narrador afirme não se incomodar com as convenções sociais, ele não consegue se desprender delas. Condena Luísa à solidão do quarto de hotel que ocupam, enquanto ele caminha sozinho pelas ruas: "Luísa dormia na semi-obscuridade do modesto quarto do único hotel da cidade. Eu, no entanto, já ansiava pela minha caminhada de cada manhã: ia para a rua ver o nascer do sol, trocar algumas palavras com o padeiro ou o verdureiro [...]" (CONDÉ, 1987, p. 76). Sentimos aqui o peso da discriminação, da vergonha de estar ao lado da prostituta, principalmente quando os eventos acontecem nas casas ou nos apartamentos de seus amigos abastados. A prova disto é que o narrador não revela seu nome, como para se proteger. Prefere manter-se no anonimato para preservar sua imagem e garantir o respeito por parte da sociedade, a fim de não sofrer as sanções pré-estabelecidas para quem transgride o que é socialmente aceito. Nesse viés, surge a impossibilidade da vivência amorosa entre o jornalista e a prostituta, advinda das coerções sociais criadoras de interditos, responsáveis pela

proibição da realização do desejo entre pessoas de classes diferentes. Embora o amor não seja o deste trabalho, entendemos que, para viver ao lado de Luísa, o narrador deveria encarar o amor a partir de perspectiva destituída de preconceitos e livre das amarras sociais, pois, parece que assumir o amor de/para a puta é lutar em prol da integração dela à ordem vigente.

O narrador não sai da sua zona de conforto para enfrentar os preconceitos da sociedade, caso ele assumisse o romance com Luísa. Sua conduta é de um verdadeiro egoísta, pois, como bem frisou, o que importa para ele é encontrar nela o que sempre andou procurando, independentemente do que Luísa possa pensar, ou seja, a opinião e as vontades dela não teriam importância.

O olhar do narrador direcionado a Luísa é sempre de piedade, compaixão da "vida que ela leva": "Chovia. Sob a luz do poste, seu rosto desfigurado, o que me deu uma pena imensa" (CONDÉ, 1987, p. 69). Para ele, não existe a possibilidade de Luísa fazer parte da sociedade, por estar condenada a uma vida de podridão e mentiras: "– Tenho pena de você, Luísa. Pena e nojo. Você não é apenas uma... É, também, a criatura mais desumana que já conheci" (CONDÉ, 1987, p. 99). O próprio olhar de superioridade que o narrador direciona a Luísa contribui para afastá-lo dela. Além de egoísta, o narrador assume uma postura covarde frente ao seu amor por aquela mulher. Não luta para que o sentimento se fortaleça e frutifique. Diante do pedido de ajuda feito, o narrador prefere entregá-la "de bandeja" a um homem possessivo mesmo sabendo das consequências danosas que Luísa iria sofrer. Após a morte dela, o remorso toma conta dele, sentimento resultante da sua passividade e covardia, por isso passa a visitar bares/cabarés e afoga suas angústias na bebida alcoólica para amenizar o sentimento de ingratidão, a fraqueza, a traição à puta que o amou.

Além da visão do narrador sobre a prostituição, duas prostitutas se manifestam acerca do ofício e da maneira de "arrancar" dinheiro dos homens:

> "Odeio esta vida e tenho nojo dos homens; nojo do dinheiro e do amor deles."
> "Esta não. Eu tenho nojo deles; do dinheiro deles, não. Veja só como aquele sujeito baixo e careca não tira os olhos de cima de nós duas. Chego a ter repugnância. Mas, se ele me convidar e tiver gaita para pagar, eu fico logo boazinha, você verá. A vida é assim mesmo, minha filha."

> *"Não suporto mais este cheiro de uísque, cheiro de cigarros, cheiro de mulher da vida. Com os diabos, só beberei mais um. Um apenas. Garçom! Onde felicidade neste mundo, tolerância, compreensão?"* (CONDÉ, 1987, p. 11) (Grifos do autor).

A partir das falas das prostitutas, é possível depreender que a prostituição não é abraçada por todas as putas com satisfação. Os homens chegam a provocar nojo às meretrizes. Enquanto a primeira revela estar saturada do ofício por razões óbvias – nojo dos homens, do dinheiro e do amor deles -, sentindo-se desconfortável naquele bar, a segunda deixa bem claro que seu foco é o dinheiro e que para consegui-lo enfrenta a repugnância que chega a sentir pelo sexo masculino. Neste diálogo, vemos que a prostituição se configura como a troca de favores. Prostituir-se é negociar o sexo por dinheiro, é realizar serviços sexuais com outro em troca do pagamento

O nojo sentido pela primeira prostituta em relação ao sexo masculino é tão expressivo a ponto de ela comparar os homens à condição de diabos, ou seja, de seres malvados, tentadores, uma vez que o Diabo

> simboliza todas as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e para o ambivalente: **centro de noite**, por oposição a Deus, centro de luz. *Um arde no mundo subterrâneo, outro brilha no céu* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 337). (Grifos dos autores).

A comparação parece ajustar-se à situação, pois a prostituta sente-se perturbada com o olhar obsceno, malicioso do cliente. Além disso, a cena acontece à noite e, como podemos verificar na citação acima, se o diabo é o centro da noite, o homem faz o seu papel no cabaré sob a ótica da meretriz. Para ela, o homem é um diabo porque é malvado, domina a mulher por força do dinheiro, escravizando-a, pois, "no plano psicológico, o Diabo mostra a escravidão que espera aquele que fica cegamente submisso ao instinto, mas acentua ao mesmo tempo a importância fundamental da libido, sem a qual não há desabrochar humano" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 338).

A segunda prostituta, por sua vez, parece ser mais conformada com a sua condição. Por dinheiro, ela se torna atriz e realiza as vontades dos clientes e se submete

a realizar os serviços sexuais que lhe competem encenar. A fala dessa meretriz sublinha a dependência da puta em relação ao cliente, pois ela foi forjada para lhe servir. Sem o freguês, não há dinheiro; sem dinheiro, não há sobrevivência. Se para Jean Chevalier e Alain Greerbrant (2009, p. 337), o Diabo é "a síntese das forças desintegradoras da personalidade", o cliente age como ele por desintegrar a personalidade da meretriz, tornando-a uma figura ambivalente. Nesse cenário, "o anjo caído, com suas asas roídas" não é a prostituta, mas, sim, o cliente. Em síntese, para essas mulheres a prostituição escraviza, subalterniza o corpo feminino numa relação que engloba as leis do capitalismo em que o dinheiro, símbolo da sociedade capitalista, é o elemento principal para aqueles que aspiram vender uma mercadoria, nesse caso, o sexo.

É pelas palavras do narrador que o leitor é informado de que Luísa é/era prostituta: "Só amei a você na vida. Mentira. Você sempre mentiu, Luísa. Todas as putas são iguais" (CONDÉ, 1987, p. 16). Vemos que a relação entre o narrador e Luísa foi de conflitos e desconfiança. O narrador revela-se um homem preconceituoso e machista a contar por esse discurso acerca das prostitutas, ou seja, ao afirmar que todas são iguais, desconsidera a dignidade e a seriedade de todas as mulheres que sobrevivem do exercício da prostituição. O fato de Luísa mentir para ele, não lhe dá o direito de rotular as meretrizes de mentirosas. Acreditamos, pois, que essa fala do narrador se justifica pelo amor que ele sentia por Luísa, fadado ao insucesso, devido à interdição contra a relação entre um burguês e uma puta e à covardia masculina, conforme veremos mais adiante.

Luísa também se apresenta como prostituta ao narrador e parece que a visão dela em relação à prostituição não é positiva:

> - Sou aquela pequena a quem o senhor mandou os mil cruzeiros.
> Olhei-a: engraçado, se não tivesse dito quem era, jamais a teria reconhecido.
> - Há mais de uma semana que o procuro por todos os bares onde é permitida a entrada de mulheres assim... quero dizer... o senhor entende. Queria agradecer.
> - Não precisava.
> - Meu nome é Luísa (CONDÉ, 1987, p. 18).

Ao utilizar a expressão “mulheres assim”, Luísa parece ter vergonha de quem é e do que faz para sobreviver. A sua fala desvaloriza o exercício da prostituição, colocando-se como mulher sem valor, diminuindo a força de trabalho empregada no ofício. Diante do belo corpo, o narrador desperta o desejo de saciar a libido: “E, não fosse a circunstância daquele encontro inesperado, tê-la-ia retido por mais tempo. Eu precisava de mulher naquela noite” (CONDÉ, 1987, p. 18). Logo, a beleza de Luísa desperta os desejos libidinosos do narrador que vive à caça desenfreada de mulheres para atender às suas necessidades sexuais e preencher, embora momentaneamente, a solidão na qual vive. O contato entre eles demora a acontecer, havendo, assim, um intervalo de tempo que os distancia:

> Durante cinco meses não voltei a vê-la senão rapidamente e, assim mesmo, duas ou três vezes. Sempre num restaurante do Leme, onde se reuniam todas as noites artistas de teatro e televisão; sempre na companhia de um sujeito forte, bem vestido, de bigodes, que segundo me disse Leão, era o mesmo maestro da companhia de revista do Teatro Radium.
> Luísa parecia mudada, não lembrando, de forma nenhuma, aquela pequena – bonita, porém maltratada – que frequentava bares noturnos de Copacabana.
> - É corista do Radium – informou Leão (CONDÉ, 1987, p. 20).

Além de exercer o papel de corista do Teatro Radium, Luísa também foi atriz da companhia de revistas do Teatro Apolo. Todavia, não permaneceu por muito tempo nessas ocupações e sempre retornava à prostituição. A sua vivência era um verdadeiro inferno, faltava-lhe paz e felicidade a ponto de odiar a vida, ódio que também tem explicação na morte do seu único filho: “[...] foi presa por estar fazendo *trottoir* e, ao ser solta, três dias depois, chegando em casa encontrou o filhinho morto. De fome. É uma história triste e os jornais responsabilizaram a polícia pela morte da criança” (CONDÉ, 1987, p. 20).

Na infância, Luísa já convivia com a promiscuidade da mãe que levava homens para o coito em sua residência. A relação dela com os pais não foi amigável. A ela negaram amor e respeito, conforme vemos no excerto a seguir:

> - Lembra-se que um dia eu lhe disse que odiava meus pais? Era verdade. Meu pai trabalhava no Cassino da Urca distribuindo fichas

> de jogo. Voltava para casa quando o dia estava amanhecendo. Minha mãe não gostava dele, vivia recebendo homens, nem se importava com minha presença. Todas as noites era a mesma coisa: eu ficava ouvindo eles gemendo no quarto ao lado. Metia a cabeça no travesseiro, mas era inútil. Quando não suportava mais, eu me levantava e ia para a calçada (CONDÉ, 1987, p. 49-50).

Luísa convive com o sexo desde a sua infância. A rotatividade de homens que frequentava a sua casa trouxe-lhe a revolta, a repugnância. Sob a sua ótica, pai era um homem fraco e sem moral que tinha como maior ambição enricar, mas tornou-se um foragido pelo desfalque que dera no Cassino. A vida de Luísa tende a piorar, ela conhece a fome, o sofrimento, o choro e a sensação desagradável de ter que abandonar os estudos na Escola Normal. É nesse momento que a heroína compreende as palavras de seu pai quando este afirmava que o dinheiro era tudo na vida das pessoas. Abandonada pelo pai, Luísa encontra-se em estado de extrema miséria. Diante desse quadro, a mãe a obriga a casar-se, conforme diz o narrador:

> - Eu preciso dela; sei, também, que ela precisa de mim. Luísa sofreu muito na vida. Teve uma meninice de cachorro em companhia de uma mãe que não prestava para nada e que, para se livrar da filha, obrigou-a a casar com um imbecil. E o casamento foi a continuação da miséria. (...)
> [...] toda a vida dela tem consistido numa coisa: procurar outra parte que foi perdida na infância. É uma procura inexorável. E sem esperança de encontrar. Por isto, deixou o marido para viver com o primeiro sujeito experiente que lhe apareceu; por isto, igualmente, depois de viver algum tempo com esse homem, tornou-se prostituta. Em lugar algum ela encontra a paz (CONDÉ, 1987, p. 63).

Nesse fragmento ficam claras as causas que levaram Luísa a entrar na prostituição: a miséria e um casamento sem amor. O grande mal que pairou sobre Luísa foi a separação de seus pais e o peso de um casamento forçado. Sem outras habilidades para o mercado de trabalho e os poucos estudos que possuía, a heroína parece reconhecer que há espaços limitados para trabalho quando a mulher tem poucos conhecimentos.

Na prostituição, Luísa se sente inferiorizada, desvalorizada perante a sociedade: "- Sou uma puta – disse baixinho. – Você não deve querer nada comigo" (CONDÉ, 1987, p. 69). A heroína fala baixinho porque sente vergonha de sua condição. A seu ver,

mulher da vida não tem o direito de assumir uma família e ter um marido que a leve para o *status* de mulher casada. Nesse caso, a puta tem uma visão depreciativa dela mesma: "- Apenas uma puta– repetia em soluços" (CONDÉ, 1987, p. 69). O sintagma "apenas", explicitamente marcado na fala da protagonista, revela o desconforto com a sua condição e a redução do ser humano a objeto sem importância. Essa maneira de encarar a prostituta é herança dos preceitos morais e religiosos impostos pela sociedade tradicional, a qual, ao impor suas normas, regras, considera como transgressoras todas as pessoas que não seguirem ou respeitarem o modelo de boa conduta.

Mesmo sem dar valor ao exercício da prostituição, Luísa considera tal prática como uma profissão:

> Três dias depois, explicou, simplesmente:
> - Você sabe: é a minha profissão.
> - Pelo menos, não custaria nada ter me cumprimentado.
> - Estava acompanhada.
> - E daí?
> - Você não conhece os homens, não sabe como são egoístas e grosseiros perto de mulher que está recebendo dinheiro deles (CONDÉ, 1987, p. 43-44).

Se a prostituição é uma profissão logo trará dinheiro (ou outro tipo de compensação) para quem negocia o sexo. Nesse diálogo, a meretriz se caracteriza como uma mulher que presta serviço e não quer se comprometer amorosamente com o cliente. Ou seja: ela está para servir sexualmente a quem por seus serviços procura.

Em *O voo da guará vermelha*, segunda obra que compõe o corpus desta tese, temos um narrador em terceira pessoa que cede espaço para que as personagens assumam suas próprias falas, dando-nos a impressão de que ele se afastou da narrativa, conforme vemos nas lembranças de Irene: "Já faz tanto tempo e aconteceu tão longe, mas quando penso no sagui a agonia é hoje e aqui. A minha alegria quando Simão voltou da caçada, só com duas rolinhas que nem chegava pra dar gosto à farofa d'água" (REZENDE, 2005, p. 13).

O romance é de autoria de Maria Valéria Rezende, nascida em 1942 na cidade de Santos, São Paulo, estado onde morou até os 18 anos. Entrou para a Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho em 1965, dedicando-se à Educação

Popular, primeiramente na periferia de São Paulo. A partir de 1972, muda-se para o Nordeste, vivendo em Pernambuco e depois na capital paraibana, onde reside atualmente desde 1986. Formada em Pedagogia, com mestrado em Sociologia, trabalhou durante 20 anos como educadora em movimentos e organizações populares urbanas e rurais e na formação de educadores. Em 2001, estreou no universo literário com a obra *Vasto Mundo*, publicada pela Editora Beca. Recentemente, publicou o livro *Quarenta Dias* (2014), pela Editora Objetiva, com qual ganhou o prêmio *Jabuti*, na categoria romance, em 2015.

A obra, em estudo, tem início com a apresentação das necessidades afetivas do servente de pedreiro Rosálio, um peregrino que busca pelo mundo da leitura como uma forma de fugir da solidão: "*Das fomes e vontades do corpo há muitos jeitos de se cuidar porque, desde sempre, quase todo o viver é isso, mas agora, crescentemente, é uma fome de alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes*[23]*"* (REZENDE, 2005, p. 11). Nessa passagem, o narrador expõe como escolheu as fomes do corpo, a solidão e a carência de seus personagens acometidos pela miséria, que atravessam toda a narrativa.

Publicada em 2005, a obra está organizada em dezessete capítulos, nomeados por uma estrutura binária referente a cores, na ordem a seguir: *cinzento e encarnado, verde e negro, roxo e branco, ocre e rosa, amarelo e bonina, verde e ouro, vermelho e prata, ouro e azul, encarnado e amarelo, verde e ocre, alaranjado e amarelo, verde e ocre, alaranjado e verde, azul e amarelo, ocre e ouro, azul e encarnado, cinzento e todas as cores, vermelho e branco* e *azul sem fim.* A seleção dessas cores não foi realizada de forma aleatória, havendo uma significação mais profunda para elas. As cores refletem o "estado de alma" ou "psicológico" da personagem Irene ou de outros com quem ela se relaciona (Rosálio, a velha, o filho), indicando ora esperança (verde), ora paixão (vermelho) ora tristeza (cinza).

No título do romance se destaca a *guará*, palavra cujo étimo origina-se do termo tupi*awa';rá*, que significa "penas para enfeitar". Guará (*Eudocimusruber*) é uma ave ciconiforme (de médio a grande porte com distribuição mundial, caracterizado pelo bico

[23] Grifo da autora.

fino, pescoço comprido e patas longas e sem penas) da família *Threskiornithidae*, encontrada no litoral do Brasil, na Colômbia, na Venezuela, nas Guianas e em Trindade Tobago, onde é a ave nacional. Também chamada íbis-escarlate, guará-vermelho, guará-rubro e guará-pitanga. Este pássaro, metáfora da personagem Irene, tem uma leitura simbólica que o conota com presságio, segundo os gregos ou ainda libertação da alma, para os brâmanes dialogando com as palavras de Rosálio sobre Irene após a morte da mulher: "(...) que eu sei que por onde eu for, a minha guará vermelha, minha mulher encantada, vai sempre me acompanhar, voando entre o azul e mim (...)" (REZENDE, 2005, p. 181).

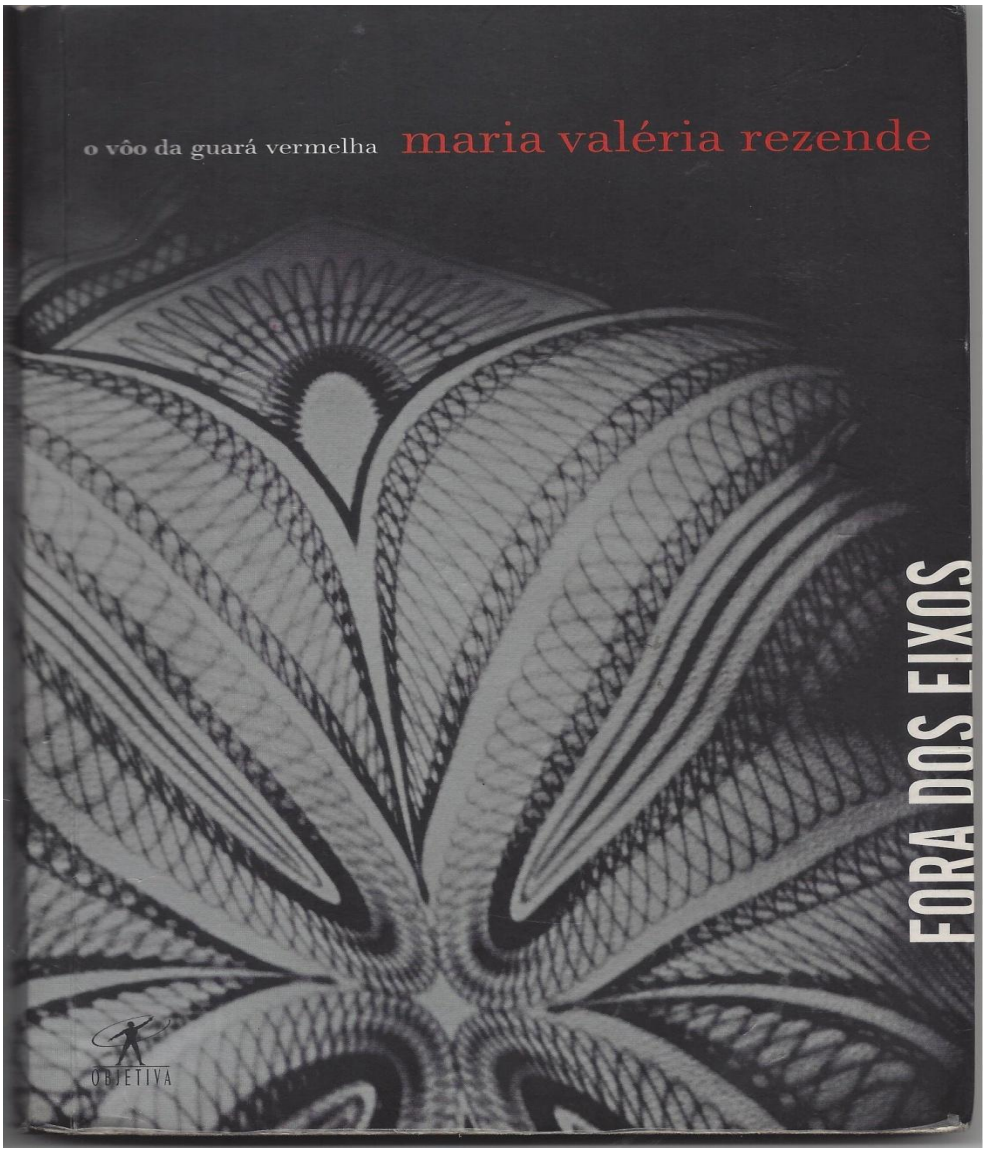


Figura 6: Capa do romance *O voo da guará vermelha*, de Maria V. Rezende.

Nesse romance, Rezende consegue explorar diferentes pontos de vista em relação ao mundo e à vida. O amor entre Irene e Rosálio não se limita aos aspectos físicos de uma relação amorosa. Ao contrário, evidencia os aspectos mais nobres do ser humano, como, a generosidade, a solidariedade e a renúncia de si em favor do outro. Rosálio confere um novo contorno/brilho à vida de Irene, amenizando a angústia da meretriz por meio das narrativas que a deleitam.

O narrador lança mão da variedade de discursos (direto, discurso indireto e indireto livre), exaustivamente retrabalhada fazendo uso de uma situação linguístico-narrativa em que o ato de narrar harmoniza-se num mesmo plano sintático. No texto, sucedem-se a norma culta e o coloquial numa dicção própria da contemporaneidade.

Embora as falas das personagens não sejam, muitas vezes, sinalizadoras do discurso direto, a contação de causos marca uma dimensão griótica. Apresentando-se de forma simples e ao mesmo tempo sofisticada, a narrativa convida o leitor a buscar a essência das personagens capturando memórias do passado individual. A obra *O voo da guará vermelha* mistura elementos da cultura popular, especialmente da literatura de cordel e de oralidades com textos clássicos, a exemplo de *D. Quixote* e *As mil e uma noites*. Nele, revela-se um narrador heterodiegético que se manifesta na terceira pessoa, relatando "uma história a qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão" (REIS; LOPES, 2000, p. 263).

O narrador enfatiza a atitude de Irene ao exigir o uso da camisinha para não transmitir o vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) a seus clientes, pois ela considerava um "crime", embora não tivesse noção exata da perniciosidade da doença. No romance em análise, o narrador descreve o estado de espírito de suas personagens revelando um certo tom de com compaixão. As falas das personagens são entrelaçadas, revelando a presença de múltiplas vozes (Irene, Rosálio, Anginha e narrador). O narrador manipula o tempo do discurso, permitindo que as vozes das personagens se cruzem com a sua, formando, assim, uma teia discursiva bem articulada e organizada, sem prejuízo dos sentidos necessários da mensagem que o romance representa. Nesse caso, como diz Oscar Tacca (1983, p. 18), o narrador assume sua missão mais precisa: contar.

A narrativa retrata o drama vivido por Irene e Rosálio na cidade grande[24]. Ela, uma prostituta portadora do vírus da AIDS; ele, órfão de pai e mãe, que por muito tempo viveu sem nome e identidade, deslocando-se de uma cidade a outra, por não ter trabalho e moradia fixos, até que se torna ajudante de pedreiro, analfabeto, sonhador que deseja aprender a ler. As personagens são apresentadas desde as primeiras páginas, num estado de solidão e fome de carinho e amor, e o encontro entre eles acontece de maneira casual, nada premeditado, já que ocorre após a saída de Rosálio do ambiente de trabalho, caminhando sem norte, à deriva, trilhando um caminho então desconhecido, marcando o trajeto de regresso com pedrinhas (britas). Seguindo a esmo, Rosálio encontra Irene debruçada à janela. Ela, necessitando de dinheiro, o convida a entrar no bordel:

> Rosálio vê primeiro a mancha vermelha em movimento, surpreendendo-o na dobra da esquina, luz, lufada de ar que alivia a garganta engasgada pelo cinzento, só depois vê a mulher dentro do vestido encarnado, a metade acenando repetidamente 'vem, vem', ele vai, 'vem', a mão da mulher na dele, o corredor, o quarto, um cheiro de humanidade, antigo, múltiplo, concentrado, cores desmaiadas, manchadas, mas cores, todas as cores (REZENDE, 2005, p. 15).

O sexo entre Rosálio e Irene se realiza entre o cinzento e o encarnado, e decorre da necessidade do dinheiro. Irene submete-se, apesar do cansaço e da inapetência:

> Irene larga a mão do homem, fecha a porta emperrada que solta um longo gemido, parece sair do peito dela, olha a cama, que bom seria simplesmente deitar-se, dormir, dormir, talvez sonhar, para sempre, mas amanhã é segunda-feira [...] (REZENDE, 2005, p. 16).

Não obstante o cansaço, Irene precisava exercer o seu ofício, pois "amanhã é segunda-feira, o menino, a velha... a boca de Irene, profissional mantém o arremedo de sorriso" (REZENDE, 2005, p. 16) e o dinheiro faz-se necessário para a alimentação dela e de seus dependentes. A ênfase está na sobrevivência, que dessexualiza a prática sexual e a apresenta como uma luta pela vida, um "sacrifício" para sobreviver. A prostituta torna-se, assim, uma escrava de si e do outro – o cliente -, haja vista que sua consciência é "roubada". Está ali para servir sexualmente o homem, independente da

[24]Supomos que a história ocorre em São Paulo, já que o nome da cidade não é explicitada na narrativa.

sua vontade. Nesse caso, à prostituta resta não apenas a disponibilização do corpo. Nessa entrega seguem a consciência, a noção de dignidade, enfim, de integridade física e moral. Na prática da prostituição não é somente o corpo que é comercializado. A impossibilidade de "blindar" a alma, dissociando-a da vida corporal, arrasta a prostituta, muitas vezes, a um conflito que a leva à auto-depreciação, como Luísa do romance de Condé reiteradamente enfatiza e como Irene, personagem de Rezende lembra, acrescentando o estigma da imunodeficiência adquirida. Reiterando o arrazoado, Dom Pires (1983, p. 15) declarou: "há também o aluguel dos braços, da força de trabalho a que é forçado o operário. E há até o aluguel da própria dignidade quando alguém é forçado pelas circunstâncias a agir contra a própria consciência". É isto o que ocorre com Irene: a prostituta ultrapassa os limites do corpo doente e age contra a sua vontade.

Tal como lemos em Condé, o "negócio" do corpo configura-se como um contrato de prestação de serviço. A prostituta de Rezende evita dialogar com o cliente, observando um implícito que interdita uma comunhão afetiva:

> [...] ela nada diz de sua boca, impõe com as mãos febris, com as pernas magras, com o corpo esquálido de bicho fêmea que ele lhe entregue seu corpo duro de bicho macho, assim, sem palavras, e ele faz o que ela quer, vencido pela que contorce a cara dela (REZENDE, 2005, p. 16).

A dor marcada nesse excerto não se refere ao prazer, à satisfação do gozo, e sim à dor física, de um corpo esquelético, cansado, devido à doença – a AIDS – que anula as energias daquela mulher, a qual, ansiosa, deseja que o sexo acabe rapidamente para "receber o dinheiro, pô-lo para fora do quarto, lavar-se e dormir, dormir, dormir" (REZENDE, 2005, p. 16). Mas ao cobrar pelo serviço, Irene tem uma surpresa: o seu cliente não tinha o dinheiro para pagar:

> [...] "são quinze, moço", Rosálio não compreende, olha-a que alisa a saia, que fica no chão, que lhe estende a mão aberta, pedinte, tão pobre aquela mão! ele ajeita a calça, a camisa e colhe na sua aquela mão oferecida, sentindo pena. "O que é que há, não vai pagar, não", então clareia-se o entendimento e Rosálio sabe o que é esta mulher e o que deve, há que pagar-lhe, por isso ela fez, pelo dinheiro que ele não tem, os bolsos ainda pesados de pedras (REZENDE, 2005, p. 17).

Rosálio demora a entender que a moça espera o pagamento pela relação sexual, mas sente-se em dívida com ela quando é cobrado e revela não ter dinheiro algum. Irene, revoltada, espera o pagamento em dinheiro, pois a entrega de seu corpo a um homem até então desconhecido deu-se, como dissemos, pelo dinheiro: ela não quer crer no que ouve, "dinheiro eu não tenho nenhum, amanhã é segunda-feira, não há nada para levar, nada, nada, sente a revolta subindo-lhe do peito, estalando a garganta, ladrão [...]" (REZENDE, 2005, p. 17). Como vemos, ao mesmo tempo em que o homem inventou o dinheiro, ele criou a prostituta, levando a mulher ao *status* de mercadoria negociável, "resultante da ausência do amor e da presença do dinheiro" (PEREIRA, 1976, p. 1). Desse modo, criou-se a relação homem-dinheiro-prostituta.

Necessitada do dinheiro, a protagonista não desiste:

> Ela vê o volume nos bolsos dele, mete as mãos e as traz cheias de brita que atira pela janela, o dinheiro, cadê o dinheiro?, "não tem, não tenho nada, nada, desculpe", Irene vê a caixa jogada no chão, tenta arrancar o cadeado, é ali, com certeza, que há dinheiro, me dê a merda dessa chave! [...] (REZENDE, 2005, p.17).

Para a surpresa de Irene, não havia dinheiro na caixa, apenas livros e outros objetos sem valor, a seu ver. A raiva e o desespero tomam conta dela que logo se descontrola, gritando pelo dinheiro. Rosálio, por sua vez, tenta justificar que não deu um golpe nessa mulher: "'desculpe, dona, eu não sabia, você quis, eu mesmo nem queria, fiz por bem'" (REZENDE, 1997, p. 17). Para o servente de pedreiro, o sexo foi visto como um "favor" à mulher, uma forma de atender um pedido e saciar a libido dela. A raiva de Irene vai sumindo aos poucos, quando Rosálio, por piedade, a abraça e conta-lhe como encontrou uma guará enredada num espinheiro, debatendo-se. Compara-a com o pássaro e tenta consolá-la. Na realidade tentou satisfazer o suposto desejo dela, pois até então, Rosálio não tinha conhecimento do ofício de Irene. Esta quer dinheiro a qualquer custo porque o dinheiro era a única justificativa para sua entrega. A protagonista chega ao seu mais baixo nível de degradação, reduzida à condição de objeto pronto para ser usado por quem paga. Pertinentes são as palavras de Eula Pereira Ferro quando diz:

> o ser humano como propriedade de outro é reduzido ao nada de sua existência, é niilizado, mais coisificado talvez que o objeto que não

> tenha preço. A coisificação age nas sociedades produtoras para o mercado, tendo-se aí o fetichismo da mercadoria [...] (FERRO, (1997, p. 134).

Em casos como o de Irene, a mulher torna-se mercadoria, objeto posto à venda. O homem procura e consome o objeto *mulher* e a esta paga pela "entrega da carne". Isto ratifica o que José de Alencar (1987, p. 45) afirmou em relação à personagem Lucíola: "a degradação e a miséria é a de quem recebe o preço"[25]. Irene abandona a si mesma quando anuncia o seu preço (*"são quinze, moço"*), deixando Rosálio e todos os clientes serem donos de seu corpo, possuidores dela, uma vez que "na vida devassa, a pessoa não é capaz de exercer o domínio necessário sobre si mesma, sendo arrebatada pelos prazeres da carne, mesmo que vergonhosos" (FERRO, 1997, p. 133).

Não tendo o dinheiro tão desejado pela prostituta, Rosálio paga o esforço sexual realizado por ela com palavras, contando-lhe histórias de sua vida. Assim, Irene encontra nas histórias de Rosálio o conforto que lhe faltava. Diante dessa situação, evocamos Alfredo Bosi (2000, p. 179) ao afirmar que "a poesia que busca dizer a idade de ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor". Nesse caso, as narrativas expostas pelo ajudante de pedreiro funcionam como o alimento das "carências primárias" da vida desses protagonistas, ou seja, Rosálio, o contador de histórias, procura encontrar nesse "espaço do imaginário uma saída possível" (BOSI, 2000, p. 176). Nesse sentido, a literatura permite vivenciar uma experiência até então desconhecida,como por exemplo, "sentir" a dor de uma prostituta sem se prostituir.

O primeiro capítulo termina com o adormecimento de Irene e o retorno de Rosálio ao ambiente de trabalho. O sofrimento, a tristeza e o vazio sentidos pelos protagonistas fazem jus às cores que nomeiam tal capítulo: *cinza* e *encarnado*. Rosálio sai de mansinho, com "o coração, agora mais vermelho, lhe diz que amanhã mesmo volta" (REZENDE, 2005, p. 19). São vidas cinzentas que se cruzam para, no futuro, embora breve, viverem num emaranhado de cores que refletem a instabilidade das emoções dos protagonistas. A narrativa ganha dinamicidade e vida com os

[25]Consideramos que nesta afirmação há um discurso moralista, que evidencia a visão preconceituosa da sociedade patriarcal em relação à prostituição, negando à mulher o direito de comercializar o corpo como uma forma de sobrevivência.

deslocamentos dos personagens, embora o mundo interior delas seja o espaço mais explorado, pois a dor e o sofrimento atravessam toda a história.

Em *O voo da guará vermelha*, percebemos que as cores estão relacionadas ao estado afetivo e à situação econômica de Rosálio e Irene. Nesse contexto, elucidativas são as palavras de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009, p. 248) quando afirmam que, entre os hebreus, o cinza era usado para simbolizar/exprimir dor intensa. Já entre nós, "o gris-cinza é uma cor de luto aliviado". Entendemos que o sentido do cinza para os hebreus se aplica melhor às condições afetivas dos protagonistas, pois "é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos, e de gentes, fome que é assim uma sozinhez inteira, um escuro no oco do peito" (REZENDE, 2005, p. 11), assim como "Irene ri, amargo e torto, com uma banda só da boca para não deixar ver a falha dos dentes da outra banda" (REZENDE, 2005, p. 13).

A difícil condição econômica de Irene é exposta logo no início da narrativa. A autora denuncia o abandono do Estado e a falta de políticas públicas que possam amparar as mulheres prostituídas e a sua família:

> Engraçada aquela assistente social, "deixe essa vida", está certo, eu deixo essa vida, não me importo de tudo se acabar agorinha, que esta minha vida só tem uma porta, que dá para o cemitério, mas a senhora vai tomar conta do menino e da velha? (REZENDE, 2005, p. 13).

Irene sente-se sozinha e impotente diante da miséria extrema de sua vida. Como disse o sociólogo Herbet Marcuse em *A ideologia da sociedade industrial* (1982), a miséria é o preço da satisfação de algumas pessoas. O fracasso de Irene é motivo de satisfação para seus clientes. Com a intenção de criar seu filho longe do bordel, ela tem o ato prostituinte como dever a ser realizado cotidianamente, pois, do contrário, não há dinheiro para atender às suas necessidades:

> Pára de pensar, mulher, pensa nada, pensa vazio como esta rua, pensa nos cotovelos doendo de estar assim apoiados na beira da janela, estou tão magra!, é da doença... Afasta-se da janela, atravessa o quarto, as tábuas bambas do assoalho, o saguão vazio, ninguém, não há clientes, comeram e beberam demais, estão dormindo em seus esconderijos em algum lugar desta imensa cidade abandonada, domingo à tarde tudo dorme, as outras mulheres todas dormem, *só Irene não pode, espera a*

> *sorte de aparecer algum freguês, quem sabe, alguma coisa, amanhã segunda-feira, o menino e a velha, arrasta os pés pelo chão de mármores encardido até a porta carcomida do casarão antes senhorial, depois cortiço, puteiro hoje* [...] (REZENDE, 2005, p. 14-15) (Grifo nosso).

Nesse excerto, o narrador evidencia a necessidade que a protagonista tem de realizar o seu ofício, pois, como vimos, é dessa atividade que Irene tira o sustento do filho e da senhora que cuida dele. A prostituição se configura como um fado que se tem de cumprir. Suplício de Sísifo, tendo sempre de rolar a pedra para vê-lo descer e recomeçar. Irene tem que suportar a dor, o cansaço e batalhar para afastar a sombra da fome. Nessa situação, não se sabe o que seria pior para a personagem, vender-se à força de trabalho ou não ter alguém que a compre. Logo, ela está entre a desgraça e a infelicidade. De acordo com Eula Pereira Ferro (1997, p. 74), é nessas situações que, talvez, se processe a prostituição: a desgraça está no fato de vender a própria carne e sempre existir o comprador.

Notamos que a miséria é companheira fiel, deixando-a fragilizada a ponto de fazê-la desistir da vida, pois na prostituição ocorre "uma desistência de futuro, do futuro de si mesma" (FERRO, 1997, p. 99), conforme podemos observar no fragmento:

> [Irene] deveria estar contente mas *sente a alma vazia, tem vontade de partir para o outro mundo, ai!, se eu pudesse* ... mas o menino e a velha, quem vai cuidar? Irene não pode ir embora, não é livre para morrer, vai debruçar-se à janela, quer ter ainda esperança, mas não há, ela desiste e larga o corpo cansado sobre a colcha cor-de-rosa [...] (REZENDE, 2005, p. 41) (Grifo nosso).

A narrativa mostra a triste situação de Irene, sentindo-se inútil, sem forças para lutar a favor de vida. Ela é a representação de muitas mães que precisam vender o corpo para se alimentarem e alimentarem também outras bocas, no caso, seu filho, que, na verdade, representa muitas crianças brasileiras. Irene simboliza a mulher marginalizada, a mulher do povo, abandonada pelas políticas vigentes. Isto acontece porque:

> Na prostituição, a mulher se torna destituída de si mesma, procura ancorar-se em um porto suspeito, turbulento, enganador e oscilante. O ancoradouro da mulher de costumes 'fáceis' torna-se um submundo imundo, um cenário de aventuras da existência e de feridas

> dissimuladas. Prostituir-se é como sequestrar-se a si mesma. (FERRO, 1997, p. 18-19).

Sob essa ótica, as meretrizes são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa. Em relação ao modo de viver da prostituta, Georg Simmel (2006, p. 2) reflete acerca da indignação moral que a "boa sociedade" expressa no que tange à prostituição e ressalta que "nada mais falso do que chamar de garotas de vida alegre essas infelizes criaturas" que vivem não para a sua própria alegria, mas sim, para a felicidade de outrem.

Ser feliz para Irene custa caro; ela tem fome de respeito, de carinho, de dignidade e, sobretudo, de amor. Não há como ser feliz quando faltam ao ser humano elementos como estes, essenciais à vida, e que foram negados graças às injustiças e mordaças do poder público. Em seu texto *O direito à literatura*, Antonio Candido (2004) discute a exclusão das grandes massas condenadas à miséria em determinados países, como o Brasil, onde percebemos que quanto mais a riqueza cresce pior fica a distribuição dos bens. O autor afirma que os mesmos meios que permitem o progresso, podem provocar a degradação da minoria. Isto é perceptível na narrativa de Maria Valéria Rezende, pois seus personagens fazem parte desse grupo esquecido, subalternizado.

No romance em análise, todas as personagens sofrem privações. Bens incompressíveis, como moradia, alimentação, assistência médica, são negados sem justificativas. O que é direito de todos passa a ser de uma minoria. Há, assim, uma denúncia da desigualdade social e da injustiça cometida contra os menos favorecidos. A obra de Rezende, inserida do campo da literatura, "confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 175).

A meretriz protagonista retratada em *O voo da guará vermelha* - Irene - não tem acesso à moradia, à saúde, à alimentação, à educação, à liberdade individual, o direito de exercer o papel de mãe, enfim, a todos os bens que asseguram a sobrevivência física e a integridade espiritual do ser humano. Assim como tantas meretrizes brasileiras, Irene é vitima de uma sociedade opressora que "desumaniza" a prostituta, privando-a de suas

necessidades básicas, dos seus direitos previstos pela Constituição do Brasil, direitos visivelmente negligenciados a milhares de cidadãos que, consequentemente, são lançados à condição de miserável, pois "a prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente" (ALDER, 1991, p. 11).

Voltando ao romance em estudo, a causa que levou Irene à miséria e à prostituição é revelada pela própria protagonista, no quarto capítulo (*Ocre e rosa*):

> Mas então, veio uma peste danada e levou meu avô que eu pensava que não se acabava nunca porque era duro como as coisas que duram pra sempre, pra mim meu avô era feito pedra, de terra e de vento, mas a vida não é como a gente imagina, chegou o dia dele e meu avô cumpriu-se de volta pro chão, ajudei a carregar o caixão, desapareceu dentro da terra e ficamos só nós, eu, menina, e a quartinha, rota. Simão, meu irmão, já tinha ganhado o mundo e nunca mais deu notícia, Romualdo, que eu era doida por ele, tinha ido servir no exército prometendo voltar pra me buscar, mas ninguém sabia onde ele estava, *nenhum conhecido me quis em sua casa, dizendo que moça novinha e bonita é encrenca, o dono da pedreira mandou outro morador ocupar a casa e pra mim só restou o caminho da rua,* que eu não tinha as mãos de ferro, não tinha os braços de um homem pra viver de quebrar pedras (REZENDE, 2005, p. 42-43). (Grifo nosso).

O avô de Irene aparece como uma "rocha" ou ainda uma fortaleza que a protege e defende das adversidades impostas pela vida. As cores associadas ao avô são tonalidades de matérias resistentes ("sola", "terra", "pau", "ferro", "lajedo") que lembram a força, a segurança, a durabilidade. Com a morte do avô, Irene vê-se desamparada pela família e por todos aqueles que o cercavam, nenhum conhecido lhe ofereceu moradia e alimentação. O destino da protagonista estava traçado, pois a ela "só restou o caminho da rua" (REZENDE, 2005, p. 43). Em situação de abandono, a comercialização do próprio corpo surge como alternativa de sobrevivência.

No romance, não há detalhes da infância de Irene, diferentemente da história de Rosálio, que fala dos pais, embora de forma vaga, a paternidade desconhecida (suspeitam que o pai poderia ser um padre ou um pesquisador de plantas que atuaram na área onde Rosálio morava) e a mãe, bela jovem que cometeu suicídio logo após o nascimento deste, que não chegou a conhecer. Talvez a ausência das figuras paterna e materna tenha desestruturado a vida da protagonista Irene que não conheceu os

genitores, criada pelo avô e obrigada, após a morte do velho, a comercializar o próprio corpo para sobreviver.

Sem domínio avançado de leitura e de outras habilidades para o trabalho, Irene tem ínfimas possibilidades de encontrar um emprego, fatalismo que a empurra à prostituição. A limitação nas práticas de leitura e escrita reduz as oportunidades, restando apenas o serviço braçal, o qual implica muita força e pouco dinheiro. O curto tempo que Irene passou na escola não foi satisfatório para ela disputar funções diversificadas no mercado de trabalho, mas foi suficiente para escrever e ler histórias para seu amado Rosálio.

Além disso, parece que o ambiente em que Rosálio e Irene viveram na infância não lhes oferecia chances de crescimento intelectual. Pelo contrário, levou as personagens a conhecer o lado deprimente e humilhante de quem não tem a moradia própria e precisa viver como nômades. Dessa forma, a mulher torna-se uma presa mais fácil e a degradação de sua imagem passa a ser um fato inevitável.

No capítulo *Roxo e branco*, o narrador apresenta a cena em que Irene havia escrito a história do lugar de nascimento de Rosálio. É justamente a contação frequente de histórias que prende as personagens umas às outras e dá continuidade à narrativa. Neste capítulo, o espelho rachado no quadro de Irene simboliza a decadência não só da mulher prostituída, mas também o ambiente onde ela vive e exerce o ofício:

> Abre uma porta do armário, hoje quer estar bonita, escolhe o vestido roxo que há tanto tempo não veste, vê-se no espelho rachado, parece que agora é antes de que tudo começasse, quando ainda não se via moldura roxa nos olhos e o resto da cara branca como folha de papel, quando Irene era bonita (REZENDE, 2005, p. 35).

A prostituição degrada e rebaixa a mulher em expressiva maioria dos discursos ainda vigentes. Os próprios autores que tematizam a prostituição, não raro, apresentam-na como uma atividade degradante, transgressora, na contramão dos preceitos éticos e cristãos da dita sociedade bem pensante, criando, para essas personagens desfechos cruéis como a morte e em casos mais felizes, a solidão. Nesse excerto, percebemos como Irene chegou a sua fragmentação: do corpo jovem e beleza exuberante à pele pálida, sem vida, anunciando a morte. Esta atormenta a protagonista em várias

passagens do romance: “[...] sente a alma vazia, tem vontade de partir para o outro mundo, ai!, se eu pudesse... mas o menino e a velha, quem vai cuidar?” (REZENDE, 2005, p. 41). Notamos que a vida é para Irene uma prisão. Já a morte é entendida por Irene como uma possível libertação. Entretanto, para ela, essa libertação é interdita, já que não está livre para morrer devido ao filho que tem para cuidar.

Em *O voo da guará vermelha*, o narrador traz à cena personagens degradadas, algumas não possuem nomes como a criança e a velha. Irene vem do grego *Eiréne* que significa “paz” ou, por extensão de sentido, “a que traz a paz”, “a pacificadora”; “era o nome de uma das Horas” (NASCENTES, 1952, p. 150). Além disso, Irene também foi o nome de uma Santa nascida no século IV, irmã de Ágape e Quiônia. Pertencentes a uma família pagã da Tessalônica, na Grécia, as três irmãs, santas e virgens, foram perseguidas e queimadas vivas a mando de Dulcério, governador da Macedônia, em 304 d.C., por se converterem e pregarem o cristianismo. Ironicamente vemos que, na narrativa de Rezende, Irene não tem paz, sofre devido às situações precárias em que ela e o filho vivem. Sem liberdade, tem suas vontades contrariadas e enfrenta as adversidades da vida. Assim como a Santa Irene da Igreja Católica, a protagonista do romance encara o sofrimento e a perseguição. No lugar do imperador romano, a Irene de Rezende tem um algoz mais tirano: a miséria e a AIDS. Mesmo tendo uma vida perturbada, miserável, a protagonista de *O voo da guará vermelha* transmite paz ao seu amado, Rosálio, cujo nome lembra Rosália (variante latina de rosa) e à prostituta Anginha ironicamente conotada com *anjo*. Vemos uma oposição de sentidos, pois as expressões *prostituta* e *anjo* pertencem a campos semânticos divergentes: a primeira entende-se como “imunda”, “doente”, a segunda, como “puro”, “ser espiritual”.

As personagens desse romance são privadas dos direitos constitucionais e da dignidade mínima necessária para a condição de cidadão. Por denunciar as condições precárias de suas personagens, jogadas ao esquecimento, a obra de Rezende torna-se atualizada, principalmente pelo descaso e pela crueldade como essas personagens de vidas acinzentadas localizadas à margem. Maria Valéria Rezende mostra-se como uma escritora que mantém um compromisso com os marginalizados, colocando a sua *poiesis* a serviço da vida, por isso se enquadra em um contexto literário praticando uma arte

voltada à cidadania. Por meio da arte, a escritora retrata a vida de suas personagens que se identificam com a situação de milhares de pessoas na realidade.

A contação de histórias serve como um remédio para amenizar as dores e o sofrimento das personagens. Vemos aqui a função humanizadora da literatura defendida por Antonio Candido. Por *humanização* o crítico entende:

> [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres vivos, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 180).

A cada encontro uma nova história. Envolvidos na leitura de livros e nas apresentações de histórias diversas, sejam elas relatos da própria vida dos protagonistas ou de outras personagens, Irene e Rosálio compartilham o mundo encantador das palavras, dividindo emoções e afetos. Rezende (2005) privilegia a leitura como um espaço de saberes. A saída da exclusão das personagens oprimidas ocorre por meio da leitura, ou seja, numa sociedade desigual, é o conhecimento que possibilita a saída da degradação humana:

> Conta homem, conta mais, é cedo para ir-se embora, nem o dia clareou, enquanto durar a noite conta, conta para eu sonhar. Irene pede, logo ela, que por não querer pedir, nunca, favor a ninguém, nas emboladas da vida chegou aqui, nada tem, a bem dizer nem tem mais vida. Conta de onde você veio, conta, conta... (REZENDE, 2005, p. 19).

A carência mútua aflora e Irene pede ao servente de pedreiro que lhe conte histórias. Este ato aproxima ainda mais as personagens, confortando-as, principalmente pelo fato de a solidão, nesse instante, dar uma trégua ao casal. A sequência de narrativas expostas, ora por Irene, ora por Rosálio, une ainda mais os protagonistas a ponto de sensibilizá-los:

> A voz da mulher se embarga, Rosálio sente uma onda que está quase a rebentar e transbordar dos olhos dela mas já sabe o que fazer quando há que consolar essa mulher desvalida e recomeça a contar (REZENDE, 2005, p. 43).

Nesse excerto, vemos que as histórias de vida das personagens as deixam emocionadas, principalmente no momento em que o coração encontra-se abandonado, como o da meretriz que logo recebe o consolo por parte de Rosálio. O narrador descreve a postura das personagens diante da leitura: o letrado lê o que está escrito (nesse caso, Irene) e quem não sabe ler, conta (Rosálio):

> Irene fecha o caderno onde acabou de escrever a história da serra distante, das Pedras do Pescador, da mulher bela e abandona voando de lá de cima, foi como se desenhasse, bastava fechar os olhos que podia ver bem claro, na folha branca da mente, tudo aquilo acontecendo, *a dor dos outros fazendo sua própria dor ir-se embora, por um tempo, algumas horas* (REZENDE, 2005, p. 35). (Grifo nosso).

Como dissemos, o ato de um narrar histórias mobiliza a atenção do ouvinte nem que seja por alguns instantes ou por algumas horas. A dor escondida no outro passa a ser sentida pelas personagens centrais. Solitários e desprovidos de família, elas tendem a sentir a ausência do outro, e assim passam a contar as horas para se encontrarem e dividirem o mesmo calor humano, que fortalece e reanima a vida cor de cinza.

A leitura permite que Irene "saia" da sua condição de marginalizada e adentre no mundo letrado, civilizado. Assim, a leitura passa a ser vista como a "chave" para a inserção social. Ironicamente, o narrador apresenta uma prostituta que lê para um homem que, nessa situação, encontra-se dependente da mulher. O ato de ler se realiza como "fuga" do mundo opressor, que exclui e silencia a classe desfavorecida. Nesse caso, não temos uma meretriz que vive às cegas, sem instruções. Pelo contrário, Irene exerce seu oficio com muita consciência dos malefícios que o sexo inconsequente pode causar aos clientes, e isto fica evidente quando a personagem reconhece a importância do uso de preservativos:

> Irene já quase nem consegue levar dinheiro toda semana, muitos homens não querem nada com camisinha, vão procurar outra, e ela não pode fazer como Anginha, querendo passar a doença para todo o mundo, com ódio, Irene não, não pode fazer mal a nenhum vivente (REZENDE, 2005, p. 13).

É notória a preocupação do narrador com a AIDS, visto que é uma doença que se manifesta de forma devastadora no ser humano, deixando-o incapacitado, debilitado. No romance, a personagem Irene tem consciência de que seu futuro é curto, resta-lhe poucos dias de vida. O diagnóstico da doença é recebido por ela como uma sentença indelével: "Irene sabe, a doença... futuro de algumas horas, talvez não mais que uma noite (...)" (REZENDE, 2005, p. 77). Irene é advertida pelo médico que a procura pelo tratamento para essa "doença traiçoeira" foi realizada tarde demais e "que milagre ele não faz". Com o passar dos tempos, a doença maltrata o corpo e impossibilita a personagem de manter uma vida saudável e ativa, como vemos no fragmento a seguir:

> Rosálio enlaça a mulher pela cintura e a ampara, que agora já cai a noite e lhe custa caminhar, a pouca força do corpo doente já se esvaiu no exagero de alegria que hoje teve, a sua guará vermelha de novo pede cuidados (REZENDE, 2005, p. 53).

O narrador proclama os efeitos provocados pela doença, os quais definham o corpo e a alma pelo quadro irreversível; não há solução para Irene, o que se pode fazer nesse momento é enfrentar a fraqueza e o sofrimento que domina as forças da protagonista e a deixa num verdadeiro desânimo. O sofrimento da AIDS se mostra evidente não apenas no interior da personagem, mas também em suas aparências e atitudes:

> Irene sente-se fraca, sente a vista escurecer, ainda que leve guardada bem junto do peito magro, por baixo do sutiã, a luz da fotografia que lhe aquece o coração, já se vê da esquina a casa onde há de repousar, pára, porém, e suspira, já não pode dar um passo, tonteia, teme cair mas sente os braços do homem que a erguem como uma pluma, que a embalam numa corrida até pousá-la na cama [...] (REZENDE, 2005, p. 53).

Como doença do século XXI, a AIDS não hesita no processo de definhamento do corpo; a degradação deste é cruel e impiedosa. A presença da palavra *pluma,* no excerto acima, remete à visão do corpo fraco, magro, de pouca carne, ao mesmo tempo que lembra o sofrimento da guará que bateu as asas e saiu definitivamente da vida de Rosálio. Para os conservadores, a morte é a sentença imposta pela transgressão do sexo negociado e "a casa onde há de repousar" faz-se presente na vida de Irene como um chamado.

O narrador descreve o corpo de Irene antes de exercer o oficio da prostituição. Apresenta-a como uma mulher saudável, cheia de vitalidade, desejada pelos homens:

> Irene abre, feliz, as duas portas do armário, escolhe as roupas guardadas que há muitos anos não usa, que são do tempo que tinha carnes fartas, coxas grossas, o peito que transbordava para fora do decote, bunda redonda e empinada, todos os dentes na boca, tudo que fazia dela rapariga desejada, podia enjeitar freguês, pedir um preço bem alto que muitos homens pagavam sem sequer regatear, puta de luxo, famosa, não como se encontra agora [...] (REZENDE, 2005, p. 145).

A comparação feita pelo narrador do corpo da prostituta antes e depois da AIDS revela como a doença maltrata e sequestra a felicidade. Triste, Irene não vê mais brilho na vida. Resta-lhe entregar suas roupas "para as colegas que ainda têm um futuro na profissão, que ela agora quer espaço para a roupa do seu homem!, nunca pensou chegar um dia a dizer assim com orgulho e alegria" (REZENDE, 2005, p. 145). É no amor que Irene ainda encontra forças para viver, embora saiba que tem pouco tempo para amar. A doença adquirida na prostituição não lhe retirou o direito de amar e construir a tão sonhada família.

Diante de sua dor, Irene relembra o primeiro namorado, Romualdo, a quem tanto devotou amor e por ele fora abandonada, quando foi servir ao exército e nunca mais deu notícias. Entre suspiros e tonturas, a protagonista expressa a saudade que sente por este homem: [...] Romualdo, ai! Romualdo, que saudade!... tão bonito, Romualdo!, o peito, os braços de cobre remando na correnteza, a voz, que dava arrepios cantando modas de amor, ainda pode imaginar mas apagou-se a memória do rosto dele, que pena" (REZENDE, 2005, p. 53). Nessa passagem, percebemos que a prostituta ama independente do exercício que realiza. Talvez se Irene não tivesse sido abandona por Romualdo não estaria no submundo da prostituição, embora para ela o casamento fosse uma escravidão, lição aprendida com uma meretriz mais velha, a qual lhe ensinou a ser prostituta:

> Irene deixa-o dormir, por primeira vez na vida, permite que um homem fique dormindo na sua cama até o dia amanhecer, que seguiu sempre o conselho de Leonora, a puta velha que lhe ensinou o ofício e avisou que a pior coisa que podia acontecer para qualquer mulher da vida é deixar que um macho pense que ela não vive sem ele, [..] usando quando bem quer, desprezando, maltratando, tomando-lhe

> tudo o que ganha sem devolver nem um beijo, caminho de sofrimento, caminho de escravidão (REZENDE, 2005, p. 44-45).

Esse pensamento de Irene irá mudar, quando projeta em Rosálio o amor que sentia por Romualdo. Ela sonha morar com o servente de pedreiro para construir uma família e cuidar do filho dela. O casamento seria, assim, uma saída do mundo da prostituição e a oportunidade de exercer o papel de mãe e de "mulher da vida".

O sonho de um lar dentro do aprovável pela sociedade transforma em desejo de morte para Irene que, prostituída e doente não vislumbra uma vida futura com Rosálio e o filho.Um laivo de ciúme percebe-se na autodepreciação e consequente valorização do homem. Como lemos: "um caco de mulher triste, gastando um resto de vida, não tenho nada para dar, amor de puta acaba não vale nem um minuto da vida de um homem" (REZENDE, 2005, p. 70). Pensando assim, a protagonista decide se afastar do servente de pedreiro. Ele não aceita seu afastamento pois para ele o amor é sublime, não se explica, é um mistério. Ama-a como parceira na vida. O sexo é descartado.

Irene continua recebendo os seus clientes, sente a falta de Rosálio, experimenta a solidão mais uma vez, lembra que Romualdo foi o seu primeiro amor que não floresceu. A reflexão do narrador sobre o amor é pontual:

> Amor, coisa perigosa, um luxo, só para quem pode, Irene não, nunca pôde, água de sal nas feridas, mas o coração insiste, não arrefece, resiste, bombeia amor pelas veias, pode sim, Irene pode desejar viver de amor, quanto mais lhe doem os golpes do homem tarado, mas quer que o outro apareça, quer sobreviver, viver (REZENDE, 2005, p. 180).

Notamos que o amor não faz parte da vida da prostituta. Parece que, sendo o amor um sentimento aliado a uma certa noção puritana, conservadora e excludente, a atribuição desse sentimento a uma prostituta parece, aos preconceituosos radicalmente moralistas, um sentimento fora de cogitação. À prostituta é reconhecido apenas o acesso às práticas sexuais.

Percebemos na obra de Maria Valéria Rezende um percurso vida-morte, retratando as condições miseráveis impostas àqueles que vivem à margem, sem voz e sem vez, vítimas das exigências e das desigualdades sociais e que parecem encontrar na

morte o alívio para suas profundas dores. Como se não houvesse redenção para as essas mulheres, tidas como pecadoras, erradas, transgressoras. Atendendo à máxima bíblica: "O salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23), reserva-se às mulheres da mal nomeada vida fácil uma "morte redentora" como expiação dos "pecados" cometidos. Ora, uma conclusa desta natureza revela a criminalização da prostituição pelo próprio autor que se debruça sobre o tema. Ao apresentar ideias preconcebidas como estas, os autores nada mais fazem que ratificar a opinião circulante de expressiva maioria da sociedade.

Nossa crítica reside na escassez de textos que leiam a prostituta na sua dimensão humana com erros acertos como todos e com perspectivas de vida para escreverem uma história que não a da morte e raramente a solidão. A negação dos direitos cidadãos também reverbera nos textos literários muito mais com um caráter legitimador que com um viés reprovador e crítico.

3.2 De solidão e morte: um ramo para duas guarás

A solidão e sua porta

Quando mais nada resistir que valha
A pena de viver e a dor de amar
E quando nada mais interessar
(nem o torpor do sono que se espalha)

Quando pelo desuso da navalha
A barba livremente caminhar
E até Deus em silêncio se afastar
Deixando-te sozinho na batalha

Arquitetar na sombra a despedida
Deste mundo que te foi contraditório
Lembra-te que afinal te resta a vida

Com tudo que é insolvente e provisório
E de que ainda tens uma saída
Entrar no acaso e amar o transitório.

Carlos Pena Filho

Não somente a prostituição se destaca nos romances *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, de José Condé e Maria Valéria Rezende, respectivamente. A

solidão e a morte também são temas presentes nas obras em questão. Solitárias, as mulheres protagonistas dessas narrativas clamam pela morte como caminho para cessar as dores e o sofrimento.

No romance *Um ramo para Luísa* facilmente encontramos personagens que sofrem devido à solidão. São criaturas carentes, vazias, que procuram dar sentido à vida. No prefácio desse livro, Jorge Amado tece considerações sobre a solidão dos/as personagens: "A solidão, a mais profunda e terrível, é o clima desta novela onde o sexo, o cérebro e o coração dos heróis e das heroínas estão em desespero. Essa sensação de solidão sem remédio, de solidão completa e total, pode e soube José Condé nos transmitir [...]" (AMADO, 1959 *apud* CONDÉ, 1987, p. 8).

A solidão[26] é um sentimento subjetivo, complexo, difícil de ser definido. Flávio Gikovate (2006, p. 234) explicita que a solidão, do ponto de vista do senso comum, "corresponderia à dolorosa surpresa que nos assola ao percebemos que não temos mais ninguém para nos proteger e aconchegar". Para ele, a solidão está associada a um estado emocional de desespero, à quebra de um elo afetivo importante que ajuda a amenizar a sensação de desamparo. Na visão do autor, solidão não significa desamparo, a ela está associada, reforçando-o: "Solidão é estar só, é não estar compartilhando a vida com ninguém; não é viver isolado, sem pessoas ao redor; é ter projetos individuais e não considerar os relacionamentos interpessoais a tábua de salvação" (GIKOVATE, 2006, p. 235).

No romance de José Condé, Copacabana é o palco onde os/as personagens vivem à procura de afeto. O narrador, homem divorciado e solitário, percorre bares e cabarés em busca de mulheres que possam tirá-lo da solidão: "... mesa de bar refúgio barato..." (CONDÉ, 1987, p. 11). Ele é dominado por uma vontade devastadora de se encontrar com outras pessoas no intuito de preencher o vazio que sente. Os ambientes boêmios servem-lhe de refúgio, na tentativa de acabar com o sentimento de abandono e, para tanto, afoga as mágoas na bebida. Nas suas andanças conhece Luísa, prostituta por

[26]Segundo Almeida (2003), o termo *solidão* surgiu através da definição feita por Michel Hannoun, quando, em pesquisa, chega à conclusão de que a palavra "só" surgiu bem antes de solidão no século XI, no ano de 1080, sendo, portanto, ancestral de solidão. A autora assegura que a solidão passou a ser associada ao isolamento, reclusão e exclusão.

quem se apaixona. O envolvimento com ela seria uma maneira de tirá-lo da solidão, já que ele não via Luísa como uma puta qualquer:

> - Acaricie meu rosto. De leve.
> Puxei carinhosamente sua cabeça para junto da minha e beijei-a na boca.
> Luísa sorriu:
> - Pedi apenas que me acariciasse.
> Séria:
> - Mas, gostei, sabe? Me beije outra vez (CONDÉ, 1987, p. 43).

Nesse excerto, o narrador revela a sua carência ao solicitar os carinhos de Luísa. Aqui, o papel exercido por Luísa não é de prostituta, uma vez que ambos se caracterizam como seres solitários. Podemos perceber a solidão sofrida pela protagonista na seguinte passagem:

> - Olha a cidade lá embaixo. É bonita, mas triste, não acha? De noite assim vistas de longe, todas as cidades são tristes.
> - Por que quis vir aqui, Luísa?
> Não respondeu. Posei a mão no seu ombro:
> - Em que está pensando agora?
> Sorriu:
> - Nunca *penso*, acredite. Sou assim mesma: fico alegre ou triste, sem motivo. Agora, por exemplo, estou triste. Não adianta perguntar por quê. Estou triste, pronto.
> O condutor veio avisar que o último bondinho ia descer.
> - É pena – disse Luísa. - Estava gostando. Eu gosto de ver as cidades de noite. Parecem mais humanas (CONDÉ, 1987, p. 42). (Grifo do autor).

Parece que o afastamento da cidade traz para Luísa a sensação de liberdade. Para ela, a sociedade é cruel e desumana, devasta as pessoas retirando-lhes a felicidade. O silêncio proporcionado pela noite leva Luísa à autorreflexão por mais que ela negue ao parceiro o fato de estar pensando sobre a vida. É nessa reflexão que a protagonista analisa a sua condição de mulher incompleta, infeliz, uma tristeza que parece não ter fim. Vemos que Luísa não divide suas dores, emoções, anseios, medos com alguém. É misteriosa, silenciosa, sofre calada, e isto faz com que sua solidão se intensifique. Ademais, Luísa sente-se bem ao estar sozinha em determinados momentos, como este exemplificado acima. Para Nicola Abbagnano (p. 918), a solidão é o “isolamento ou

busca de melhor comunicação". O dicionarista explica que a solidão pode ser vista como busca de formas diferentes e superiores de comunicação. Luísa se afasta da sociedade, dos laços que a relacionam com as pessoas e os ambientes, visto que "o fato de a solidão dispensar esses laços é uma tentativa de libertar-se deles e ficar disponível para outras relações sociais". A protagonista vive um instante de tranquilidade ao lado do jornalista, longe da mediocridade e do desafeto por parte da sociedade. Distante das pessoas que frequentemente a desprezam e recriminam, Luísa pode dividir momentos prazerosos com o narrador, período em que seus problemas parecem desaparecer. Há, assim, um conforto para sua carência afetiva.

Ressaltamos que o fato de Luísa sair com diversos homens, assim como faz Irene de *O voo da guará vermelha*, não aplaca a solidão que ela sente, principalmente pelas incertezas diante da vida:

> - Luísa pode atender?
> - Ela não está.
> - A que horas chega?
> - Ela nunca tem hora de chegar... (CONDÉ, 1987, p. 32)

O ofício exercido por Luísa não tem hora para começar e acabar. Não há escolhas, vive numa constante batalha pela sobrevivência. Diverte a todos, mas não sente alegria, não preenche o vazio que a consome, visto que deita com os homens única e exclusivamente por dinheiro: "- Tenho nojo do homem que paga para dormir com mulher" (CONDÉ, 1987, p. 19).

Luísa tem a solidão como lamentável destino. Parece que o narrador reproduz a visão da sociedade patriarcal que isola e afasta da convivência com as pessoas que transgridem os preceitos morais vigentes. O desprezo votado à prostituta acontece por várias razões, entre elas, pela falsa ideia de que a meretriz é uma destruidora de casamento e das finanças das famílias. A sua solidão se intensifica com a perda do filho, o qual morre de fome. Na infância, Luísa já conhece o sentimento de solidão, devido à falta de carinho e atenção por parte dos genitores: o pai dedicava seu tempo ao cassino da Urca, enquanto a mãe recebia homens na própria casa. A sensação de vazio experimentada por Luísa nesse período – o infantil – remete-nos ao pensamento de

Sigmund Freud (1973, p. 75-76), o qual defende que a primeira sensação de vazio, uma das características comumente associadas à solidão, acontece quando ainda somos crianças. Para o psicanalista, a solidão tem início quando o homem luta para renovar o prazer que sente na amamentação. No caso de Luísa, a sensação de abandono é permanente e talvez mais forte, pois ela não recebe afeto de seus pais.

Se "a solidão é estruturada pela representação dos outros ausentes" (SPIVAK, 1994, p. 188), Luísa inevitavelmente sente-se sozinha, uma vez que seus genitores não lhe davam o conforto da troca de afetos e experimenta a sensação de desamparo. Na visão de Françoise Dolto (1998, p. 73), a solidão é uma sensação de abandono que acompanhará o ser humano por toda a sua existência, isto porque é um sentimento inerente à condição de vida das pessoas. Na fase adulta, Luísa também se sente sozinha: falta-lhe a presença da mãe, do pai, do filho, de um namorado/marido.

A solidão faz com que Luísa sinta raiva da vida e passe a enxergá-la de forma negativa:

> Depois disso, sei que o ódio dela pela vida cresceu ainda mais. E é por essa razão que a amo tanto. Não por causa do ódio, mas para poder livrá-la desse ódio. Porque eu também odeio a vida e, no entanto, como é duro ter ódio no coração. É como viver em solidão dia e noite. Uma desgraça (CONDÉ, 1987, p. 64).

Solitária e sem perspectiva de dias melhores, Luísa reflete acerca do seu modo de vida e chega à autodepreciação, visto que a sensação de vazio insiste em permanecer:

> Ela ergueu os olhos e ficou pensativa:
> - Desejaria que fosse assim, que pudesse ser assim. Mas jamais será. Nunca conseguirei me libertar de mim mesma. Serei a vida inteira isto que você está vendo: uma mulher à-toa.
> - Você é apenas uma mulher que deseja se destruir a si mesma.
> Ela sorriu com tristeza:
> - Uma puta (CONDÉ, 1987, p. 70).

Vivendo um estado de isolamento, a protagonista deseja libertar-se não apenas da solidão, mas também da prostituição pois esta prática sexual parece fechar-lhe as portas para o casamento e o amor, que talvez lhe garantisse o afeto e a inclusão social. Sendo prostituta, Luísa não enxerga uma solução para a solidão em que vive e, por isto,

tende a se desvalorizar. A protagonista busca alívio para a sua solidão e dor na bebida: "– Mas a prova de que você não quer que seja sempre assim é que foi embriagar-se" (CONDÉ, 1987, p. 70). A embriaguez proporciona a Luísa, por um instante, o esquecimento da tristeza, da vida vazia, mas logo o efeito da bebida passa e tudo volta ao desespero que toma conta da mulher:

> - Não. Embriaguei-me porque sabia que era assim, que será sempre assim. E a certeza de que não conseguiria jamais me libertar foi que me levou ao desespero. Mas agora já passou. Estou tranquila novamente. Voltei a ser a mesma de sempre (CONDÉ, 1987, p. 70).

Luísa mente para si mesma. Ela não admite seu sofrimento e o fato de entregar-se à bebida como um refúgio para sua solidão, a qual se intensifica à noite, momento que a cidade está mais vazia, deserta, período em que as criaturas carentes de sentimento, de companhia, desfilam à procura de afeto: "Quase sinistra, àquela hora a lua debruava a espessa solidão dos campos adormecidos. Até a casa estava contaminada. A avó já não soluçava pelo filho assassinado, sua dor era apenas silencio" (CONDÉ, 1987, p. 109). Na fala do narrador, noite e solidão estão interligados. É notório que maior parte dos acontecimentos narrados na obra acontecem à noite. Tanto o narrador como a prostituta saem pelas ruas e bares como seres famintos de sentimentos em busca de uma ocupação que os afaste do isolamento. Ele procura por meretrizes que o tirem da solidão, mesmo que seja momentaneamente; ela busca pelo dinheiro necessário a sua sobrevivência, mas também procura preencher o seu tempo vazio. A noite, assim, facilita o encontro com pessoas sedentas de carinho, atenção e sexo,

> a noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Ela é rica em todas as virtualidades da existência. Mas entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as *ideias* negras. [...] Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida (CHEVALIER e GREERBRANT, 2009, p. 640). (Grifo dos autores).

Luísa é uma peregrina noturna enfrentando as incertezas oferecidas pela noite, momento em que encontra seus monstros, ou seja, os clientes aos quais vende sua carne. A protagonista se vê nas trevas quando se deita com os homens, exercendo seu papel de meretriz. A comercialização do sexo é o pesadelo enfrentado por Luísa todas as noites, pois logo tem que se preparar para encará-lo novamente. Talvez seja o preço que ela tem que pagar por exercer um ofício estigmatizado, reprovado e não ser aceita pela/na sociedade patriarcal que estabelece normas de boa conduta. Françoise Dolto (2001, p. 431) enfatiza que "a solidão é um momento de experiência que cada um vive de modo diferente segundo a profissão, a idade, a educação. Ele também é habitado pelas reflexões que esboçamos quando há gente conosco". Luísa demonstra que a solidão está associada à prostituição, haja vista que esta profissão, devido à discriminação, exclui e lança a meretriz à margem social.

A sensação de abandono provoca na protagonista insegurança e tristeza: "Ela sorria, mudava de assunto. Na cama, porém, através de carinhos e de prazer, rompia o silencio em que cada vez mais mergulhava" (CONDÉ, 1987, p. 80). Os gestos de afetos que Luísa recebeu do jornalista não eram suficientes para retirá-la da solidão. A ela faltava algo a mais: a presença do filho, pois com a morte deste Luísa perdeu a sua paz. Além disto, Luísa lutava contra o amor, não se entregava ao jornalista para com ele construir uma história de amor, talvez por não acreditar que uma meretriz possa ter o amor sincero de um homem: "Sei que ela me ama, embora odeie esse amor; embora precise tanto dele quanto eu" (CONDÉ, 1987, p. 64). Se em outras camas a protagonista enfrentou seus "monstros", nesta ela tinha o afago, o descanso, mesmo que fosse pouco tempo. O silêncio de Luísa demonstra a insatisfação para com a vida, reflete ainda o seu estado de solidão.

Luísa demonstra que o amor, sentimento forte e desinteressado, também está no destino da prostituta. A sua condição social não a incapacita para esse sentimento demasiado humano. Todavia, parece que a protagonista tem consciência de que esse sentimento não é possível de ser cultivado entre uma representante da sociedade patriarcal e uma marginalizada, isto porque:

> A condição de proibitividade na vida erótica das mulheres é comparável [...] à necessidade da parte homens de depreciar seu

> objeto sexual. Ambas são consequências de um longo período de demora, que é exigida pela educação, por razões culturais, entre a maturidade sexual e a atividade sexual. [...] Os homens geralmente desrespeitam essa proibição se podem satisfazer a condição de depreciar o objeto e, em consequência, mantêm essa condição em seu amor mais tarde, na vida (FREUD, 2003, p. 86-87).

Luísa não luta pelo amor do jornalista e, em contrapartida, ele revela que o "mais espantoso, para o observador de amantes desse tipo, é a ânsia que demonstram de 'salvar' a mulher amada. O homem se convence de que ela precisa dele, que sem ele perderá todo o controle moral e rapidamente descerá para um nível lamentável" (FREUD, 2003, p. 69). Nesse caso, o homem salva-a para não abandoná-la. Mas a protagonista parece não quer ser salva pois, atendendo ao pedido da mãe, mantém um relacionamento com o rico comerciante Abílio Marialva, um homem de grandes posses, dezoito anos mais velho que ela e bem conceituado na sua classe, o qual a tem como uma prisioneira. Luísa pagou muito caro para ter uma vida mais confortável, pois perdeu sua liberdade e já não podia andar livremente pelas ruas. Isto a faz sentir-se mais só e para amenizar sua solidão marca encontros com o jornalista na ausência do homem que a tinha como propriedade:

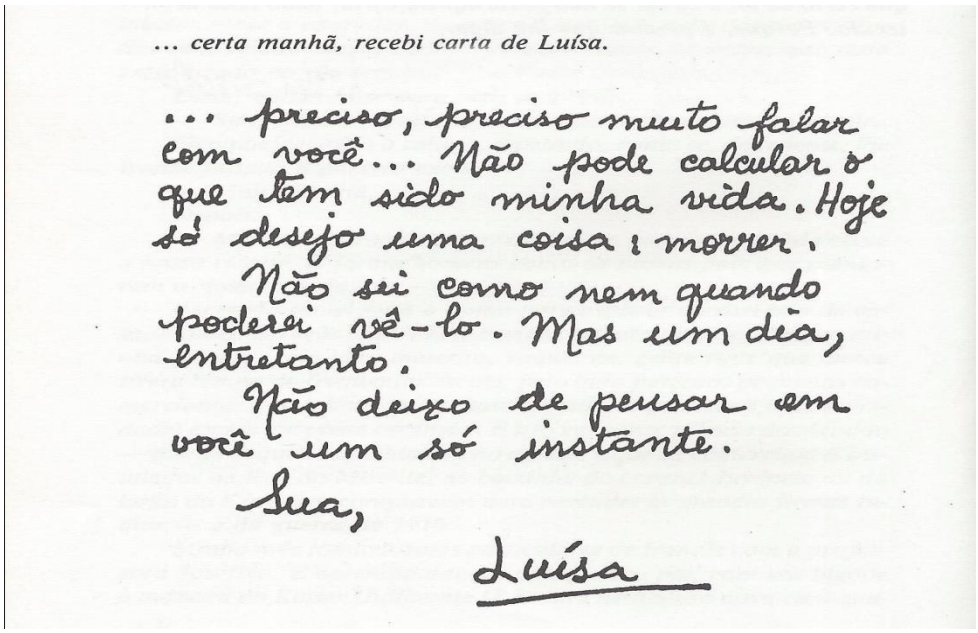
> - Quero ver você hoje, de qualquer maneira – disse-me pelo telefone.
> - Onde, Luísa?
> - Onde você quiser. Mesmo no seu apartamento.
> - Espero-a às quatro na esquina da Avenida com Ouvidor, está bem?
> - Está bem. Não deixe de ir.
> - Não deixarei, Luísa (CONDÉ, 1987, p. 119).

O encontro de Luísa com o profissional da redação do jornal alivia a tristeza e a solidão que a sufoca, mas logo tem que voltar para casa a fim de evitar uma tragédia. Nesse caso, a solidão se configura como a necessidade do outro e provocada pela ausência do outro. As carícias do narrador confortam a prostituta, mas não retiram dela a vontade de morrer. A morte aparece para Luísa como uma única saída para a sua solidão e tristeza:

> - Tenho sofrido tanto. Você não imagina o que...
> - Por favor, não me diga nada. Não quero ouvir nada.
> *(Estou cansada da vida e de mim mesma.)*
> (...)

> *(Tenho pensado muito: só existe uma solução – morrer.)*
> - Beije-me outra vez, querida.
> - Só se você me prometer que nunca mais me abandonará (CONDÉ, 1987, p. 124). (Grifos do autor).

Diante do sofrimento sem fim e da solidão sem pausa, a prostituta não vê outra forma de reverter esta situação e considera a morte o caminho mais viável para cessar sua insatisfação cotidiana. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 621), a morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo como, por exemplo, o ser humano. Nesse caso, a morte de Luísa representa a destruição da existência da solidão, libertando-a das forças negativas e regressivas (o poder exercido por Abílio Marialva e o olhar opressor da sociedade). Para os dicionaristas, a morte tem inúmeras significações, podendo ser lida como libertadora das penas e preocupações. Preferimos compreender a morte de Luísa como uma maneira de encerrar seu sofrimento, sua solidão. Compreender a morte como redenção é considerar a prostituta uma transgressora das normas sociais definidas como modelo pela hegemonia social e atribuir-lhe um castigo. A nosso ver, a morte surge como o fim de uma vida de sofrimento e de exclusão em razão do preconceito e da rejeição por parte de uma sociedade hipócrita que faz uso dos serviços da prostituta e ao mesmo tempo condena a sua atividade. A vontade que Luísa sentia de morrer já fora expressa por meio de uma carta grafada a próprio punho:



... certa manhã, recebi carta de Luísa.

... preciso, preciso muito falar com você... Não pode calcular o que tem sido minha vida. Hoje só desejo uma coisa: morrer.

Não sei como nem quando poderei vê-lo. Mas um dia, entretanto.

Não deixo de pensar em você um só instante.

Sua,

Luísa

Figura 7: Carta de Luísa direcionada ao jornalista.

Direcionada ao jornalista, a carta escrita por Luísa confidencia a ele a vontade de morrer, revela a angústia e os conflitos da prostituta. O texto se apresenta como um recurso para aliviar o sofrimento e o desespero porque passa a protagonista. Na obra, fica evidente que a solidão de Luísa levou-a ao desespero: "- ... que me ouça por um instante./- Vai mentir, como sempre mentiu./Luísa cobriu o rosto com as mãos, pôs-se a chorar" (CONDÉ, 1987, p. 102).

Luísa foi assassinada com dois tiros na cabeça, em um dos quartos do Hotel Limbo, por Abílio Marialva que confessou tê-la matado por ciúme. Após a morte de Luísa, o narrador demonstra remorso e vive a vagar por bares e cabarés a fim de amenizar a falta que ela lhe faz, afogando suas angústias na bebida. Como a solidão é inerente à condição humana, conforme atestam Freud (1973) e Dolto (2001), ela é constitutiva do ser, surgindo com o nascimento e se esvaindo com a morte. A morte, nesse caso, encerra a solidão da prostituta.

A solidão de Luísa é percebida até no seu velório, pois ao lado do seu corpo apenas uma senhora gorda se encontrava lá: "Ninguém mais na pequena capela do necrotério. É verdade: havia um cheiro solto da terra lavada pela chuva que o vento da noite trazia até nós" (CONDÉ, 1987, p. 9). A presença da chuva marca positivamente a morte de Luísa. Para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 16), "a água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora". Desse modo, a chuva representa a purificação de Luísa, não a sua condenação. A chuva simboliza ainda a alegria, pois a morte foi desejada pela prostituta, mesmo que tenha acontecido de forma trágica.

O romance encerra com a descrição de um cenário silencioso e de céu limpo, reforçando, pela memória do narrador, que a morte era a única solução para os dramas de Luísa:

> Parou de chover. Os primeiros bondes cruzam a rua. O sol passeia no jardim público, cobre a estátua do herói nacional. Gente apressada a caminho do trabalho. Só Luísa está morta e já não pode pensar.
> Mas preciso vê-la pela última vez. Que importa a mulher gorda sentada ao lado do caixão?
> Pobre Luísa. Nenhuma flor.
> - Estou cansada da vida e de mim mesma...

> O Mercado de Flores ainda não está aberto. Mas vejo no chão molhado, cheio de lama, restos de palmas, rosas murchas, galhos partidos – um cheiro inexorável de coisa morta, de cemitério.
> Abaixo-me e apanho um ramo (da haste pende uma camélia, suja, única, salpicada de água do monturo da rua ou da vida) e levo-o para a capela do necrotério. Um ramo para Luísa (CONDÉ, 1987, p. 129).

A cena evidencia que a vida segue seu curso normal. Ao narrador resta-lhe o remorso por não ter contribuído para a libertação de Luísa, enquanto para esta é ofertado apenas um ramo, o qual confirma a sua posição de guerreira gloriosa, de vitoriosa por ter enfrentado tantas batalhas para sobreviver em uma sociedade cruel e desumana. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009, p. 768) apontam que "na tradição cristã, um conjunto de ramos ou ramos agitados simbolizam a homenagem prestada ao vencedor". O ramo dado a Luísa representa a sua vitória na guerra contra a rejeição e a discriminação; simboliza também a imortalidade de sua glória, visto que fez jus ao significado de seu nome (Luísa = guerreira). O ramo funciona como uma espécie de troféu recebido ao final de tantas batalhas, diante das quais Luísa ousa sonhar, por um momento, com o amor que não logrou correspondência, conseguindo, na morte, o ramo de flores murchas, símbolo do amor sonegado.

A solidão e a morte também se fazem presentes no romance *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende. Assim como faz José Condé, a autora desenha umas personagens solitárias, dentre as quais destaca-se a prostituta Irene, conhecedora da sensação de abandono desde tenra idade. Denominados por cores, os capítulos indiciam os fatos a serem narrados a partir de uma perspectiva anunciada por tons e matizes. O primeiro capítulo – Cinzento e encarnado - já aponta para a solidão e a tristeza de seus/suas personagens. Nele, o narrador revela que a fome e a solidão predominantes na vida de Irene e Rosálio:

> [...] fome que é assim uma *sozinhez* inteira, um escuro no oco do peito, uma cegueira de olhos abertos e vendo tudo o que há para ver aqui, nenhum vivente, nem formiga, um cheiro de nada, as paredes de ressecada tábuas *cinzentas*, os montes de brita e de areia, *cinzentos*, a enorme ossada de concreto armado, sem cor, os edifícios proibindo qualquer horizonte, um pesado teto *cinzento* e baixo, tocando o topo dos prédios, chapa de nuvens de *chumbo* que não se movem [...] (REZENDE, 2005, p. 11). (Grifos nossos).

No romance, a solidão dos/as personagens é reforçada pela presença da cor cinzenta. Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 248) destacam que, entre nós, “o gris-cinza é uma cor de luto aliviado. O grisalho de certos tempos brumosos dá uma impressão de tristeza, de melancolia, de enfado”. Estes são os sentimentos que dominam o interior das personagens centrais, cujo destino é incerto, nebuloso. Irene e Rosálio estão enfadados da vida oprimida, sentem-se sozinhos no meio da multidão. É uma solidão social que os envolve numa atmosfera de tristeza e desilusão. Nesse fragmento, os elementos “tábuas”, “brita”, “areia” e “teto”, além das “nuvens cor de chumbo” sinalizam o estado de abandono enfrentado pelas personagens, retirando-lhes a possibilidade de uma vida “leve” e alegre. O chumbo se caracteriza como um metal denso e, além disso, é o “símbolo do peso e da individualidade incorruptível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 235).Inferimos, então, que associado ao estado de espírito de Irene e Rosálio o chumbo evidencia a solidão, a carga pesada de sofrimento que ambos carregam e as dores que se refletem na individualidade destas criaturas.

Irene se depara com a solidão ainda na passagem da infância à adolescência. No romance não há informações sobre seus pais. É a própria protagonista que declara a sua situação de abandono: “Mas então, veio uma peste danada e levou meu avô [...] Simão, meu irmão, já tinha ganhado o mundo e nunca mais deu notícia, Romualdo, que eu era doida por ele, tinha ido servir no exército prometendo voltar pra me buscar, mas ninguém sabia onde ele estava” (REZENDE, 2005, p. 42-43). Sem família e sem o apoio de vizinhos, Irene “abraça” a rua e a prostituição como forma de sobrevivência. Vendo-se sozinha e não tendo a quem recorrer, a solidão aparece para ela como um ato de “governar-se pela ideia de que são limitadas as possibilidades de receber ajuda de outras pessoas. [...] Solidão é a condição de indivíduo levada às últimas consequências” (GIKOVATE, 2006, p. 235).

Na fase adulta, já atuando como prostituta, Irene tem o sentimento de solidão reforçado pela ausência do filho, o qual é criado por uma senhora cuja procedência não é revelada na trama. Todas as segundas-feiras Irene tem o compromisso de levar dinheiro para a manutenção do filho. O caminho é tortuoso, pois Irene sofre com o afastamento da criança que não pode manter ao seu lado:

> Irene, cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada! como custa afastar do pensamento a criança nos braços encarquilhados da velha naquele barraco fincado na lama, o papel amarelo do exame, o médico falando, falando, falando, o tempo passando, passando, passando numa correria, quase todo dia já é segunda-feira, ir levar um dinheiro para a velha, ir saber se o remédio prometido chegou, pegar o pacote de camisinhas e ouvir a assistente social lhe dizer que mude de vida (REZENDE, 2005, p. 12-13).

O percurso de Irene até a casa da velha é marcado pela presença da lama, símbolo que, na visão de Chevalier e Ghreerbrant (2009, p. 534), pode representar "um processo involutivo, o início de degradação. Daí provém o fato de que a lama ou o lodo, através de um simbolismo ético, passe a ser identificada com a escória da sociedade (e com seu meio ambiente), com a ralé, ou seja, com os níveis inferiores do ser". Nesse caso, a lama simboliza, além do processo de regressão e evolução reversa, o estado de solidão e degradação moral em que se encontra a protagonista, cujo local de trabalho é composta por elementos que reforçam sua real condição de vida:

> [...] o corredor, o quarto, um cheiro de humanidade, antigo, múltiplo, concentrado, cores desmaiadas, manchadas, mas cores, todas as cores, em trapos de vestir, em colchas e cortinas, almofadas desbotadas e bonecas estropiadas, nos restos de tintas e papéis nas paredes, em imagens de santos e tocos de vela, em flores de plástico, em bibelôs rachados, em frascos vazios de formas fantasistas, em potes e caixas com rótulos rasgados, cores de vida, fanada, mas vida, ainda pulsante, cores redobradas, multiplicadas nos espelhos partidos (REZENDE, 2005. p. 15).

Nesse fragmento, percebemos a simplicidade e a pobreza presentes no ambiente de trabalho de Irene. A descrição de objetos velhos, desbotados, rachados e rasgados evidencia o estado de abandono que agrava a solidão da protagonista que vive em situação subumana. Destacamos a imagem do espelho partido, objeto que reflete não apenas a degradação moral de Irene, mas também a sua degradação física, o definhamento provocado pela AIDS, doença sexualmente transmissível que a torna uma pária na sociedade, pelo risco de contaminação que ela oferece. O dilema de Irene é poupar o corpo e morrerem de fome ela e o filho ou usar o corpo já degradado, defendendo o pão do filho e debilitando o corpo, caminhando a passos largos para a morte. Ainda sobre o espelho Chevalier e Ghreerbrant (2009, p. 393) salientam que esse

objeto reflete “a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência”. Para eles, o espelho não tem como única função refletir uma imagem, haja vista que a alma também participa da contemplação. Desse modo, Irene consegue enxergar a sua tristeza e a solidão que assolam a sua alma, uma vez que se encontra inserida num ambiente degradado e desqualificado aos olhos da sociedade: “[...] arrasta os pés pelo chão de mármore encardido até a porta carcomida do casarão antes senhorial, depois cortiço, puteiro hoje” (REZENDE, 2005, p. 15). Nesse ambiente, Irene consegue “o pão de cada dia” com a visita de clientes que buscam a satisfação sexual e, após conseguirem o que almejavam, seguem deixando no saguão vazio do casarão a prostituta “sozinha, desamparada naquele ermo tão longe dos mangues de onde viera” (REZENDE, 2005, p. 18).

A solidão e a tristeza de Irene estão estampadas no seu “sorriso desfacaldo”, conforme descreve o narrador. O seu estado de abandono é amenizado quando ela encontra Rosálio, o servente de pedreiro que admira a leitura. Através da leitura e da escrita ela consegue amenizar seu sofrimento: “Enche as páginas com a letra caprichada das aulas de caligrafia e as palavras que lhe presenteou o homem. Já pensa que não tem nada, se ele nunca mais voltar, lerá cada noite a historia para chorar e adormecer” (REZENDE, 2005, p. 23). Por meio das palavras, a protagonista foge, embora momentaneamente, da solidão. Além disso, as palavras delongam a chegada da morte de Irene, atribuindo-lhe sentido à vida. Uma das histórias lidas por Irene para Rosálio foi *O livro de mil e uma noites*, contos árabes, de autoria desconhecida, cujo enredo trata do drama da princesa Sherazade, casada com o rei Sultão, que costumava casar e após a lua de mel matar a esposa. Com o intuito de escapar da morte, Sherazade passou a contar histórias sem fim para o rei. No caso de Irene, esta parece prolongar a sua partida por meio da contação de histórias ao servente de pedreiro. De certa forma, o narrador atualiza “o mito” de Sherazade. Em ambas as obras, narra-se para não morrer.

A leitura diária realizada pela prostituta funciona como um acalanto para sua solidão, dando-lhe motivos para viver. Se antes a vontade da protagonista era morrer para por fim a todo sofrimento, agora ela tem pretextos para lutar pela vida, graças ao carinho e à atenção que Rosálio lhe dedica. Assim, a companhia de pessoas amadas pode ser uma solução para a saída do mundo solitário, da solidão indesejada.

Além da solidão outro fator agravante da situação de Irene é a degradação física e moral. No capítulo *Roxo e branco*, a imagem do espelho rachado insiste em aparecer: "Abre uma porta do armário, hoje quer estar bonita, escolhe o vestido roxo que há tanto tempo não veste, vê-se no espelho rachado, parece que agora é antes de que tudo começasse [...]" (REZENDE, 2005, p. 35). O espelho rachado simboliza a degradação da personagem e a desvalorização do seu ofício. O espelho reflete ainda a imagem do seu corpo cansado que definha a cada amanhecer. O narrador aponta para o olhar piedoso sobre a prostituta, destacando-lhe a fragilidade e o insucesso: "Rosálio leva a caixa e leva decepção de hoje ainda não ouvir ler do livro de mil histórias, mas há que ter paciência, que a pobre mulher que lê deve estar muito doente. Amanhã mesmo ele volta" (REZENDE, 2005, p. 38).

A solidão de Irene é constante, acompanha todos os seus passos, seja no casarão, seja no posto médico, seja na casa da velha que cuida do seu filho. A sensação de abandono que a protagonista sente é intensificada pela ausência de um companheiro, conforme lemos: "Irene chora, sozinha, quem disse que um homem bom, quando aparece demora?, com certeza ele tem dona ou queria alguma coisa que não encontrou aqui, desistiu de procurar e foi-se embora para sempre?" (REZENDE, 2005, p. 41). Irene vivencia a sensação de incompletude, pois seus fregueses não passam de visitantes interessados no sexo. Ela sente falta de um homem que a retire da prostituição e que forme com ela uma família que lhe possibilite criar o filho. Vemos que a ausência da família é o cerne da solidão de Irene.

Almejando fugir da solidão a prostituta utiliza, além da leitura e da escrita, outros artifícios como viajar na imaginação e voltar à infância:

> [...] o passarinho rebate e Irene é transportada para a floresta enfeitiçada, onde há fadas e há príncipes e pássaros misteriosos como os que ela imaginava dos contos da professora na escola de sua infância, tem outra vez oito anos e os olhos cheios de luz (REZENDE, 2005, p. 51-52).

Na obra, encontramos uma intertextualidade com os contos de fada tradicionais. As fadas, príncipes e pássaros misteriosos são típicos deste gênero. A utilização destes elementos permite, por instante, a condução de Irene para outro espaço, um mundo de

alegria e diversão. Todo o romance, a nosso ver, se desenvolve como se fosse um longo um conto de fadas às avessas. Daí talvez, a ausência de marcadores que possam deixar claros os espaços representados na obra. Entendemos que esta estratégia da autora revela uma inovação da narrativa brasileira contemporânea, que se constrói com a mistura da fala do narrador com as das personagens, ora utilizando letras de fontes diferentes, ora se confundindo com as falas do narrador. A narrativa tem o gosto da atemporalidade que marca os contos de fada.

Retomando o tópico da solidão, Irene evidencia que a solidão é uma perda: "[...] tudo tão ligeiro e fácil como ela sonhara a vida quando a vida começava, antes de perder o avô, Simão, o sagui, Romualdo, ai! Romualdo, que saudade!" (REZENDE, 2005, p. 53). A protagonista passou por uma sequência de perdas de pessoas que ela amava e que faziam parte da sua vida e acaba vendo-se sozinha. A ausência dessas pessoas provoca o estado de solidão que devasta a alma. A quem recorrer frente às adversidades? Irene não tem!

Assim como ocorre com Luísa, Irene, avaliando sua condição de vida, chega a se autodepreciar: "[...] quero que desapareça, que eu não presto pra você, que eu não sou nada, mais nada, um caco de mulher triste, gastando um resto de vida, não tenho nada para lhe dar, amor de puta acabada não vale nem um minuto da vida de um homem são" (REZENDE, 2005, p. 70). Parece comum às prostitutas ora analisadas não atribuir valor a si mesmas em virtude do desprezo com o qual a sociedade as trata, assimilando, assim, uma ideia distorcida da própria identidade, como se ratificassem o senso preconceituoso do entorno.

No capítulo *Ouro e azul*, percebemos mais uma vez que as histórias contadas por Rosálio aliviam a solidão e o sofrimento de Irene. Na narrativa, a cor azul realça a solidão vivenciada pela prostituta: "Quando Irene despertou, na cama quase vazia, o homem já não estava, na penumbra azul do quarto pôde ver que ele deixara a sua caixa de livros" (REZENDE, 2005, p. 77). Segundo Ozíris Borges Filho (2007, p. 83), "o azul é uma cor 'recuada', sugerindo quase sempre frieza. Ele é antitético do vermelho. Geralmente, um objeto azul sugere menos peso do que realmente possui". A presença do azul nas paredes contribui para a conclusão do narrador de que se tratava de um ambiente solitário, pouco animado. Além disso, atribuir a cor azul às paredes remete a

um espaço opressor, de reclusão infinita, uma espécie de cárcere entre o céu e o mar, haja vista que o azul também simboliza estes elementos.

A cor azul insiste em aparecer no capítulo *Azul e amarelo* estabelecendo relação com o insucesso da protagonista: “Eh, Irene, essa doença está lhe atacando os miolos?, que ideia mais maluca achar que encantado existe e há recados milagrosos nessa vida desgraçada que eu sei que em pouco se finda? (REZENDE, 2005, p. 117). O monólogo produzido por Irene é reflexo de sua autorreflexão sobre o valor negado a sua vida por parte da sociedade. O azul realça o vazio que Irene sente e revela o olhar frio que ela tem perante a vida. Embora Irene carregue pensamentos tristes e negativos, o amarelo, cor ardente e expansiva, atravessa o azul e manifesta a sua alegria e a vontade de lutar pela vida, “porque agora quer viver, por primeira vez, em anos, mede o tanto de alegrias que tem tido ultimamente” (REZENDE, 2005, p. 119).

Ao contrapormos a situação de Luísa e de Irene, verificamos que a solidão é um sentimento caro para as prostitutas. Enquanto a primeira procura canalizar sua dor na bebida alcoólica, a segunda se utiliza da leitura e da escrita. De acordo com Dolto (1998, p. 435), o solitário povoa sua solidão com palavras, invocando discursos alheios, sem necessariamente estar frente a frente com as pessoas para estabelecer o diálogo:

> Pega o caderno e lápis, deixa uma página em branco porque ali quer escrever a cantiga doce e triste que seu homem aprendeu do santeiro João dos Ais e, na página seguinte, põe-se a escrever o romance da pobre e louca Floripes, passa um tempão entretida, inventa a cor do vestido de Floripes na janela, amarelo como acácia chamada chuva-de-ouro, depois, no dia da festa, quando fugiu na garupa do tal sanfoneiro andante, veste a mulher de encarnado, cor de sangue e paixão, imagina os versos tristes que João Santeiro cantava lembrando de cada festa, cada feira e casamento onde o tal Beto do Fole puxava sua sanfona, levando a mulher com ele, enreda-se nessa história, sendo, uma hora, Floripes e, noutra hora, sentindo o que sente João dos Ais (REZENDE, 2005, p. 91).

A prática de leitura e escrita consegue preencher o tempo ocioso de Irene, envolvendo-a no universo das narrativas e libertando a sua imaginação, afastando a sensação de vazio e isolamento. No caso de Irene, é recorrente a utilização da linguagem poética como uma maneira de suavizar a solidão, pois conforme destaca Dolto (1998, p 444) em relação ao ser humano solitário, “é verdade que ele pode não ter

palavras para exprimi-lo, mas pode haver outros modos de expressão: escrita, música, dança mesmo quando se está sozinho". Seguindo este raciocínio, a leitura foi a forma de expressão usada por Irene para abrandar a solidão.

Para vencer a solidão Irene passa a fazer leituras diárias de narrativas e ouvir as histórias que Rosálio tem para lhe contar. Isto permite à protagonista suavizar a sensação de vazio e ajuda-a a encontrar sentido para a vida, pois "o ato de narrar e de recordar é uma arma contra a solidão e a dor, memória formada de saberes, um saber transmitido e compartilhado" (BOAS, 2009, p. 59). Contudo, a leitura não resulta no fim da solidão de Irene. Esta sabe que caminha a passos largos para a morte e, com a morte, teriam fim a solidão e a dor, pois, de acordo com Arthur Schopenhauer (2013), a morte é um fim temporal da existência. Desse modo, tudo que existe para o ser humano acaba com a morte dele, haja vista que "como fenômeno no tempo, o conceito de cessação por certo é aplicável ao homem, e o conhecimento empírico apresenta abertamente a morte como o fim dessa existência temporal" (SCHOPENHAUER, 2013, p. 23).

Em *O voo da guará vermelha* a morte é tematizada desde o início do romance, tornando-se motivo para as reflexões e as ações desenvolvidas por Irene. No primeiro capítulo – *Cinzento e encarnado* – a protagonista já anuncia, de forma consciente, a sua morte: "Engraçada aquela assistente social, 'deixe essa vida', está certo, eu deixo essa vida, não me importo de tudo acabar agorinha, que esta minha vida só tem uma porta, que dá para o cemitério, mas a senhora vai tomar conta do menino e da velha?" (REZENDE, 2005, p. 13).

Diante da degradação física sofrida de Irene, resultado da devastação provocada pelo vírus da AIDS contraído nas relações sexuais com clientes, a morte é inevitável. Como vimos, a protagonista recorre às narrativas lidas e ouvidas para adiar sua morte, um fato certo: "[...] há muito tempo que Irene sabe que lhe basta dar um passo, que o outro mundo é logo ali, mas quer ficar mais um dia, quer ouvir mais das histórias que o homem lhe dá de graça, mesmo que não ouça tudo [...] essa voz que lhe faz tão bem!" (REZENDE, 2005, p. 38). Parece que o ato de ler e ouvir histórias realiza a purificação de Irene. As narrativas fazem a limpeza da alma da prostituta, "eliminando" os pecados que a Ordem patriarcal lhe atribui.

Se a chegada da morte provoca tanto medo nas pessoas, conforme destaca Schopenhauer (2013, p. 6), para Irene é bem vinda, pois, assim, o sentimento de vazio logo terá fim: “Faz três noites que ela espera mas ele não aparece, ela até teve fregueses, pode ir na segunda-feira levar leite para o menino, algum trocado para a velha, deveria estar contente, mas sente a alma vazia, tem vontade de partir para o outro mundo, ai!” (REZENDE, 2005, p. 41). Irene vive num constante dilema: sente vontade de morrer, mas não morreria aliviada por ter um filho para alimentar.

No último capítulo do romance – *Azul sem fim* – o narrador declara que o amor, além de ser perigoso é um luxo, portanto, não está disponível para uma mulher que a morte anda a espreitar. A solidão que a falta do amor de Romualdo provocou na vida de Irene cessa com a chegada da morte: “Rosálio colhe nos braços a sua guará vermelha, colhe na boca o sorriso que verte um encarnado vivo e a cobre inteira de plumas, tingindo todas magoas, transfigurando-lhe a dor” (REZENDE, 2005, p. 180). O sorriso expresso no rosto de Irene indicia sua alegria em razão de ter se libertado de um mundo marcado pela dor e pela solidão. Rosálio acredita que Irene será sempre uma luz a iluminar o destino dele e que a morte não conseguirá separá-los: “[...] é o destino que a vida, dele e de Irene, embolada, escreveu com pó de estrelas num papel azul sem fim” (REZENDE, 2005, p. 181). A cor azul desenha o destino das personagens: a ele resta o vazio das ruas, enquanto para ela o infinito é o caminho, pois

> O azul é a mais **profunda** das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como adiante de perpétua fuga de cor. O azul é a mais **imaterial** das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, i. e., de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante. O vazio é exato, puro e frio. O azul é a mais **fria** das cores e, em seu valor absoluto, a mais **pura**, à exceção do vazio total do branco (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2009, p. 107). (Grifos dos autores).

A prostituta consegue, por intermédio da morte, a libertação do quarto escuro onde silenciava sua dor e confidenciava a si mesma a vontade de morrer. Sendo uma cor *pura*, o azul parece representar a anulação dos “erros” cometidos por Irene para que esta possa adentrar “no azul sem fim”, conforme era o seu desejo.

Os romances ora analisados trazem à baila leituras negativas sobre o ofício das meretrizes. Estas se apresentam como personagens desoladas, solitárias, devastadas. O tão sonhado "lugar ao sol" é conquistado apenas através da morte, haja vista que devido aos padrões patriarcais o amor para elas não é possível. Se considerarmos a perda do homem amado como uma morte menor, os narradores desenham a passagem morte-vida-morte das prostitutas como um momento mágico, uma compensação devido às perdas afetivas e às injustiças sofridas por estas mulheres na sociedade. Por isto, são dignas e merecedoras de um epitáfio. Recorremos, então, aos versos do poema *O canto dos presos*, de Augusto dos Anjos:

É a saudade dos erros satisfeitos,
Que, não cabendo mais dentro dos peitos,
Se escapa pela boca dos cativos!

Se para a sociedade patriarcal Luísa e Irene não passam de simples prostitutas, para o jornalista e para Rosálio representam mais do que companhias e momentos de alegria: simbolizam o amor e a vida. Por tudo isto, elas se manterão vivas nas memórias desses homens, conforme manifestam os narradores dos romances. E por todo bem que proporcionaram a eles podemos, enfim, gritar: Salve as prostitutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SENDO PROSTITUTA E MÃE, SENDO MÃE E PROSTITUTA: UM SER NO GERÚNDIO

Qué tanto ladefiendes!
-ledijeroncuandolovieron sangrando em elsuelo -,
si al fin de cuentasva a ser puta.

Restrepo, 2007

Pensar o lugar da prostituição na sociedade contemporânea tem sido preocupação constante de estudiosos e, em particular, de movimentos organizados de prostitutas que lutam pelo reconhecimento do ofício como uma profissão a ser respeitada, protegida e legitimada social e legalmente, conferindo todos os direitos trabalhistas às mulheres que sobrevivem dessa instituição por escolha ou por falta de oportunidades.

A relevância de pesquisar a prostituição na literatura reside principalmente no fato de ser necessário desconstruir as leituras e as posturas negativas sobre tal exercício,

o que impede a mulher prostituída de conduzir sua vida livre do preconceito e da rejeição por parte da sociedade. Como verifica José Miguel Nieto Olivar (2013), a prostituição não se limita à troca do sexo por dinheiro ou por outra compensação, pois ela existe na relação com classe, gênero, geração, etnia, entre outros, tendo, portanto, a necessidade de ser observada como uma ideia, uma imagem, um feixe de relações simbólicas, que "padece de uma relativa estabilidade de valor negativo no Ocidente, enquanto guarda-chuva axiomático, imagético, que envolve e constrói (e é construída por) uma diversidade indeterminada de práticas... nem todas econômicas, nem todas sexuais" (OLIVAR, 2013, p. 33). A prostituição aparece, então, como um lugar de produção de relações sociais que reflete a cultura e as formas de sociabilidades em territórios "proibidos" (bordéis/cabarés) que se alteram significativamente no decorrer dos tempos.

No percurso da nossa pesquisa, pudemos observar que diversas áreas do saber procuraram (e ainda procuram!) explicar a prostituição e as suas causas. Com o advento do patriarcalismo, novas leituras surgiram em torno do meretrício. Ousamos, neste trabalho, refletir sobre a representação da prostituta e da prostituição nos romances brasileiros *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha*, de José Condé e Maria Valéria Rezende, respectivamente, publicados em uma sociedade cujas amarras/censuras advindas da Ordem patriarcal ainda são muito fortes.

Assumimos, então, uma perspectiva que reconhece a relevância da prostituição na constituição da cultura e do modo de viver das pessoas. A arte de comercializar o corpo atravessou gerações e se revestiu de muitos significados. Desvendá-los é papel dos estudiosos para que haja mais compreensão e menos equívoco quando o assunto é a negociação do corpo.

No intuito de compreender como se define e se caracteriza a prostituição ao longo da história, o primeiro capítulo desta pesquisa, *Prostituição feminina: a construção dos discursos*, propôs uma revisão da literatura acerca dessa prática, destacando, sobretudo, as reflexões advindas dos estudos das Ciências Sociais, da História e do Movimento Feminista sobre a prostituta e seu ofício, além de discutir as causas originais da comercialização do sexo.

Percebemos que a prostituição é uma temática recorrente na literatura universal. Por sua complexidade e abrangência, o assunto oferece afortunadas leituras para pesquisadores/as interessados/as em (re)descobrir suas facetas e nuances. Muito ainda se tem a dizer sobre a venda do corpo e das relações sociais estabelecidas entre a prostituta e o cliente, a prostituta e o cafetão/proxeneta, a prostituta e as companheiras de profissão e a prostituta e a família. Diversas pesquisas apontam para inúmeras mulheres que se prostituem para complementar a renda familiar, ocultando a sua verdadeira ocupação (fonte/origem do seu dinheiro) por medo da não aceitação por partes dos seus familiares. Vivem às escondidas, trabalhando às cegas, para conseguir "o pão nosso de cada dia". A literatura evidencia a negligência do Estado para com as meretrizes, sobretudo com a falta de políticas públicas capazes de retirarem das ruas e dos bordéis as prostitutas que desejam abandonar o meretrício e encontrar outra forma de sobrevivência.

Se houve um tempo em que a prostituição foi concebida como prática sagrada (período matriarcal), na contemporaneidade, este exercício ainda é considerado uma chaga social. As mulheres da vida são discriminadas e engrossam o cordão dos excluídos, tornando-se fortes candidatadas a aplacarem a solidão amargurada pelas perdas afetivas. O olhar preconceituoso lançado sobre elas surge como a primeira "chave" a trancar a porta para a sociedade quando, contraditoriamente, o discurso vigente é "a inclusão de todos". Como se inclui um/a marginalizado/a na sociedade se a ele/ela não é dada a oportunidade de trabalho e o direito de exercer sua cidadania? A nosso ver, inclusão acontece quando as pessoas antes excluídas podem agora gozar de todos os seus direitos e têm respeitadas a sua dignidade e individualidade. Do contrário, estaremos apenas reproduzindo práticas excludentes que camuflam interesses políticos opressores e controladores da conduta alheia.

Não devemos esquecer de que a história registra as perseguições sofridas pelas prostitutas desde a Idade Média. Em período mais recente, como os séculos XIX e XX, prostitutas foram (e ainda são!) ameaçadas, exploradas e torturadas por policiais quando estes, na verdade, deveriam dar-lhes proteção e amparo. Além de sofrerem nas "garras" destes profissionais, muitas meretrizes ainda vivenciam a agressão por parte de seus clientes que, ao contratar o serviço sexual momentâneo, acha-se no direito de humilhá-

la e agredi-la. Essa violência deve ser combatida porque inferioriza as mulheres e colabora para a manutenção de estruturas valorativas do sexo masculino.

Mesmo diante de tantos discursos voltados para a prostituição (religioso, literário, mercadológico, feminista, psicanalítico, médico-higienitista, entre outros), os estudos sobre esse tema ainda são escassos, havendo a necessidade de aprofundamento nas discussões já existentes para que se compreendam melhor os "mistérios" dos amores alugados e as razões pelas quais a prostituição se configura como uma prática milenar longe de ser extinta. Ao contrário, a cada dia encontra mais adeptos/as. Além disso, muitos interditos precisam ser desconstruídos para combater as violências impostas às meretrizes e a prostituição possa, enfim, atender às novas exigências sociais.

No segundo capítulo, A *representação da prostituta nos romances brasileiros*, ao propormos um alinhamento dos romances que desenham a figura da meretriz, tendo como balizamento as obras *Lucíola*, de José de Alencar (1862) e *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005), constatamos que a imagem da prostituta também é recorrente na literatura nacional. Se no livro de José de Alencar a prostituta foi apresentada como uma pecadora que precisava se redimir através do casamento e da maternidade para obter salvação, visão típica da sociedade patriarcal, não faltou tinta na pena de Jorge Amado para desenhar a prostituta heroína, valente, guerreira e sonhadora. É o caso de Tereza Batista cansada de guerra que, após enfrentar muitas adversidades e "abraçar" amores passageiros, encontra em Januário o porto seguro, a oportunidade de construir uma família e abandonar a prostituição.

É certo que nem todos os romances analisados nesse capítulo apresentam um final feliz para as meretrizes vítimas da pobreza, como o caso de Tereza Batista e Tieta do Agreste, personagens de Jorge Amado. Outras tiveram uma vida luxuosa, regada a champanhe e ao som de boas músicas, como viveu Madame Pommery, personagem criada por Hilário Tácito; outras vivem em busca do luxo e da riqueza como Leniza de *A estrela sobe*, obra de Eddy Dias da Cruz, autor que no romance *Marafa* apresenta a *via crucis* de Rizoleta, prostituta que ateia fogo em seu próprio corpo, após passar por muitas privações na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. Ressaltamos que se a prostituição constitui um dos traços de brasilidade que, por

um lado, envergonhou e feriu os preceitos morais das famílias de bons costumes, por outro lado, a ela representa o progresso e a modernidade. Atentemos para o papel desempenhado por Madame Pommery que introduziu nas noites de São Paulo a boemia, o champanhe e o gosto refinado, promovendo uma rede de sociabilidades no seu elegante bordel e demonstrando que nesse espaço os homens não procuram apenas sexo e entretenimento, mas sim, discutem política e filosofia.

A literatura demonstra também que a prostituta nem sempre foi vista como um ser indesejável. Há aquelas que conquistaram o respeito da sociedade, colaborando com a sua organização e obtendo a admiração de todos. É o caso de Quiterinha, personagem do conto *A prostituta*, do autor pernambucano Hermilo Borba Filho (1917-1976), figura *sui generis* na literatura brasileira dos anos 1960. Em seus textos é evidente o compromisso com os excluídos, voltando-se para a miserável condição humana e para a violência contra os oprimidos, o que faz de sua obra um veículo de denúncia social. A resistência passa a ser uma das marcas de sua escrita, justamente por acreditar que a arte é uma das vias que se pode utilizar para lutar a favor da dignidade humana. Em *A prostituta*, o narrador apresenta uma dona de bordel que, ao morrer aos setenta anos, deixa toda a sociedade comovida e triste. A sua morte é anunciada logo na abertura do texto: "Quiterinha passara-se, com armas e bagagens, se fora de vez" (FILHO, 1976, p. 63).

Salientamos que a análise das narrativas revelou que a prostituta foi personagem fundamental para a produção literária do Modernismo brasileiro. Para além dos romances, inúmeros são os poemas que destacam a imagem da meretriz, conforme podemos observar nos escritos de Augusto dos Anjos e Vinícius de Moraes. Outros poetas também ilustraram o papel da prostituta em seus trabalhos, como Manuel Bandeira e Di Cavalcanti. Não precisamos realizar uma pesquisa aprofundada para encontrarmos obras que tomam a meretriz como personagem de seu enredo. No Brasil, temos uma considerável bibliografia que aborda a temática da prostituição feminina. Não há uma década sequer do século XX, em especial, que não explore o meretrício, oferecendo aos leitores visões divergentes de um mesmo ofício. Basta observamos a atuação de Elza, protagonista de *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, cuja função foi introduzir o jovem Carlos na arte de amar; ela atuou como professora do sexo, dando início a vida sexual do garoto, ou a atuação de Hilda, personagem do livro

Hilda Furacão, de Roberto Francis Drummond, que choca a sociedade de seu tempo ao decidir ganhar a vida como prostituta. Hilda é exemplo do pensamento que diz que não se nasce puta, tornar-se puta.

No último capítulo, *Solidão e morte: destino da prostituta?*, voltamos o nosso olhar para o *corpus* desta pesquisa, qual seja, os romances *Um ramo para Luísa* e *O voo da guará vermelha.* A leitura desses romances permitiu concluir que a prostituição não é uma prática sexual gratuita e que ser puta é apenas um modo de existir. As prostitutas que povoam as narrativas se apresentam como criaturas insatisfeitas que vivem em busca de alguém que preencha o vazio de suas carências ocasionado pela ausência de familiares e de um homem com o qual possam se casar e construir a própria família.

Em *Um ramo para Luísa*, o narrador descreve a saga de Luísa, mulher que deita com homens exclusivamente por dinheiro. Devido a esse exercício, a personagem sofre com o isolamento e a discriminação social, fato observado na fala do narrador quando direciona ofensas verbais à meretriz e considera que viver na prostituição é fazer parte da podridão: "- Não estou rindo de você, Luísa. Estou rindo de toda essa miséria que constitui a sua vida, minha vida, a vida de muita gente, um mundo podre. Estou rindo, por que não adianta chorar" (CONDÉ, 1987, p. 107). O narrador revela sua visão negativa sobre a vida, pois para ele todos vivem na sujeira, todos são "podres".

No romance, encontramos uma leitura preconceituosa em relação ao meretrício e à conduta da prostituta: "- Você não presta, Luísa – continuei. Deve voltar o mais depressa possível à vida que sempre levou. Jamais deixará de ser uma... tenho vontade de lhe bater" (CONDÉ, 1987, p. 79). O narrador condena a meretriz a manter-se em mundo inferior, sujo, desvalorizando-a enquanto ser humano. O seu olhar preconceituoso é tão severo que ele sente vontade de espancar a mulher como uma forma de castigá-la. A vontade que o sexo masculino sente de agredir a prostituta passa a impressão de que ela seria "um cão sem dono", pelo fato de não ter um companheiro que a defenda e a ampare. Talvez esta seja a interpretação de muitos homens, haja vista a violência cometida contra as putas no dia a dia.

Desprovida de defesas culturais e da proteção familiar, Luísa está exposta às maldades da sociedade que, ao desqualificá-la, sentencia a sua condição de marginal,

negando-lhe o direito de cidadania. Uma vez inserida à margem, a infelicidade parece ser fato inevitável. A ausência da família e de um companheiro desencadeia a solidão e a degradação física e moral. Diante dessa realidade, Luísa vê-se obrigada a aliviar a sensação de abandono utilizando estratégias que estão ao seu alcance, como por exemplo, o consumo de bebida alcoólica.

Essa leitura preconceituosa sobre a prostituição também pode ser encontrada no romance *O voo da guará vermelha*. Nele, a meretriz Irene recorre à leitura e à escrita para suavizar as dores que sente. Com a prostituição vieram a degradação e o isolamento. O narrador também revela uma postura preconceituosa e manifesta um olhar de piedade sobre a prostituta: "Rosálio leva sua caixa e leva decepção de hoje ainda não ouvir ler do livro de mil histórias, mas há que ter paciência, que a pobre mulher que lê deve estar muito doente" (REZENDE, 2005, p. 38).

Tanto Luísa quanto Irene sentem na pele o abandono da sociedade e a ingratidão de seus clientes, que as enxergam como "válvula de escape" para seus desejos libidinosos. Ambas aparecem como mulheres desoladas, devastadas. Elas mantêm uma relação intrínseca entre o papel sexual representado e o espaço em que estão inseridas, pois exercem seu ofício às escondidas, em ambientes fechados (casarão, bar, bordel) frequentados por um número reduzido de homens que buscam o amor venal, o sexo efêmero. As obras não fazem referência à ida das prostitutas a lugares visitados por mulheres casadas, como igrejas, teatros, restaurantes, entre outros. Talvez porque estes ambientes sejam proibidos para as meretrizes, já que as "boas famílias" não admitem dividir o mesmo espaço com essas mulheres porque ainda permanece a ideia desenvolvida na ciência médica do século XIX de que a prostituta é uma ameaça, podendo "estimular" o desejo das senhoras casadas a participar da vida pública. Pensando assim, a sociedade estabelece uma segregação entre os lugares que devem ser frequentados pelas prostitutas e pelas mulheres ditas honestas, determinando o espaço de cada uma de acordo com a ética, os costumes e os valores bastante particulares que elas demonstram ter. O grupo das meretrizes "espelha o espaço público do Mangue [...] as ruas adjacentes, a Lapa, os bares, as avenidas, o carnaval. É o espaço marcado pelas noções de mobilidade (não-permanência), de não-família, de prazer instrumentalizado pelo corpo, de dispêndio, de ausência do 'trabalho'" (GOMES, 2008, p. 136). Nesse

caso, o espaço da prostituta é o da desordem, por não estar em conformidade com o modelo de conduta familiar aceita socialmente.

O grupo das mulheres casadas, por sua vez, “espelha o espaço privado, o mundo da casa, marcado pelas noções de permanência, de família nuclear, de trabalho, da repressão do corpo como lugar de prazer, da noção de honestidade, de economia” (GOMES, 2008, p. 136). Tal espaço se caracteriza pela presença de regras/normas, onde são respeitados os valores tradicionais, tornando o lar um ambiente sagrado. Dentro desta divisão preconceituosa, Luísa e Irene não são aceitas, pois não constituíram uma família padrão, composta pelo pai, pela mãe e pelo(s) filho(s). Elas são mães solteiras, cujos pais os filhos desconhecem. A dialética entre o espaço da ordem e da desordem surge como um divisor de grupos, arremessando à margem social todas as pessoas que transgridem os padrões morais e os preceitos religiosos. Nessa separação, as prostitutas são rebaixadas e condenadas ao isolamento.

Os romances analisados comprovam a nossa tese de que por força dos severos códigos comportamentais prescritos por uma sociedade patriarcal e, em boa parte, calcados na moral cristã, a prostituta ocupa um lugar sempre à margem, não podendo vir ao centro. O lugar que Luísa e Irene ocupam na condição de meretriz é, sem dúvida, a margem. A elas são negados todos os direitos humanos e a dignidade necessária à vida em coletivo. Embora plenas da sede de amar, o casamento está longe de acontecer, pois o preconceito e o machismo demonstrados pelos narradores contribuem para a solidão das meretrizes. Das obras, inferimos que a sociedade não permite que o casamento aconteça entre um homem e uma mulher da vida, pois ao transgredir os preceitos morais e religiosos a prostituta assinala o rompimento do seu convívio com as famílias de boa conduta.

Inúmeras foram as tentativas de Luísa para abandonar a prostituição, mas parece que caminho não tinha outra porta, havia sempre a mesma porta a sua espera. Prostituir-se foi a forma encontrada para sobreviver, pois outras ocupações não lhe rendiam o dinheiro necessário para se manter. Com Irene não foi diferente: desde a infância recebeu negativas de vida e na fase adulta não houve oportunidades de prestar serviço em outros ambientes que não seja o prostíbulo. Embora Luísa e Irene tenham um filho, a condição de mãe também lhes é negada. Parece-nos que a prostituição anula os demais

papéis que essas mulheres desempenham na sociedade, como se elas fossem apenas putas e não tivessem o privilégio de serem chamadas de “mãe”.

A sociedade é cruel e impiedosa. Não contribui, ou melhor, não permite para/a inserção das protagonistas no centro social para que elas possam constituir uma família que lhe confira o *status* de “rainha do lar”, mãe de família, restando-lhes a solidão e o desprezo.

Na condição de marginais, essas prostitutas não tiverem outro caminho a não ser encarar o vazio e a sensação de abandono. A solidão surge como um sentimento caro e inevitável, haja vista que é imanente ao ser humano. No final do século XX, a banda Legião Urbana já destacava o poder devastador desse sentimento na música *Esperando por mim*: “Digam o que disserem/O mal do século é a solidão”.

A solidão provoca a insegurança e o desespero. Enquanto Luísa demonstra sua revolta, Irene é mais passiva, parece ser conformada com seu insucesso. Luísa é ousada, enfrenta a sociedade, assume outras atividades como corista e atriz de teatro. Já Irene não tem força para encarar um emprego que lhe exija muitas horas de empenho e dedicação. Sua vontade é dormir, descansar e morrer. Na obra, Irene mantém uma relação de amigo com Rosálio, cujo nome lembra rosário, “coroa de flores, enfiadas de pedras, de madeira, de caroços de fruta, o rosário é oferecido, no Extremo Oriente em outras regiões, aos hóspedes que se deseja homenagear” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 790). Já não há mais tempo nem condição econômica para reverter o quadro de degradação e morte:

> O homem lança ao quarto vazio um último olhar dolorido, uma das mãos apertando a alça de sua caixa, sua ancora nas ondas e correntezas da vida, que, com os livros e brinquedos que há anos vem carregando, leva agora uma camisa e um vestido coloridos, o seu chapéu de palhaço e um caderno todo escrito, a outra mão de mansinho puxando a porta empenada que não se fechará inteira, há de ficar entreaberta no coração de Rosálio, *deixando passar raios da pura luz que é Irene, depois de enterradas as sombras* (REZENDE, 2005, p. 181). (Grifo nosso).

A morte para Irene é inevitável porque carrega consigo o vírus da AIDS. Seu organismo já não resiste mais à fome de alimentos e de afetos. Em *O voo da gurá*

vermelha, é a atmosfera mórbida que impera no final do romance, de modo que podemos ressaltar que a autora empenha-se em construir um cenário propício à despedida. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 842-843), "a sombra é considerada por muitos povos africanos como a segunda natureza dos seres e das coisas e está geralmente ligada à morte". Irene morre em seu próprio quarto vazio e escuro porque não deseja testemunhas para sua dor e para o fim do desejo de viver de amor. Em meio à escuridão na qual morre, os raios da luz adentram no quarto confundindo-se com a própria Irene como se estivesse ressuscitado após a sua peregrinação e falecimento.

Em *Um ramo para Luísa*, o autor também construiu um cenário adequado à morte: "[...] cheiro da terra lavrada pela chuva que o vento da noite trazia até nós" (CONDÉ, 1987, p. 9). Não esqueçamos de que "a água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 16) e que, no caso de Luísa a água que despenca da chuva confirma sua morte, sua partida. Além disso, a água, ainda segundo os dicionaristas, também é um meio de purificação e associada à situação da prostituta e a todas as chagas que ela carrega pode ser interpretada como uma limpeza da alma e perdão dos pecados.

No tecido literário, a solidão aparece para as prostitutas como a morte em vida. É como se a vida não tivesse encanto, não havendo mais a vontade de viver por não se encontrar o sentido da existência. Trata-se de uma morte social graças ao sofrimento e a dor ocasionada pelos sintomas da solidão, que parecem "matar aos poucos como um conta-gotas". A solidão traz consigo a autodepreciação, o desestímulo e o medo: o diagnóstico da pessoa solitária. A sensação de abandono e vazio é o preço que Luísa e Irene tiveram de pagar, por violarem o código das relações de gênero, calcado no pensamento da sociedade patriarcal. Impossibilitadas de enfrentar essas estruturas, as meretrizes reconhecem que a morte é a alternativa imediata para sair do estado de abandono. Ressaltamos que a solidão gera ainda a angústia e esta, por sua vez, desperta o desejo de morrer. Luísa e Irene morrem paulatinamente, tentam lutar contra a solidão mas logo são vencidas, pois aos olhos dos conservadores a morte é o castigo merecido por terem desrespeitado os dogmas religiosos e preceitos morais, conforme lemos na passagem bíblica já citada neste trabalho: "Porque o salário do pecado é a morte"

(Romanos 6:23). Incapazes de se adaptarem à vida solitária, as meretrizes não conseguem sua emancipação e permanecem na posição inferior nas relações sociais até a morte por fim a toda sua existência.

Ao compararmos a situação de Luísa e Irene, uma constatação vem à tona: elas, antes de serem putas, são mães. Não nasceram putas, tornaram-se putas constituídas pela sociedade, pelos clientes. É bastante expressivo o desejo que Luísa e Irene têm de criar o filho, de passar mais tempo da vida com ele, cuidando do seu crescimento e do seu bem estar. Trabalham na prostituição para alimentarem o filho, vivem desempenhando o papel de mãe e de prostituta ao mesmo tempo, como se um não existisse sem outro. Exercer a identidade de mãe e de puta concomitantemente é reconhecer que uma moeda tem dois lados. Essas meretrizes estão sempre batalhando, amando, sonhando... Suas vidas são conjugadas no gerúndio, portanto, a prostituta é um ser no gerúndio[27]. Sendo mães são putas, sendo putas são mães, haja vista que "da pulsão não se deveria, portanto, admitir que ela 'é', mas sim que 'seu ser' se concebe como 'sendo', conjugando-se no tempo permanente do gerúndio" (ROZENTHAL, 2014, p. 56). Ao contrário do que pensa a sociedade tradicional, um papel não anula o outro, apenas reforça que a prostituta é dotada de sentimentos/afetos como todas as mulheres, sendo capazes de lidar com papéis distintos.

Ao término deste trabalho, resta-nos fazer algumas observações. A primeira consiste no fato de que as leituras negativas e preconceituosas sobre a prostituição ensejadas pelos narradores dos romances analisados neste trabalho não sugerem que José Condé e Maria Valéria Rezende comungaram, resignadamente, dos valores patriarcais, condenando as prostitutas. Admitimos que a habilidosa maneira como as estruturas sociais de poder foram descritas nas obras podem nos levar à leitura de que os escritores são preconceituosos em relação ao meretrício. Já a segunda está relacionada à importância da temática trazida ao centro das narrativas, permitindo-nos enxergar através das lentes da ficção o lugar destinado à prostituta inserida em uma sociedade sexista e opressora, que a condena à solidão, à marginalidade e ao desespero, encontrando a paz na morte, o que confere grande valor às obras. Por fim, destacamos a necessidade de se pensar sobre a temática da prostituição, haja vista que tal ofício exige

[27]A expressão faz referência ao título do livro *O ser no gerúndio:* corpo e sensibilidade na psicanálise, de Eduardo Rozenthal (2014).

uma (re)descoberta e uma inserção nas discussões acadêmicas e científicas. Cabe às novas pesquisas desmitificar tabus e esclarecer os símbolos relacionados ao corpo e a atuação da prostituta para que os amores alugados não sejam interpretados de forma equivocada e preconceituosa.

Descriminalizar a prostituição e respeitar as prostitutas, dando-lhes voz e visibilidade para que elas possam romper com o silêncio que as acorrentou durante muito tempo seria o maior gesto de democracia e o passo fundamental que as pessoas poderiam manifestar frente a necessidade de inserção da meretriz na família e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALDER, Laure. *Os bordéis franceses*– 1830/1930. Tradução Kátia Maria Orberg, Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: companhia das letras/Círculo do Livro,1991. (Coleção A vida cotidiana).

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Travessias).

_____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. 4v.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A Solidão Intimista na Cidade Mundial:* uma análise da experiência da migração. São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado).

ALVAREZ, Gabriel, TEIXEIRA RODRIGUES, Marlene. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids. *Ser Social.* Brasília, v. 0, n. 8, set. 2009.

AMADO, Jorge. *Os pastores da noite*. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 1964.

_____. *Tereza Batista cansada de guerra*. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensoriais e empolgantes episódios:* emoção e suspense! Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Seara Vermelha*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

_____. *O país do carnaval*. 49. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Cacau*. 31.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Suor*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Capitães da areia*. 95. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Jubiabá*. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Mar morto*. 45. ed. Rio de Janeiro:Record, 1978.

_____. *Terras do sem fim*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *São Jorge de Ilhéus*. 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Os velhos marinheiros ou o capitão de longo curso*. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Dona Flor e seus dois maridos*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Tenda dos milagres*. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Oswald de. *A trilogia do exílio*: I. Alma (1922) – II. A estrela do Absinto (1927) – III. A escada vermelha (1934). São Paulo: Globo, 2003. (Obras completas de Oswald de Andrade).

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*: Idílio. 17. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ANDRADE, I. *Prostituição e exploração:* comercialização de sexo jovem. Disponível em http:/www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45. Acesso em 07/maio/2007.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 36. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Bom Livro).

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 2. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1990.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução João Bénard da costa. 3. ed. Lisboa: Antígona, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BARRETO, Sonní Lemos. *"Espaços (mal)ditos":* representações dos bordéis mossoroenses nas décadas de 1950 e 1960. Natal: UFRN, 2011. (Dissertação de mestrado em História).

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo.* Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. Jogo e prostituição. *In.*: *Obras Escolhidas*, v. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário***.** Rio de Janeiro: Rocco, 1955.

BOAS, Sergio Vilas. *Biografias & Biógrafos:* jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

BRIVIO, Gustavo do Rego Barros. *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado:* um estudo estatístico. Salvador: UFBA, 2010. (Dissertação de mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo).

BUARQUE DE HOLANDA, Chico. Umas e outras. *In.:* _____. *Umas e outras*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2012. (Coletânea De todas as maneiras; CD 1).

BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo:* o erotismo romance naturalista brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaios de Cultura; 21).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAIUBY, Armando. *O mistério do cabaré*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1931.

CALLIGARIS, Eliane dos Reis. *Prostituição:* o eterno feminino. São Paulo: Escuta, 2005.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. *In*.: JOBIM, José Luís (orgs.). *Palavras da crítica*: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira:* momentos decisivos (1836-1880). 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

_____. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

_____. O direito à literatura. *In: Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

CAMINHA, Adolfo. *O Bom Crioulo*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964.

CANTON, Kátia. *Corpo, identidade e erotismo.*São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas de arte contemporânea).

CARMO, Paulo Sérgio de. *Entre a luxúria e o poder*: a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CARPEAUX, O. M. Introdução. *In*: REBELO, Marques. *Marafa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CARRARA, Sérgio. A luta antivenérea no Brasil e seus modelos. *In*.: PARKER, Richard, BARBOSA, Regina M. (org.). *Sexualidades brasileiras.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Social suffering in debate. *Revista Psicologia USP*, 2003, vol. 14, nº 3, p. 57-72. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf. Acesso em 20/jan./2006.

CASTRO, Ricardo Vieira Alves de. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. *In*.: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano:* as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva e et. al. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHILAND, Colette. *O sexo conduz o mundo*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

CONDÉ, José. *Um ramo para Luísa*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CURADO, José Alberto da S. A mulher de "vida fácil" numa conjuntura difícil. *In*.: ÂNGELO, Assis e et. al. *A prostituição em debate*: depoimentos, análises, procura de soluções. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

DE MARCO, Valéria. *O império das cortesãs*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DEL PICCHIA, Menotti. *A mulher que pecou*. São Paulo: Martins, 1958.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas*: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Cerimônias do Esquecimento*. Cuiabá: Edufmt, 1995.

DOLTO, Françoise. *Solidão*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DUMAS FILHO, Alexandre. *A dama das camélias*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. São Paulo: Geração Editorial, 1991.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores:* saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

ESPINHEIRA, Gey**.** *Divergência e prostituição:* uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do estado da Bahia, 1984.

FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel. Traçando a batalha: breve perfil da prostituição em espaços privados de porto alegre. *In*.: FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana I., BENEDETTI, M. R. (orgs.). *Na batalha:* identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000.

FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil:* 1855-1865. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1993.

FERRO, Eula Pereira. *Prostituição e romance.* Goiânia: UCG, 1997.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Tereza Batista cansada de guerra. *Revista Garrafa*, v. 7, set./dez. 2005. Disponível em: <http://ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa7/10.html>. Acesso em: 22 mar. 2013.

FILHO, Hermilo Borba. *As meninas do sobrado:* novelas. Porto alegre: Globo, 1976.

FILHO, Ozíris Borges. *Espaço e literatura*: introdução à topoanálise. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. (Coleção Agarana).

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade 2:* o uso dos prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *História da sexualidade III:* o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. A mulher/os rapazes: história da sexualidade (extraído da História da sexualidade v. 3). Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).

FREITAS, Renan Springer de. *Bordel, bordéis:* negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.

_____. *Cinco lições de Psicanálise*: contribuições à psicologia do amor. Tradução Durval Marcondes e et. al. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FRYE, Northrop. *Anatomia de la crítica*. Caracas: Ed. Monte Ávila, 1991.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa:* prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zarah, 1988.

GIKOVATE, Flávio. *Ensaios sobre o amor e a solidão*. 10. ed. rev. São Paulo: MG Editores, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

KIRSCH, Jonathan. *As prostitutas na Bíblia:* algumas histórias censuradas. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

KOHAN, Silvia Adela. *Lasestrategias del narrador*: como escoger La voz adecuada para que el relato fluya, tengaunidad y atrape al lector. 6. ed. España: Alba, 2014.

HORTA, Maurício. *Luxúria:* como ela mudou a história do mundo. São Paulo: LeYa, 2015.

LEGARDE, Marcela. *Los cautiverios de lasmujeres:* madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Universidad Autónoma de México, 1997.

LEGARDINIER, Claudine. Verbete: Prostituição I. *In*: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora Unesp, 2009.

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva. Um grito feminino e poético: a mulher prostituta em Vinícius de Moraes. *In*.: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (orgs.). *Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

LESSA, Orígenes. *Beco da fome*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Codecri,1978.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda:* arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Bestseller, 2007.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MACHADO, Dyonélio. *Passos perdidos*. São Paulo: Moderna, 1982.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Tradução Giasone Rebuá. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MARTINS, Luís. *Lapa*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B. *Prostituição à brasileira*: cinco histórias. São Paulo: Contexto, 2015.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

MOISES, Massaud. *Histórias da literatura brasileira:* Modernismo. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vila:* prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAES, Eliane Robert. Uma prostituta no limiar do Modernismo. *In*.: VELLOSO, Monica Pimenta, ROUCHOU, Joelle, OLIVEIRA, Cláudia de (orgs.). *Corpo*: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

MUNK, Veronica. Em breve uma Europa livre de prostituição? *In*.: SIMÕES, Soraya Silveira, SILVA, Hélio R. S., MORAES, Aparecida Fonseca (orgs.). *Prostituição e outras formas de amar*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

NAHRA, Cinara. *Malditas defesas morais.* Natal, RN: Cooperativa Cultural UFRN, 2000.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tomo II, 1952.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O doce veneno da noite:* prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). Campina Grande: EDUFCG, 2008.

NERY, Hermes Rodrigues. A dinâmica criadora de Jorge Amado. *In*.: RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*: história, teoria e crítica. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. A prostituta: mulher de vida ambivalente ou a ambivalência de uma profissão? *In*.: SILVA, A. de P. D. da (org.). *Gênero em questão:* ensaios de literatura e outros discursos. Campina Grande: EDUEP, 2007.

OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir puta:* políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. *In*.: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (orgs.). *Prazeres dissidentes.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual.* Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

PENNA, Lucy. *Corpo sofrido e mal-amado*: as experiências da mulher com o próprio corpo. São Paulo: Summus, 1989. (Novas buscas em psicoterapia, v. 37).

PEREIRA, Armando. *Prostituição:* uma visão global. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PESSOA, Alfredo Amorim. *Os bons velhos tempos da prostituição em Portugal.* Lisboa: Antígona-Frenesi, 2006.

PHETERSON, Gail. *The prostitution prism*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1996.

PIRES, José Maria et al. *O grito de milhões de escravas:* a cumplicidade do silêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

PISCITELLI, Adriana. Exploração sexual, trabalho sexual: noções e limites. *In*.: SILVA, Daniele Andrade da et. al. *Feminilidades*: corpos e sexualidade em debate. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. (Sexualidade, gênero e sociedade).

QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada:* a face eterna do feminino. Tradução Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Amor e Psique).

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____.*Os prazeres da noite:* prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REBELO, Marques. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: Tecnoprint/Ediouro, [s/d]. (Coleção Prestígio).

_____. *Marafa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

REBELLO, Janaina Fernandes. *A multiplicidade de enfoques sobre o amor na narrativa brasileira.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Tese de doutorado).

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000.

REIS, Douglas Ricardo Hermínio. José de Alencar e o teatro: um romântico realista. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 35, n. 1, 2013. p 63-73.

REVERÓN, Nayive. *Prostituição:* exploração sexual e dignidade humana. Tradução Cristina Paixão Lopes. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção temas sociais para a juventude).

REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história.* Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1980. (Série Bom Livro).

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média.* Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROZENTHAL, Eduardo. *O ser no gerúndio*: corpo e sensibilidade na psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a morte*: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. Tradução Karina Jannini. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Coleção obras de Schopenhauer).

SILVA, Rogério Araújo da. *Prostituição:* artes e manhas do ofício. Goiânia: Cânone Editorial, Ed. UCG, 2006.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...*: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Antonio Clarindo B. *Por um real de amor:* representações da prostituição na MPB. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. Participação popular e engajamento de prostitutas na luta por direitos. *In*.: BRAYNER, Flávio (org.). *Educação popular*: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015. v. 2.

SOUSA, Francisca Ilnar de. *O cliente:* o outro lado da prostituição. Fortaleza: Annablume, 1998.

SPIVAK, Gayatri. *Tendências e impasses***:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro).

TACCA, Oscar. O narrador. *In*: *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

THEODORE, Barrière; THISBOUST, Lambert. *As mulheres de mármore*. Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1873.

TREVISAN, Dalton. *A polaquinha*: romance. Rio de Janeiro: Record, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VILLARES, Laura. *Vertigem*. São Paulo: Antonio Tisi, 1926.